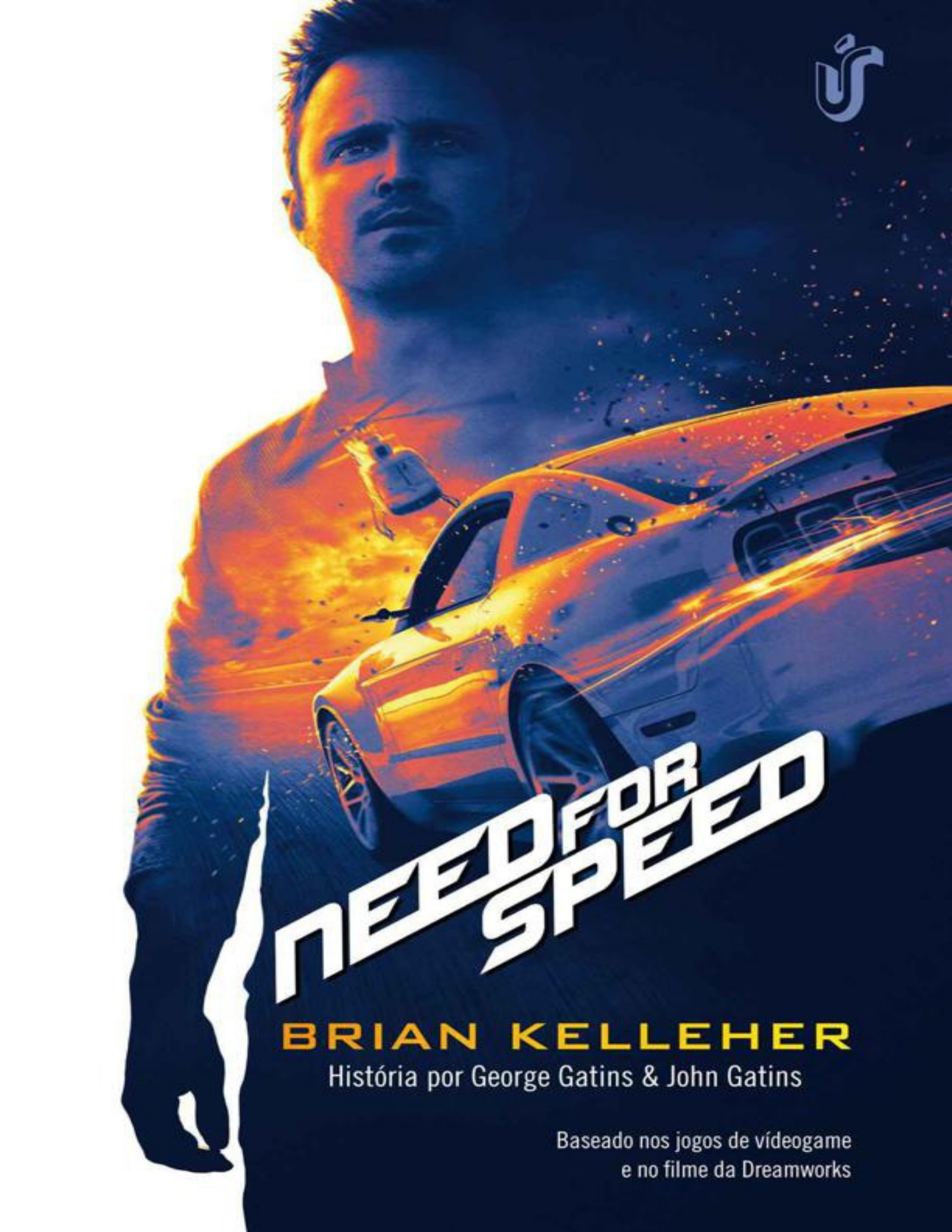




NEED FOR SPEED

BRIAN KELLEHER

História por George Gatins & John Gatins

Baseado nos jogos de videogame
e no filme da Dreamworks

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BRIAN KELLEHER

**NEED FOR
SPEED**

TRADUÇÃO

EDMUNDO BARREIROS

ÚNICA
editora

Gerente Editorial

Mariana Rolier

Assistente Editorial

Carolina Pereira da Rocha

Editora de Produção Editorial

Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção

Fábio Esteves

Tradução

Edmundo Barreiros

Projeto gráfico e diagramação

Osmane Garcia Filho

Revisão

Malvina Tomáz

Produção do e-book

Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Need for speed*

Copyright © 2014 Dreamworks II Distribution Co., LLC

NEED FOR SPEED™ and logo are trademarks of EA

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Tel.: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kelleher, Brian

Need for speed / Brian Kelleher ; tradução de Edmundo Barreiros. — São Paulo : Única Editora, 2014.

ISBN 978-85-67028-16-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00798

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

mount kisco, nova york

OS POLICIAIS estavam esperando por eles desta vez.

Quando recebeu a dica de que ia rolar outro racha em sua cidadezinha modorrenta, a polícia de Mount Kisco resolveu assumir a ofensiva.

O comandante da patrulha noturna havia reunido três viaturas exclusivamente dedicadas a impedir essa tal corrida de rua. Para isso, elas estavam equipadas com ferramentas extraordinárias: três radares portáteis novos extremamente precisos, três jogos extras de *walkie-talkies* e, emprestados da Polícia Estadual de Nova York, um perfurador de pneus bloqueador de fugas.

O dispositivo era formado por pinos de metal pontiagudos de cinco centímetros, apontados para o alto e presos a uma base de plástico rígido. A ideia era jogar aquilo na frente de qualquer carro que precisasse ser detido para perfurar seus pneus e, assim, obrigar os infratores da lei a parar.

Parecia uma medida drástica, mas a polícia achava que a situação tinha chegado a esse ponto. Havia uma cultura de corridas de rua ilegais em Mount Kisco; a maioria dos participantes era adolescentes ou jovens na casa dos vinte anos, e todos bem conhecidos da polícia.

Contudo, nenhuma prisão podia ser feita sem pegá-los em flagrante. E verdade seja dita: os motoristas que corriam nas ruas eram todos muito habilidosos e também corajosos. Seus carros eram totalmente modificados com equipamento ilegal que os fazia correr anos-luz mais rápido que um veículo normal de passageiros. Em ocasiões anteriores, os corredores de rua não tiveram muita dificuldade para se livrar de nenhum carro de polícia que tentou persegui-los.

Nesta noite, o Departamento de Polícia de Mount Kisco esperava virar a mesa.

As três viaturas extras estavam posicionadas ao longo do provável percurso da corrida ilegal.

Um dos carros estava escondido em um beco na região comercial do Centro. Outro estava perto do cemitério da avenida Lexington, e o terceiro estava ao lado da estátua do Chefe Kisco, no entroncamento das Rotas 133 e 117.

O informante dissera que a corrida ia começar à meia-noite, mas às 23h55, cinco minutos antes, entraram três carros voando na cidade.

Eram um Gran Torino 1968, um Camaro 1969 e um Pontiac gto 1966.

Eles passaram pelo primeiro carro da polícia tão depressa e de modo tão inesperado que o policial ao volante não conseguiu nem ligar o motor a tempo. O trio de pilotos já havia desaparecido antes mesmo que ele conseguisse engrenar a viatura.

O policial, forçado a avisar o segundo carro posicionado adiante, descobriu que seu *walkie-talkie* estava tomado por estática e interferência. O mesmo ocorria com o rádio do painel do carro. Em decorrência disso, ele não podia ouvir o colega. E o colega tampouco podia ouvi-lo. Parecia até que alguém estava interferindo em sua comunicação.

Uma perseguição era inviável, porque o primeiro carro da polícia não podia confirmar para onde tinham ido os três corredores. O policial finalmente usou o celular para ligar para a segunda viatura, que estava parada perto do cemitério da avenida Lexington à espera.

Entretanto, os três corredores também já haviam passado como foguetes pelo local, e o novo radar portátil da segunda viatura não registrou nada. Os três carros surgiram ali de repente, correndo a mais de 160 km/h e, como fantasmas furtivos, desapareceram quase com a mesma rapidez.

O segundo policial viu os três carros apenas como um borrão, mas mesmo assim sabia que eles estavam desobedecendo a uma lista longa de leis: excesso de velocidade, dirigir na contramão, direção perigosa, dirigir veículos sem placa de identificação e, muito provavelmente, uso de equipamento ilegal de interferência em telecomunicações.

Tudo o que esse segundo policial pôde fazer foi seguir na mesma direção em que os três carros velozes tinham desaparecido. Contudo assim que saiu do lugar em que estava escondido quase bateu na primeira viatura, que tinha chegado à sua posição quase no mesmo instante.

Durante todo esse tempo, os dois policiais tentavam de maneira frenética entrar em contato com o colega na terceira viatura para avisá-lo que os carros provavelmente estavam seguindo em sua direção e que ele devia colocar o perfurador de pneus na pista. Contudo, a interferência em seus rádios

continuava com a mesma intensidade, e a comunicação parecia impossível.

Entretanto, o cana na terceira viatura ouviu os três carros se aproximando. Os veículos altamente modificados faziam muito barulho quando seus motores estavam a plena potência. Nesse instante, ele saltou da viatura e colocou o bloqueador de fugas atravessado na Rota 117, bem perto da estátua do Chefe Kisco.

Depois disso, foi para trás de seu carro, sem saber o que esperar quando os carros em alta velocidade atingissem as pontas afiadas.

Isso, porém, não aconteceu.

Numa demonstração de suas habilidades impressionantes ao volante, os três pilotos simplesmente desviaram do perfurador de pneus, subindo o meio-fio e seguindo pelo acostamento até passarem pelo perfurador de pneus. Fizeram isso correndo a mais de 160 km/h.

Depois disso, a estrada virava uma reta, e então os carros engrenaram suas marchas mais altas e desapareceram.

Só mais tarde a polícia de Mount Kisco percebeu que a dica tinha sido dada por um dos próprios corredores.

Ser perseguido pela polícia era parte da atração das corridas de rua ilegais.

Mount Kisco ficava no Norte do estado de Nova York, em torno de quinze quilômetros a leste do rio Hudson e só a cerca de meia hora ao Norte da cidade de Nova York.

Com uma população de 10 mil pessoas, a cidadezinha era conhecida como uma comunidade-dormitório para executivos bem pagos, que trabalhavam em Manhattan, e também refúgio para os megarricos. Lugares reservados como Guard Hill, Mount Kisco, Chase e Glassbury Court tinham casas tão luxuosas que só os absurdamente ricos podiam comprar. O centro comercial era composto em especial por boutiques de designers, lojas de grifes exclusivas, cafés charmosos e restaurantes caros. E com cerca de 800 mil metros quadrados, o Mount Kisco Country Club ocupava quase 10% da cidade.

Mount Kisco, no entanto, também tinha uma área pobre. A região da avenida Lexington, no lado Oeste, era o lar de famílias que viviam abaixo da linha de pobreza. A maioria dos moradores da cidade evitava o lugar, apesar de ser onde era possível comprar drogas. Sabia-se que os garotos da escola do ensino médio local, alunos da escola preparatória para a Faculdade Jay Prep, da State University of New York, e até alguns moradores do lado rico no leste davam uma passada na avenida Lex de vez em quando. Era especialmente fácil conseguir maconha por lá, em geral a preços razoáveis.

Apesar disso, os índices de criminalidade da cidade eram muito baixos. Como a polícia quase não tinha o que fazer, costumava perturbar os adolescentes em seus pontos de encontro, como o Applebee's, na Main Street. E gostava especialmente de dar duras em festas com menores e bebidas em Pride Rock e embaixo da caixa d'água da cidade.

Acabar com a praga das corridas de rua ilegais na cidade era, porém, algo que ainda não tinham conseguido fazer.

Havia uma oficina mecânica, logo ao Norte do centro da cidade, chamada Marshall Motors. Era um lugar bem conhecido que funcionava havia quarenta anos.

Era uma construção grande e quadrada, com uma fachada de pedra lisa, muitas janelas e uma entrada coberta bem grande que lembrava um hotel. Letreiros externos anunciavam lanternagem e mecânica. Havia quatro baias mais espaço para vários carros na frente e nas laterais.

Nesse dia, havia alguns carros estacionados do lado de fora, todos com pequenos “ferimentos”, esperando por conserto. No interior, um Taurus 2004 estava no elevador principal refazendo os freios. Na baia ao lado, um Neon 2007 aguardava o selo de inspeção. Ao lado do Neon, um Chevelle 1970 clássico, sem os cromados e os vidros e coberto com uma primeira camada de base cinza estava prestes a seguir para a cabine de pintura para a última demão.

A oficina era um lugar extremamente organizado, com centenas de peças de carros bem ordenadas em prateleiras e nas paredes. Latas de tinta automotiva de primeira qualidade ocupavam um dos cantos. Os mecânicos na Marshall Motors não só consertavam carros. Eles também os pintavam, restauravam, e, se fosse o caso, os transformavam em corredores de rua, aparelhados com equipamento ilegal que os fazia andar muito.

Os funcionários da Marshall Motors também eram bem conhecidos da polícia.

Mount Kisco tinha um tipo diferente de economia quando a oficina abriu em 1974.

Na época, a maioria das pessoas ganhava um bom salário e muitas famílias tinham dois ou mais carros. Quando precisavam trocar o óleo, regular um motor ou consertar um amassado, muitos procuravam a Marshall, e o negócio prosperou.

No entanto, os caminhos do dinheiro mudaram nos últimos anos. À medida que os ricos da cidade ficaram mais ricos, eles compraram bmws, Mercedes e Bentleys, e os levavam apenas às oficinas autorizadas. Enquanto isso, os pobres ficaram mais pobres e perceberam que tinham de trocar o óleo do próprio carro ou consertá-lo por conta própria (e esqueçam isso de arrumar os pequenos amassados).

Atingida em cheio por essa situação, a Marshall Motors teve sérios problemas, em especial recentemente. Até o trabalho de customização estava diminuindo nesses dias. Nessa manhã, apesar de haver cinco carros esperando para entrar, havia doze vagas para clientes vazias na parte externa, e duas das baias estavam vagas.

Os negócios podiam estar melhores.

Uma das paredes da oficina era coberta por fotos.

Elas mostravam um menino feliz em várias fases de crescimento, sempre com carros a sua volta. Aos quatro anos, ele sorria enquanto posava num carrinho bate-bate num parque de diversões local. Aos oito, foi fotografado correndo em karts para crianças com um grande sorriso no rosto. Aos dez anos, o menino estava de capacete, correndo em karts de competição. Em várias fotos estava com troféus de todo tipo de corrida, sempre sorrindo. Sempre com os pais orgulhosos ao seu lado.

Depois disso, porém, as fotos contavam uma história diferente. Quando ele devia ter cerca de uns onze anos, a mãe do menino de repente sumiu das fotos, e não havia mais fotos do garoto sorrindo. Ele e o pai apareciam em mais meia dúzia de fotos, tiradas ao longo dos dez anos seguintes no interior da oficina enquanto consertavam carros, os dois com a cara fechada e perdidos no trabalho.

Depois as fotografias paravam completamente.

* * *

Hoje havia quatro rapazes no interior da oficina; três deles estavam trabalhando.

Um era Benny Garrett. Um afro-americano alegre e dono de uma personalidade marcante. Benny era o “pistola” da oficina, ou apenas o pintor. Seu trabalho era considerado excepcional por todos.

Ele tinha sido dispensado recentemente do exército. Sua ideia original era

alistar-se para sair de Mount Kisco, mas acabou indo parar no Iraque e no Afeganistão como parte da tripulação de solo de um helicóptero. Tinha visto como todas as silenciosas lojas em Fallujah se transformaram em fábricas de bombas e quantos fazendeiros tinham os próprios tanques em funcionamento, necessários para proteger dos ladrões suas plantações de papoulas.

Muito pouco de seu tempo no exército havia sido divertido ou excitante, e ele tinha visto morte e destruição o suficiente para durar várias vidas. Quando voltou para casa depois de quatro anos e três períodos de combate, ele jurou que nunca mais deixaria Mount Kisco.

Entretanto, ele também trouxe com ele uma cabeça cheia de histórias sobre o tempo que passou na “Caixa de Areia”. E como sempre foi conhecido por ter imaginação muito rica, os amigos de Benny ouviam suas histórias sabendo que elas tinham um pouco de tempero extra. Isso era só o jeito de Benny.

Na baia seguinte, regulando a suspensão dianteira de um Ford Gran Torino 1968 customizado, estavam os dois mecânicos chefes da oficina, Joe Peck e Finn.

Joe era o mais velho do grupo, com bem mais de 30 anos. Era um sujeito grande, de braços e peito fortes, fanático por musculação. Tinha rosto moreno, olhos castanhos, um cavanhaque denso mas bem aparado e, com muita frequência, um palito no canto da boca.

Dos quatro, Joe era quem estava na Marshall Motors havia mais tempo. O primeiro emprego que arranhou lá foi aos sete anos, varrendo o lugar, e nunca mais saiu. Aprendeu o ofício com o fundador da empresa e se revelou um dos melhores mecânicos no condado de Westchester.

Finn era o contrário de Joe. Era pequeno, pálido, com cabelo claro e traços tristes. Tinha 25 anos e era o único dos quatro que tinha feito faculdade. Apesar de formado em Administração de Empresas num *campus* próximo da State University of New York, ele odiava a vida de escritório e nunca de fato correu atrás de uma carreira profissional na área. No dia seguinte ao que pegou o seu canudo, ele estava de volta à Marshall, trocando óleo e instalando amortecedores.

O quarto jovem era Little Pete.

Com pouco mais de 1,60 metro, o apelido era apropriado. De pele clara com o cabelo cortado como o de James Dean, ele era cheio de energia de um jeito bem pessoal. Se era considerado o caçula da turma da Marshall Motors, também era o que mais entendia de carros e corridas, legais ou não. Também era um piloto excelente e tinha um Chevy Camaro 1969 que reformara a partir das rodas praticamente sozinho.

Pete raramente era visto sem seu iPad, e hoje não era diferente. Eram duas da tarde, e seu programa em *streaming* de vídeo favorito estava passando. Ele se chamava *Underground Racing*. Era apresentado por um cara muito doido chamado Monarch.

O programa era apaixonadamente dedicado à cultura das corridas de rua: carros mexidos fazendo rachas pelas ruas de cidades e estradas públicas em velocidades frequentemente acima de 250 km/h. Isso não era como uma corrida de *dragsters* numa pista com um grosso livro de regras para regulamentá-la. Isso era apenas correr o mais depressa possível numa estrada aberta, com carros poderosos, mas modificados ilegalmente. Às vezes era por dinheiro, mas na maioria delas era só pela onda de adrenalina, sempre muito forte.

Apesar de a versão moderna do esporte ter começado no Japão, com entusiastas correndo um contra o outro em estradas cheias de curvas nas montanhas, sua história nos Estados Unidos era bem mais antiga. Nos tempos da Lei Seca, contrabandistas de bebida envenenavam os motores de seus carros para escapar de qualquer representante da lei que os perseguisse. Depois que a bebida tornou-se legal novamente, os contrabandistas passaram a apostar corridas uns contra os outros em seus carros mexidos, e assim nasceram os rachas norte-americanos.

Naqueles dias, a tecnologia e o mecânico certo podiam pegar um automóvel típico vendido ao consumidor e dobrar ou mesmo triplicar a potência de seu motor para quinhentos cavalos ou mais. Contudo, isso era apenas o começo. Veículos ultracaros construídos especialmente para esse propósito (Lamborghinis, Ferraris e Bugattis) podiam, com facilidade, chegar ao dobro desse número. Com esses carros, velocidades acima de 300 km/h não eram nada demais, o que os transformava em borrões para as pessoas que dirigiam dentro dos limites de velocidade das estradas interestaduais ou pelas ruas das cidades. A velocidade “inalcançável”, o Santo Graal das corridas de rua, estava em torno dos 400 km/h. Isso é mais do que um quilômetro a cada dez segundos. Assim como quebrar a barreira do som num caça a jato, uma velocidade dessas num carro pode ser excitante. Contudo, bastava um único movimento em falso e a pessoa atrás do volante acabava, na maioria das vezes, morta.

Monarch era o apresentador perfeito para o programa *Underground Racing*. Havia uma grande mística ao seu redor. Ele transmitia de um local secreto, que só ele sabia onde ficava. Seu público via que ele estava em uma cabine de vidro, com um microfone e uma câmera à sua frente, mas pouca coisa além disso. A única pista sobre sua localização era o barulho eventual de gaivotas piando ao

fundo que seus seguidores podiam ouvir, fora da imagem.

Monarch era realmente um homem de mistérios — mistérios e um problema no coração. Corriam rumores de que ele tinha sido piloto profissional por um breve período, mas um dia seu coração parou como um relógio, e ele desistiu. Segundo outra lenda, ele teria patrocinado algumas equipes de Fórmula 1 em corridas importantes como Monte Carlo. E nisso também dizia-se que ele era muito reservado, sempre agindo sob nomes falsos.

Tirando isso, pouquíssimo se sabia sobre ele.

O *podcast* em *streaming* de Monarch era privado, só para convidados, e ele era bem seletivo em relação a quem chamava para sua festa. Mesmo assim, tinha muitos, apesar de discretos, seguidores. Little Pete era um de seus maiores fãs.

— Hoje ele está demais — disse Little Pete, agora aumentando o volume do iPad para que os outros na oficina pudessem ouvir.

De repente, a voz de Monarch estava ecoando pelas paredes da oficina.

“Você do outro lado da linha, me escute!” — ele estava berrando, falando rápido como sempre. “Você acabou de me chamar de Oráculo de Delfos? A De Leon é a minha corrida, e é linda! E você pode apostar seu rabo que eu sou *mesmo* o Oráculo de Delfos quando se trata de quem é convidado para correr a De Leon e quem não é! Então, cale essa sua boca porque você está falando muita merda e eu não estou mais a fim de aturar.”

Os quatro funcionários da Marshall riram. Monarch era o Howard Stern do mundo das corridas clandestinas. E era um sujeito engraçado pra cacete.

“Mudando de assunto, tenho alguns resultados locais”, disse outra vez a voz de Monarch. “O Havaiano Voador acabou de derrotar o Heavy Chevy no deserto do Arizona. E dizem que não foi muito bonito. Agora, seus cretinos, lembrem-se de que essa rivalidade não acabou. Mas o Havaiano Voador *quase* conseguiu ser chamado para a De Leon este ano como convidado especial. Alguém perguntou o que é cretino? Se vocês não fossem tão cretinos saberiam o que significa cretino! Falta uma semana para a De Leon, fãs da velocidade, então fiquem ligados. Fiquem ligados na onda do *Need for Speed*!”

A De Leon era o campeonato mundial das corridas clandestinas. Enquanto os pilotos sempre eram escolhidos a dedo pelo próprio Monarch, os carros participantes nunca eram menos que Lamborghinis, Bugattis, McLarens e Saleens de milhões de dólares. A corrida era realizada em um lugar diferente a cada ano, e o local era um segredo muito bem guardado até pouco antes da largada. Era quase sempre uma competição brutal e sem regras, em que valia tudo, e cujo vencedor, se houvesse algum no final, ficava com todos os carros

caros que conseguissem cruzar a linha de chegada. A corrida extremamente ilegal era sempre uma grande causa para qualquer representante da lei sob cuja jurisdição ela fosse realizada, e os fãs de corridas de rua sempre aguardavam ansiosos a chegada da próxima De Leon.

Os mecânicos da Marshall Motors permaneciam em transe por causa do programa, mesmo depois que ele acabava, enquanto trabalhavam. Todos menos Joe Peck. Ao mesmo tempo em que ele observava através das portas de vidro da oficina, alguma coisa chamou sua atenção lá fora.

Um homem na casa dos 60 anos que vestia um terno escuro de trabalho estava conversando com o jovem dono da oficina, Tobey Marshall, o garoto que aparecia nas fotografias. Tobey agora estava com vinte e tantos anos, com aspecto rústico, mas bonito e em boa forma. Podia ser um sócio do ator Steve McQueen.

Entretanto, Joe Peck sentiu que ele estava enfrentando problemas muito sérios naquele momento. Joe se aproximou da porta aberta da baia e tentou ouvir a conversa.

— Eu gostava muito do seu pai — ele ouviu o homem mais velho dizer a Tobey. — Ele foi cliente de nosso banco por trinta anos, então esta situação está sendo difícil para mim. Mas você está com seis meses de pagamentos atrasados da hipoteca deste lugar, e não há mais nada que eu possa fazer para ajudá-lo. Vamos ter de executar a hipoteca se você não pagar até a semana que vem.

Tobey não respondeu. Ele só balançou a cabeça e apertou de um jeito estranho a mão do homem. Depois observou em silêncio o homem entrar em seu carro e ir embora.

Assim que Tobey entrou na oficina, percebeu que Joe havia observado a conversa, e talvez escutado também.

— Quem era aquele sujeito? — perguntou a ele Joe.

— Só um cliente antigo do meu pai — respondeu baixo Tobey.

— Eu não o reconheci — disse Joe.

— Talvez ele traga o carro na semana que vem — acrescentou Tobey.

— Ah, é? Qual o problema com ele? — perguntou Joe.

Tobey demorou um momento antes de responder, um pouco irritado.

— Descobrir isso é trabalho nosso, não é?

Joe estudou o amigo por um instante. O pai de Tobey era a razão de Joe estar naquele emprego. Foi ele quem o contratou quando criança para varrer a oficina e, com o tempo, o ensinou praticamente tudo o que havia para aprender sobre o que fazia os carros andarem e correrem rapidamente.

— Está pensando na corrida de hoje à noite? — perguntou Joe a Tobey.

Tobey deu de ombros.

— Bem, eu quero chegar lá cedo — prosseguiu Joe. — Cinco carros vão correr, isso significa que o prêmio vai ser de tipo...

— Tipo cinco mil? — disse Tobey, terminando a frase para ele, depois acrescentando sobriamente um adendo: — Você pode ter certeza de que eu sei.

O carro no elevador da primeira baia da oficina era o de Tobey. Construído em 1968, o Gran Torino esporte de duas portas era originalmente um veículo comum, mas, como Tobey, outros entusiastas o adotaram como plataforma para competir legalmente ou nas ruas.

O Gran Torino de Tobey era bem conhecido dos fãs de corridas de rua do Norte do estado de Nova York e mesmo no resto do país. Ele tinha instalado um grande motor monobloco de alumínio de 5,4 litros reconstruído, com injeção de combustível e um compressor. Cabeçotes enormes, escapamentos e silenciosos duplos foram adicionados ao pacote, junto com uma transmissão manual de seis marchas e uma embreagem muito resistente. O carro se apoiava sobre quatro pneus radiais de corrida de arrancada montados em rodas de magnésio *old school*, e era todo pintado de azul cobalto, com faixas que davam ideia de velocidade acrescentadas com bom gosto nas laterais e sobre o capô.

O esquema da pintura e as faixas davam uma aparência ao mesmo tempo incomum e elegante. Havia algo, porém, que era mais importante que tudo isso: ele era rápido. Fazia de 0 a 100 km/h em menos de seis segundos, impressionante para um modelo tão comum. E havia mais. Sua suspensão tinha sido melhorada pelas habilidades de Joe Peck e Finn, por isso ele fazia curvas como num sonho, e também era excelente no drift, a maneira de fazer uma curva não do jeito normal, mas deixando o carro derrapar de modo que todas as quatro rodas percam temporariamente a tração, permitindo que o carro faça a curva de lado numa espécie de derrapagem controlada. No mundo das corridas clandestinas, o talento de um piloto em fazer drifts falava muito sobre o próprio piloto. Tobey era um dos melhores no país em fazer isso.

Essa era uma das razões pelas quais Tobey se tornou tão conhecido na comunidade de corridas de rua. Ele soubera aproveitar todos aqueles anos, dos carrinhos de bate-bate até o presente. Ele tinha um instinto ao volante, quase um sexto sentido. Quando ligava o carro, sentia que ele se tornava parte de seu corpo, como alguns pilotos de caça dizem quando entram em seus aviões.

Entretanto, ele sempre tinha corrido por diversão. Agora, porém, depois da visita do homem do banco, ele sabia que talvez tivesse de começar a correr por

algo a mais.

ERA SÁBADO à noite.

Tradicionalmente, muitos adolescentes de Mount Kisco descolavam umas cervejas e armavam uma festa em Pride Rock.

Esta noite, porém, havia outra coisa acontecendo. Algo bem ilegal. E estava acontecendo no cinema *drive-in* de Mount Kisco.

A placa na entrada do *drive-in* era um tanto dúbia. Ela anunciava um espetáculo de carros, um ingresso de 10 dólares, churrasquinho e rifas. Entretanto, havia outra coisa rolando ali. Algo de que os tiras não tinham sido avisados. As pessoas começaram a se reunir no interior do *drive-in* logo que escureceu. Apesar de cenas de *Bullit*, um dos melhores filmes de perseguição de carros já feitos, estarem sendo projetadas na tela enorme do *drive-in*, o público não estava lá para ver filme nenhum.

Estavam lá para ver uma corrida de rua.

Ou pelo menos a largada de uma.

O estacionamento do *drive-in* estava repleto de espectadores quando Tobey chegou.

Eram quase onze da noite e havia uma atmosfera inebriante de parque de diversões de interior no local. Com todo mundo de bom humor, a multidão abriu espaço de bom grado para permitir a passagem de seu Gran Torino.

No interior de seu carro altamente customizado, ele e sua equipe estavam sintonizados no programa de Monarch no iPad de Pete. Eles estavam prestes a ter uma grande surpresa.

O apresentador *underground* estava com um ouvinte ao telefone.

“Corre um boato que o De Leon vai ser realizado em New Hampshire este ano” — disse essa pessoa. “É verdade, Monarch?”

“Você nunca vai saber” — respondeu Monarch. “Porque você ia contar para os canas... e ninguém quer isso. Ninguém gosta de x-9! Não é verdade?”

O Gran Torino irrompeu em gritos e aplausos.

“E por falar nisso...” — prosseguiu Monarch. “Acabaram de chegar os resultados de Austin. Texas Mike acabou de postar uma vitória.”

Monarch atendeu outro telefonema.

“Por que o Texas Mike tem uma chance na De Leon e eu não?” — perguntou a pessoa ao telefone.

Monarch explodiu.

“Porque o McLaren F1 do Texas Mike vale 1,2 milhão de dólares, faz 390 km/h e ele sabe o que é dirigir!” — gritou. “E você com sua banheira de parafusos com rodas não sabe. Assim falou o oráculo!”

Mais gritos e palmas da equipe da Marshall.

Monarch fez uma pausa e então continuou.

“Mas, sabem de uma coisa?” — sua voz estava estranhamente calma. “Esta noite meu nariz está farejando em Mount Kisco, Nova York.”

Isso deixou atentos os ouvidos de todos no Gran Torino.

— Vocês estão de sacanagem comigo — falou baixo Benny. — Ele falou mesmo Mount Kisco?

Os outros o mandaram calar a boca enquanto Monarch continuava.

“Estou interessado nessa cidadezinha remota e insignificante esta noite porque Tobey Marshall e Jimmy McIntosh vão correr numa pista com cinco carros” anunciou Monarch. “Esse é um percurso muito difícil e, pelo que eu soube, Tobey Marshall é um piloto do cacete. Mais uma Cinderela querendo um vestido para o baile. Mas estou falando sério. Se Tobey arranjasse um carro à altura de seu talento... ele poderia muito bem conseguir um dia um convite para a De Leon.”

— Essa foi foda, hein? — disse Finn para Tobey. — Primeiro Monarch baba seu ovo. Depois diz que seu carro é uma merda.

— Você quer dizer *nosso* carro! — Peck lembrou a todos.

Tobey deu de ombros.

— Esse é só o jeito dele — disse.

Ele finalmente encontrou um lugar para estacionar o Gran Torino e a equipe da Marshall desceu.

De repente, Little Pete parou onde estava, fechou os olhos e agiu como se estivesse recebendo uma espécie de mensagem do além.

Ele se virou para Tobey.

— Enquanto Monarch estava falando sobre você há pouco, eu tive uma visão.

— Lá vamos nós — murmurou Finn.

— Silêncio — disse Benny com uma risada. — Adoro ouvir as visões do garoto.

Little Pete começou:

— Eu vi água e o Sol e...

— ...e sua irmã num biquíni bem pequeno? — interveio Finn com uma risada.

— Cale a boca! — repreendeu-o Little Pete. — Isso é sério.

Ele se compôs e continuou.

— Tobey estava nessa visão — disse ele. — E vocês sabem o quê? Ele vai ganhar a De Leon.

— É mesmo? — disse Finn, com sarcasmo e bom humor. — Tobey Marshall vai ganhar a corrida de rua mais importante de todas? Contra McLarens e Bugattis e... Esperem... isso vai acontecer este ano?

Finn tinha razão. Sempre rolavam pequenos rachas ilegais, e eles quase exclusivamente eram disputados por automóveis comuns, que todos podiam comprar, como Camaros, Mustangs ou Gran Torinos, customizados. No entanto, a De Leon era outra história, que envolvia carros estrangeiros de luxo como Lamborghinis e Bugattis. Se houvesse algum carro norte-americano envolvido, em geral eram Mustangs gt de preços astronômicos e, talvez, num caso muito especial, um Chevy Corvette, mas isso ocorria raramente.

Como sempre acontecia, era uma questão de quem tinha grana e de quem não tinha. Se Tobey conseguisse recuperar tudo o que havia sido gasto no trabalho que ele e os outros investiram no seu Gran Torino, o preço do carro podia chegar a uns 20 mil dólares, algo assim. Só os pneus dos carros que competiam na De Leon custavam isso.

Mesmo assim, Tobey gostou do entusiasmo de Pete.

— Obrigado pelo voto de confiança, Pete — disse Tobey, que acabara de ver seu principal adversário da noite: o piloto chamado Jimmy McIntosh. — Mas já vou ter bastante trabalho só para vencer Jimmy.

Tobey acenou com a cabeça para o Pontiac gto 1966 todo preparado de McIntosh que estava entrando no estacionamento.

Era um carro bonito. Azul escuro, motor 383 com sobrepressão (*booster*). Carburador quadrangular Holley, pneus grandes, traseira erguida e um enorme sistema de exaustão.

Mas os amigos de Tobey estavam olhando para outra direção.

— Que porra é essa? — murmurou Little Pete.

Um Mercedes slr tinha acabado de entrar no estacionamento. Aquele era um carro muito luxuoso. Era prateado, baixo e tinha a forma de uma espécie de

bala futurista com quatro rodas presas a ela. Visto na companhia de Fords Gran Torinos e Pontiacs gtos, o slr humilhava. Sua produção anual era limitada, e seu nível de preço estava muito acima de meio milhão de dólares.

O carro atraiu muita atenção quando parou no meio da multidão, não apenas pela sua fama, mas também pela de seu motorista.

— Merda, aquele é Dino Brewster? — disse Little Pete, sem querer acreditar nas próprias palavras. — Que merda ele está fazendo por aqui?

Dino Brewster...

Todos o conheciam havia anos; Tobey e ele frequentaram juntos a mesma escola no ensino médio, mas em anos diferentes. Dino tinha 20 e tantos anos, o corpo de um atleta profissional e era bonito. Era uma dessas pessoas que sempre têm o cabelo perfeito, o sorriso perfeito e o carro perfeito. Tudo perfeito.

Ele também era um dos caras mais ricos da cidade. Apesar de nunca ter ficado muito claro qual o trabalho de seu pai, ou mesmo se seu nome verdadeiro era Brewster, Dino sempre teve dinheiro, sempre teve carros novos do cacete e sempre teve as melhores roupas.

E sempre se destacou. Numa escola em que a maioria dos garotos usava jeans, moletons e camisetas, Dino sempre se vestia de preto, quase um gótico com um guarda-roupa caro. Ele também era um grande babaca, arrogante e falador, mas muitas garotas não conseguiam resistir a ele.

Tobey e Dino nunca se deram bem. Eles simplesmente eram diferentes de muitas maneiras. Tobey era um cara simples, de classe trabalhadora, que não gostava de falar de suas realizações. Ele não se importava em sujar as mãos. Dino parecia nunca ter tido um dia de trabalho honesto na vida, e se orgulhava disso.

O interesse por carros era praticamente a única coisa que tinham em comum. Isso também levou a seus muitos atritos.

Eles brigaram de socos certa vez, mas poderia ter havido muitas outras. A porrada rolou no vestiário depois da aula de Educação Física, e Tobey deu uma surra e tanto em Dino. Contudo, não havia ninguém por perto na hora da batalha, não houve testemunhas, então, Dino mentiu e contou outra história sobre a briga. Por causa disso, sempre houve dúvida sobre o verdadeiro vencedor da briga.

Tobey tinha poucos problemas com outras pessoas na cidade. Moradores locais, góticos, *headbangers*, *nerds*... ele se dava bem com praticamente todo mundo. Entretanto, havia uma coisa de que ele não gostava, na verdade, ele detestava, e era gente mentirosa e vaidosa, e isso era Dino em pessoa.

Dino tinha, porém, o talento exasperante de conseguir convencer muita gente de que sua versão da verdade era a certa. E era isso que o tornava tão

maquiavélico. Até gente ferrada por ele no passado podia cair na dele de novo. Para ver como ele era bom. E esses otários normalmente só percebiam o que estava acontecendo quando já era tarde demais, depois que Dino já tinha conseguido o que queria deles.

Tobey já havia corrido contra Dino muitas vezes ao longo dos anos, durante o ensino médio e depois. E não importava o carro de luxo que Dino estivesse exibindo no momento. Tobey sempre o derrotava. Pelo menos isso não se discutia.

Entretanto, com o passar do tempo, Dino conseguiu trabalhar 24 horas por dia, sete dias por semana, para aperfeiçoar sua técnica de pilotagem, enquanto Tobey tinha um emprego normal. Em decorrência da fortuna de sua família e dos contatos de seu pai, Dino tinha a oportunidade de treinar infinitamente ao volante de carros de ponta, enquanto outros garotos de sua idade eram obrigados a trabalhar no McDonald's.

Mergulhado na piscina aparentemente sem fundo de dinheiro do pai, ele podia pagar aulas de pilotagem com alguns dos melhores profissionais do ramo e comprar tempo de treino em algumas das maiores pistas de corrida do nordeste do país.

Mais importante que isso, porém, era que Dino podia contar com os amigos do pai no mundo do automobilismo para colocá-lo em corridas-chave. Pequenas no princípio, depois de porte médio, e depois no circuito profissional de elite.

Isso não foi surpresa, pois ele se encaixava no papel. Ele tinha o visual de um astro do cinema, dirigia carros muito caros, podia pagar por uma boa equipe de apoio e tinha muitos patrocinadores.

Com tudo isso, e também uma boa pilha da grana do papai, ele conseguiu correr as 500 Milhas de Indianápolis.

Na cultura automobilística de Mount Kisco, só Dino tinha alcançado esse ápice.

Até agora...

* * *

A chegada de Dino para o encontro da noite foi o maior corta onda para a equipe da Marshall Motors. Ela fez com que sua conversa animada parasse de repente.

E as coisas só pioraram.

Assim que o Mercedes estacionou, a porta do lado do passageiro se abriu, e uma mulher atraente saltou.

Ela tinha cabelos castanhos compridos, olhos grandes e formas maravilhosas. Ela chegava a brilhar um pouco enquanto se misturava à multidão parada em torno do carro, destacando-se em meio à turba como uma luz na escuridão.

Essa era Anita, a irmã de Little Pete. Na cidade, o adjetivo normalmente usado para descrevê-la era “gostosa”.

Tobey ficou triste assim que a viu. Os dois tinham um passado em comum. E uma história sem final feliz.

Anita namorou Tobey durante quase todo o ensino médio e por alguns anos depois. Eles eram um casal “perfeito”, estavam quase sempre juntos e, quando não estavam, passavam o tempo todo trocando mensagens de texto ou falando ao telefone. Passavam tanto tempo juntos que houve uma época em que um terminava a frase do outro, coisa que incomodava seus amigos.

Eles conheciam bem as famílias um do outro. Tinham subido o monte Kisco muitas vezes. Comeram inúmeras vezes no Applebee’s. Beberam cerveja em Pride Rock. Foi lá que deram o primeiro beijo e transaram pela primeira vez. Como um casal, eram felizes, engraçados e companhia divertida.

Entretanto, durante todo o relacionamento, no fundo, Tobey sabia que eles na verdade eram pessoas diferentes. Os dois queriam coisas diferentes e tinham sonhos diferentes. Os dele estavam dentro da região de Mount Kisco. Manter o negócio do pai e transformá-lo numa das melhores oficinas de customização do país, uma esperança que estava rapidamente se esvaindo. Os sonhos dela começavam a uns 70 quilômetros ao Sul, no glamour da cidade de Nova York, deixando para trás a vida de cidade pequena.

Então eles terminaram. Ela se mudou para Manhattan e Tobey seguiu com a vida. Não havia, porém, um dia em que ele não pensasse nela, e em como as coisas poderiam ter sido.

E agora isso. Dino e Anita... juntos.

Era uma combinação perfeita para acabar com Tobey: sua ex-namorada aparecer com seu rival odiado.

— Sinto muito, Tobey — disse a ele Little Pete. — Ela não me disse que vinha para casa.

— Tudo bem — disse Tobey, tentando se convencer disso.

Mas não era verdade.

Uma multidão logo se formou em torno do Mercedes de luxo de Dino. Enquanto isso, Anita se afastou alguns passos do carro chamativo e, ao fazer isso, a multidão logo se fechou ao redor de Dino. A maioria era de jovens loucos por carros seduzidos por seu charme. Todos queriam tirar fotos com ele e seu Mercedes.

Estranhamente, do jeito que Anita estava vestida, num vestido verde curto e colante com botas sexies que iam até o meio da panturrilha, quase parecia que ela era só mais uma daquelas jovens fãs, perdida na confusão de gente, e não a garota que estava com Dino naquela noite.

— Acha que ele veio aqui porque quer participar? — perguntou Finn, vendo o desenrolar do pequeno drama. — Acham que ele quer correr?

— Ele que se foda — disse Benny. — Não vamos deixar um Mercedes de 450 mil dólares entrar nessa corrida.

— Está mais para 600 mil — corrigiu-o Joe Peck, sofrendo ao admirar penosamente o carro de Dino. — E isso sem contar as adaptações.

— Talvez ele só tenha vindo para ver como um piloto de verdade dirige — disse Finn cheio de marra. — Talvez ele aprenda alguma coisa por aqui.

Tobey sacudiu a cabeça diante da conversa.

— Esse cara correu na Indy — disse ele aos amigos. — Não dá para fazer mais que isso.

— É — disse Joe Peck. — Mas ele só durou uma temporada e meia na Indy.

— Em outras palavras, ele era uma merda — disse Benny.

Contudo, Tobey não parava de sacudir a cabeça.

— Ele chegou entre os cinco primeiros em três provas — disse ele. — Ele não é uma merda. Longe disso. Ele sabe o que faz.

— Mas você precisa lembrar que ele tirou um cara da pista durante uma bandeira amarela... não dá pra jogar mais sujo que isso. Foi por isso que o baniram.

Era mais uma atitude com a cara de Dino.

Finn se virou para Little Pete.

— Dizer que sua irmã estava “meio que” saindo com Dino Brewster era uma coisa — disse ele. — Mas ver que ela está mesmo saindo com ele? Isso é totalmente diferente. Isso é ruim pra cacete.

— É um pesadelo, isso sim — disse acabrunhado Little Pete.

Enquanto isso, a festa e a babação em torno de Dino continuavam animadas. Ele dava autógrafos com a paciência do astro de Hollywood mais simpático. Posava para fotos com os moradores locais sorridente, rindo sem parar. Em determinado momento, tentou puxar Anita para uma das fotos, porém, ela só posou com relutância. Foi o máximo que conseguiu fazer só para conseguir manter o sorriso.

Enquanto a equipe da Marshall não conseguia tirar os olhos daquela ceninha, Tobey era mais afetado por ela do que o resto; mas ninguém estava gostando.

— Se seu pai tivesse a grana que o pai dele tinha — disse Joe Peck a Tobey.

— Você também estaria participando de corridas oficiais.

Tobey só deu de ombros. Quem sabe?

— E ia ganhar dele — acrescentou Finn. — Como ganhou todas as vezes em que os dois competiram no mano a mano.

Tobey sacudiu a cabeça de novo. Essa o atingiu fundo.

— Nem todas — disse com tristeza.

Ele estava olhando para Anita quando disse isso, e agora ela o tinha visto do outro lado do estacionamento. Seus olhos se cruzaram. Centenas de emoções fluíram de um lado para outro, eletricidade em câmera lenta indo e vindo entre os dois.

Ela quebrou o encanto acenando para ele. Tudo o que ele conseguiu fazer foi responder com um aceno de cabeça.

Foi quando ela veio andando em sua direção.

— Ah, merda — disse Joe Peck. — Isso não vai prestar.

A galera logo cercou Tobey.

— Vamos nessa, cara — disse Finn, tentando tirar Tobey da linha de visão dela. — Você não precisa da distração.

Contudo, Tobey sacudiu de novo a cabeça.

— Tudo bem — disse ele. — Tá na boa.

Suas palavras, porém, não convenceram ninguém, nem a ele mesmo.

Joe Peck virou-se para Benny.

— É melhor ir andando, meu — disse a ele, olhando para seu relógio. — A corrida vai começar daqui a pouco.

Benny sorriu, balançou os braços às costas como se fossem asas e começou a cantar.

— *“I believe I can fly... I believe I can touch the sky...”**

Com isso, Benny foi embora “voando”, fingindo ser uma espécie de passarinho humano canoro.

Era Benny sendo Benny.

No instante seguinte, Anita chegou.

Ela era ainda mais bonita de perto, mas também era muito tímida.

— E aí, gente — disse ela com simpatia. — Oi, Petey.

— Oi — respondeu Little Pete, tão baixo que quase não deu para ouvir. Ele não a via fazia um bom tempo.

Eles se abraçaram e Anita perguntou a ele:

— Você vai correr hoje?

— Vou — respondeu ele sem alongar.

— Bem... tome cuidado, está bem? — ela disse com sinceridade.

Pete balançou a cabeça. Então Anita virou-se para Tobey. O resto do grupo

se tocou e caiu fora. Tobey e Anita ficaram sozinhos.

Ela tocou o braço dele, apenas por um instante, mas isso enviou uma onda de choque por todo seu corpo.

— Oi, Tobey — ela disse, tentando sorrir.

— Anita — disse Tobey com um aceno de cabeça, tentando manter a pose.

— Fiquei muito triste quando soube do seu pai — ela disse com delicadeza.

— Você recebeu as flores, não recebeu?

Tobey balançou a cabeça outra vez. Aquilo estava muito desconfortável. Fez-se um longo silêncio. Ele ficou encarando o chão, e Anita olhando fixamente para ele. Ela havia parado de tentar sorrir. A expressão em seus olhos dizia tudo. Ela devia ter ficado com ele...

Anita rompeu o silêncio.

— Obrigada por cuidar de Pete — ela disse.

Tobey apenas deu de ombros.

— Gosto de fazer isso. Ele é como um irmão mais novo para mim.

O sorriso dela voltou por um instante.

— Como vai a oficina? — perguntou, tentando parecer animada. Na verdade, era mais difícil para Anita falar com Tobey do que para ele falar com ela.

— Bem — mentiu Tobey. — Tá tudo numa boa...

Anita ficou um pouco surpresa ao ouvir isso.

— É mesmo? Que bom...

Ela estava fazendo o máximo que podia para ocultar o ceticismo em sua voz. Fez-se outro silêncio estranho. Dessa vez foi Tobey quem o quebrou.

— E aí, como está a cidade grande? — perguntou a ela.

— Eu acho que diferente do que eu esperava — respondeu. — Mas não é isso aqui, com certeza.

Tobey deu um sorriso forçado.

— Você ainda é alérgica a Mount Kisco?

Anita quase riu.

— Você ainda se acha engraçado, hein? — disse ela. — Bem, vou dizer uma coisa: ainda sobraram algumas coisas em Mount Kisco de que eu gosto muito.

Tobey sacudiu um pouco a cabeça.

— Parece que você achou o que estava procurando.

Anita sabia sobre o que ele estava falando: Dino.

— Estou levando as coisas bem devagar — ela disse, quase como se precisasse convencer a si mesma.

Tobey a olhou bem nos olhos.

— Dino não é um cara que leva nada devagar — disse ele, pronunciando

cuidadosamente cada sílaba.

Ela olhou de volta para ele.

— Então você devia ter agido um pouco mais rápido — ela o repreendeu.

Um terceiro silêncio estranho, mas dessa vez seus olhares estavam fixos um no outro.

— Foi isso que você veio aqui me dizer? — perguntou ele num murmúrio áspero.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, não foi — ela respondeu. — Na verdade, Dino quer falar uma coisa com você. Uma coisa importante.

— Eu duvido disso — disse Tobey.

— É verdade — disse ela. — Mas só depois da corrida. Eu não quero distrair você.

Tobey tinha aguentado o suficiente.

— Então você devia ter ficado em Manhattan — disse para ela.

E com isso, ele foi embora.

Era quase meia-noite.

Joe Peck estava parado embaixo da passagem elevada de Mount Kisco, a linha de chegada da corrida que estava prestes a começar. As equipes de todos os carros que iam competir estavam paradas ali por perto.

Finn também estava lá, trabalhando em seu notebook.

O celular de Joe tocou. Era Tobey, que ainda estava no *drive-in*.

— Qual a sua situação? — perguntou a ele Tobey.

— Estamos em posição na linha de chegada — respondeu Joe. — Como está se sentindo?

— Estou bem — disse Tobey. — Vocês fecharam a estrada?

— Bem, o Benny está lá em cima — disse Joe. — Ou pelo menos eu acho que está. Espere aí...

Joe Peck apertou um botão no aparelho de rádio.

— Mentiroso Um — chamou ele no microfone. — Está na escuta?

A voz característica de Benny veio pelo pequeno alto-falante do rádio.

— Isso de novo, não — reclamou ele. — Por que você tem que me chamar por essa merda de nome?

— Eu não faria isso... — disse a ele Joe Peck. — Se você simplesmente parasse de contar às pessoas que pilotava helicópteros Apache quando estava no exército.

— Eu era mecânico da *aviação* do exército — respondeu Benny irritado. —

E uma vez dei uma volta num Apache. Eu só falei isso.

Contudo, isso já era um feito e tanto, e era por isso que os outros da equipe da Marshall Motors tinham suas dúvidas sobre o fato.

Os Apaches eram os helicópteros de combate mais poderosos do mundo. Um Apache era como um tanque com um rotor girando no teto. Eles podiam carregar centenas de quilos de bombas, mísseis ou foguetes. Cada um também era equipado com um enorme canhão automático, uma arma que podia causar danos sérios em praticamente qualquer coisa. Um Apache podia sem dúvida acabar com seu dia se você estivesse do lado errado de suas armas.

Não era só o que eles carregavam, porém, que tornavam os Apaches tão temíveis. O helicóptero podia voar a mais de 150 km/h, podia fazer *loops* (coisa rara para um helicóptero), podia voar a grande altitude por horas e em geral podia fazer muitas das manobras características dos caças a jato. Só os melhores pilotos da aviação do exército eram qualificados para pilotá-los.

Enfim, ao mesmo tempo em que era um cara legal, Benny era conhecido por exagerar, e desde que tinha voltado do serviço militar, suas mentiras pareceram ficar ainda maiores. Por isso seus parceiros eram céticos em relação à sua afirmação de ter dado um passeio pilotando um Apache.

— Eu sei o que você falou — disse a ele agora Joe Peck. — É que eu simplesmente não acredito em você.

O desespero de Benny veio transmitido em alto e bom som.

— Só porque eu era chefe de equipe de mecânicos de helicóptero não significa que eu não sei pilotar um helicóptero — disse ele.

— Está bem, Mentiroso Um — disse Joe Peck, com ênfase nas duas últimas palavras. — Como você quiser. Agora, por favor, qual é a situação?

Benny era cheio de histórias duvidosas, mas pelo menos uma delas era verdade. Ele *sabia* pilotar um avião. Era onde ele estava agora. Na cabine de um Cessna Skyhawk, voando acima do percurso previsto.

Mesmo que o Cessna Skyhawk nada tivesse a ver com um Apache, era preciso alguma habilidade para pilotá-lo. Ele tinha um motor grande, podia voar a mais de 250 km/h e a mais de 5 km de altura. Enquanto o Cessna estava entre os aviões mais populares já construídos, só um piloto que sabia o que estava fazendo podia pilotá-lo com segurança à noite.

Benny olhou para fora por cima dos controles do Cessna, estudando um pequeno monitor de vídeo que mostrava uma visão noturna do percurso da corrida abaixo. A disputa seria em ruas públicas, o que não significava apenas dirigir com rapidez em grandes retas. Quase metade do traçado levava os motoristas por alguns dos becos e das ruas laterais mais estreitos de Mount Kisco. Lugares com muitas esquinas brucas e curvas fechadas. Como atravessar

aquele caminho de ratos era parte da estratégia (e do perigo) geral do evento.

A tarefa de Benny lá em cima era ficar de vigia contra carros da polícia ou carros civis, ou qualquer tipo de veículo que pudesse entrar no caminho da corrida. Isso era fundamental, pois a velocidade dos veículos envolvidos podia chegar a 230 km/h.

— Parece bom — finalmente Benny fez o relatório. — Parece que a maior parte de Mount Kisco foi para a cama.

— Certo, Mentiroso Um — respondeu Joe Peck.

— Ei, você está com vontade de morrer, Pecker? — Benny berrou para ele? — Meu nome no rádio é “Maverick”. Entendeu. Me chame de “Maverick” ou...

— Ou o quê? — perguntou Joe rindo.

— Ou vou jogar essa merda de pássaro em cima dos seus bagos que nem um *kamikaze* — respondeu Benny.

Faltavam minutos para o início da corrida.

N o *drive-in*, Tobey tirou um pacote de dinheiro do bolso e o contou rapidamente.

Mil dólares. Era muita grana para ele. A hipoteca da oficina. Os salários da equipe. Encomendar suprimentos e peças de carros. Pagar a conta de luz. Os mil dólares poderiam ter um uso mais adequado.

Mas Tobey de repente se viu no modo sobrevivência. Poucos segundos antes da morte do pai, ele prometera a si mesmo que faria o possível e o impossível para impedir que a Marshall Motors fechasse. Por isso, em tempos de desespero, eram necessárias medidas desesperadas. Ele sabia que era hora de usar suas habilidades de piloto para alguma coisa melhor do que curtir a excitação de correr a mais de 200 km/h. Ele sabia que era a hora de manter a palavra dada ao pai.

Contou o dinheiro mais uma vez e então se juntou aos outros corredores num círculo perto do posto dos organizadores da corrida.

Ia ser uma corrida pela caixa, uma *box race* como o evento era conhecido nos círculos *underground*. Era simples. Uma taxa de inscrição predeterminada era colocada em uma caixa por todos os participantes. Quem ganhasse a corrida levava todo o conteúdo da caixa.

Um dos organizadores do evento estava segurando a caixa.

— Todo mundo conhece as regras — disse para eles. — Não há *handicap* nesta corrida: ninguém sai com nenhuma distância de vantagem. Vocês vão largar parados. O primeiro para-choque a cruzar a linha de chegada é o vencedor.

Tobey pensou nisso por apenas mais um instante, então jogou seu dinheiro dentro da caixa. Os outros quatro corredores fizeram o mesmo.

Eles seriam adversários formidáveis. Jimmy estava com seu gto foda, e Little Pete ia pilotar seu Camaro 68, lindo com o motor de Corvette 7.5. Uma garota bonita chamada Jeny B ia dirigir um Porsche cupê com um motor de 3,1 litros muito mexido com 300 cavalos de potência sob o capô, uma usina de força para um carro tão pequeno; e um cara chamado dj ia pilotar um bmw 3.0 E9 com motor de 3,2 litros mexido que fazia 310 cavalos, mais uma vez, muita potência para um modelo pequeno, um peso-pena. Tobey sabia que nenhum deles seria moleza.

Com o dinheiro no lugar, o organizador da corrida ofereceu a Tobey cinco cartas de baralho.

— Quer fazer as honras, Marshall? — perguntou a Tobey.

— Por que não? — respondeu Tobey, indiferente.

Os carros iam largar alinhados em duas filas. Eles iam tirar as posições nas cartas.

Tobey conferiu as cartas. Eram todas de paus. Do ás ao cinco. Ele as virou para baixo e as embaralhou rapidamente.

— Tudo certo? — o organizador perguntou aos outros. — Todos concordam que as cartas estão limpas?

Todos balançaram a cabeça concordando.

— OK, Jimmy — disse o organizador. — Você pega a primeira.

Jimmy McIntosh escolheu uma carta. Ele a virou e revelou o dois de paus.

— Nada mau — disse com um sorriso.

Little Pete foi o segundo.

Ele cruzou os dedos das duas mãos, pareceu fazer uma breve oração e então pegou sua carta. Foi o ás.

— *Yes!* — gritou. — Os espíritos estão comigo!

Como Little Pete tinha tirado o ás, e Jimmy McIntosh o dois, eles formariam a primeira fila, primeira e segunda posição.

Jeny B foi a seguinte. Ela tirou o três de paus.

— Podia ser pior — disse ela.

Agora só faltavam dj e Tobey, e Tobey não estava animado. Ele esperava largar nas primeiras posições, mas agora isso era impossível.

dj tirou o cinco de paus, e seus ombros se curvaram muito. Tobey não se sentiu muito melhor, pois isso o deixou com o quatro, em outras palavras, ele ia largar na segunda fila, ao lado de Jeny B.

Era melhor que ser o último como dj, mas não muito.

— Ok, está feito — disse o organizador da corrida. — Sugiro que vocês

peguem rapidamente seus carros pra gente começar logo com isso.

Tobey ligou para Joe Peck enquanto voltava para o carro.

— Quarto lugar — disse a Peck quando ele atendeu. — Segunda fila, ao lado de Jeny.

Ele ouviu Joe resmungar do outro lado.

E Petey, onde está? — perguntou ele a Tobey.

— Aquele sacana baixinho tirou o ás — contou Tobey com humor soturno.

— Bem, pelo menos ficou em família — respondeu Peck.

— Eu sei — disse Tobey. — Mas não é a oficina dele que estamos tentando salvar.

— Está bem, você não precisa que eu diga isso a você — aconselhou-o Joe. — Mas você vai ter de escolher os seus pontos. Não se apresse, e aí ataque firme quando vir a oportunidade. Durante o resto do tempo, só mantenha a calma.

— Copiado, câmbio e desligo — respondeu Tobey.

Tobey desligou e Peck passou a informação da posição para Finn.

— Não é um desastre — disse Finn. — Ele já superou coisa pior.

Além de botar o Gran Torino de Tobey na melhor forma em que ele jamais esteve, a equipe da Marshall também havia instalado uma câmera de vídeo no parachoque dianteiro. Tudo o que a câmera visse ia ser transmitido para o notebook ligado de Finn. Assim a equipe poderia acompanhar cada movimento que Tobey fizesse. Seria como estar no carro com ele.

Finn apertou algumas teclas no notebook, e num instante eles estavam olhando para a imagem do vídeo transmitido ao vivo do local da largada da corrida lá no *drive-in*. Depois de alguns ruídos de estática, o sinal firmou e ficou extremamente claro. Ele mostrava o que tinha sobrado da multidão no estacionamento do *drive-in* (muitos deles agora estavam seguindo para a linha de chegada) assim como imagens fantasmagóricas de luzes próximas que brilhavam estranhamente na noite.

Quando o visual estava ajustado, Pete acionou de novo o rádio que se comunicava com o avião.

— Situação? — berrou Joe no microfone.

— Ainda tudo limpeza — foi a resposta de Benny. — Nada de polícia. Nenhum civil. Ninguém no caminho.

Isso era bom. Em corridas como aquela, era sempre melhor para todos os envolvidos que a pista estivesse “limpa”.

As equipes dos outros quatro carros estavam por perto. Joe berrou para eles:

— Nossos olhos no céu dizem que está tudo limpeza. É hora de *rock and roll*.

Entretanto, de repente, Joe sentiu os pelos de sua nuca se arrepiarem. Ele se virou e viu Dino Brewster, logo quem, parado atrás dele. Era como se ele tivesse surgido do nada.

— Cai fora — Joe disse.

— Pra que a pressa, Joe — respondeu Dino. — Somos todos irmãos, aqui, irmãos na velocidade, não é?

— Não conheço ninguém que queira ser seu irmão — cortou-o Joe.

Dino apenas riu. Ele apontou para o notebook de Finn e para a imagem ao vivo da câmera no para-choque de Tobey.

— Se importa de eu dar uma olhada?

— Não pode comprar um pra você? — perguntou Finn sem paciência. — Por que está enchendo nosso saco?

Dino deu de ombros.

— Deixei meu notebook no outro Mercedes — disse ele. — Você sabe, o sl550?

Em qualquer outra hora, isso seria suficiente para Finn ou Joe derrubarem Dino ou pelo menos lhe dar um tapa no meio da cara. Entretanto, estavam rolando outras coisas ali. Aquele não era apenas mais um racha. Havia muita coisa em jogo. Se Tobey não ganhasse, a Marshall Motors, sua segunda casa por muitos anos, provavelmente deixaria de existir.

Além disso, a corrida já ia começar.

Então, aquela não era a hora de começar uma briga. Era a hora de olhar para o que realmente importava e deixar para lá as coisas de menos importância.

Mesmo a contragosto, deixaram que Dino assistisse à corrida com eles.

Lá na linha de partida, que ficava na rua bem em frente à entrada do *drive-in*, Little Pete tinha manobrado com habilidade seu Camaro e parado ao lado do gto de Jimmy McIntosh, formando a primeira fila daquela corrida.

Jeny B chegou com seu Porsche e o parou lado a lado com o Gran Torino de Tobey, completando a segunda fila. O bmw 3.0 de dj fechava o grid na terceira fila.

Após um sinal dos organizadores, os pilotos começaram a aumentar o giro de seus motores. O barulho logo ficou ensurdecador, como o ronco de um trovão distante. O ar da noite se enchia com a fumaça de escapamento e a poeira que subia. Cada piloto fez um sinal de positivo com o polegar. Estavam todos prontos para largar.

Então os cinco pilotos concentraram sua atenção em algo à direita. Seus músculos ficaram tensos e rígidos. Estavam todos uma pilha de nervos. Por um

bom motivo.

À distância, um trem de carga se aproximava. Seu ronco mecânico monótono aumentava rapidamente. O grito de seu apito atravessava a noite conforme se aproximava.

De repente, ele apareceu depois de fazer a curva em Battery Hill. Seus faróis ultrafortes cortaram a escuridão.

No exato momento em que o fecho de luz surgiu, a aceleração combinada dos cinco motores chegou ao auge.

Os pneus, então, começaram a girar, levantando mais fumaça no ar. O nível de decibéis chegou ao máximo. Um dos organizadores da corrida deixou cair um lenço, e todos os cinco carros repentinamente largaram como numa explosão.

Little Pete foi quem largou melhor, foi quase bem demais. Seu Camaro foi direto para a primeira curva à direita e chegou lá bem antes de todos os outros.

Contudo, ele dobrou essa primeira esquina com agressividade demais, escapando mais do que pretendia, e quase capotou em uma vala. Foi apenas um pequeno atraso, mas mesmo a perda de um instante podia custar muito nesse tipo de corrida. E para provar isso, o erro de Pete permitiu que Jimmy McIntosh pegasse o lado interno. Jimmy pisou fundo e logo estava a boa distância de Little Pete.

Enquanto isso, só dois segundos atrás, Jeny B e dj viraram aquela primeira esquina fundamental com drifts violentos também, mas com um pouco mais de controle.

À frente, havia uma descida reta.

Depois dela, um entroncamento com a linha férrea.

Pouco mais de um quilômetro ao Norte da largada, o trem de carga csx Número 12, que ia de Wassaic, em Nova York, para o Oak Point Terminal, no Bronx, seguia bem no horário.

O trem era formado por 32 vagões de carga puxados por duas enormes locomotivas a diesel, cada uma ostentando 4.000 cavalos. Naquele momento, o Número 12 estava viajando a 90 km/h, sua velocidade média, e o horário de chegada ao Bronx estava previsto para 0h35.

Assim que passou por Battery Hill, ele reduziu a velocidade para 70 km/h, mas só temporariamente. Depois da curva, havia uma descida gradual que se estendia por vários quilômetros. Assim que o trem chegasse a esse trecho dos trilhos, sua velocidade subiria para 105 km/h, a mais alta em todo o trajeto de 130 km.

Como o mais importante nos trens era se manter no horário, esse aumento de velocidade estava previsto no trajeto que o Número 12 percorria três vezes por semana. Então, como todas as outras vezes que esse trem noturno atravessava Mount Kisco, ele deveria passar pelo entroncamento com a avenida Chase e chegar lá exatamente à 0h05.

O entroncamento com a linha férrea ficava a menos de dois quilômetros do *drive-in* de Mount Kisco, perto do fim da corretamente batizada Railroad Street. O cruzamento tinha muitas luzes de sinalização e uma campainha de alarme que tocava muito alto sempre que um trem se aproximava. Ele também tinha ao lado uma cruz padrão branca com as extremidades vermelhas num poste alto e uma placa ao nível da rua que aconselhava todos a olhar para os dois lados.

No entanto, o cruzamento da Avenida Chase não era interrompido. Ele não tinha cancelas. Ficava num local tão isolado, numa rua tão pouco utilizada, que o departamento de transportes do estado de Nova York muito tempo atrás considerou desnecessária sua instalação.

À 0h04, o cruzamento ganhou vida. Suas luzes vermelhas começaram a piscar, e o sinal de alerta começou a soar loucamente. Contudo, nenhum dos cinco competidores, agora a menos de 500 metros, tirou o pé do acelerador quando esse movimento começou.

Muito pelo contrário. Todos estavam indo o mais depressa possível na direção do entroncamento com a ferrovia.

Como o Gran Torino de Tobey, a equipe do trem tinha uma câmera de vídeo presa à frente da locomotiva. Mas diferentemente da câmera do para-choque de Tobey, a do trem tinha equipamento de visão noturna de raios infravermelhos, o que permitia que a tripulação do trem visse qualquer fonte de calor estranha que pudesse surgir em seu caminho a mais de um quilômetro de distância.

E, nesse momento, a tripulação do trem via cinco bolhas de calor extremamente brilhantes descendo a Rua Railroad em alta velocidade, seguindo direto para o cruzamento.

— Esses vagabundos! — disse o maquinista. — De novo, não!

De repente, a noite foi cortada por um som que abafou até o ronco dos motores dos cinco carros de corrida.

Era o csx Número 12 acionando sua buzina de colisão. A tripulação do trem já havia visto esse tipo de coisa antes: garotos malucos em carros tunados vendo quem tinha mais coragem para atravessar a linha bem em frente de seu

trem em velocidade. Eles sabiam como isso era loucamente perigoso. Por isso estavam tocando a buzina de emergência por tanto tempo e tão alto, mesmo que os carros estivessem a apenas segundos de chegar ao cruzamento.

Entretanto, a buzina não surtiu efeito. Nenhum dos pilotos mostrou nenhum sinal de reduzir. Se estavam fazendo algo era tentar ir mais rápido.

O Camaro de Little Pete foi o primeiro a passar zunindo pelo cruzamento da linha férrea.

Ele atingiu o leito elevado dos trilhos com tanta força e tão rápido que saiu do chão por alguns bons segundos. E aí aterrissou com a mesma violência com que subiu, batendo na pista asfaltada. Seus amortecedores ultrarresistentes, porém, seguraram a pancada como anunciavam, e ele saiu ileso. Pete reduziu uma marcha, para recuperar um pouco da velocidade perdida enquanto voava, ganhou potência e logo estava novamente a 180 km/h — e ainda tranquilamente no primeiro lugar.

Contudo, nesse tipo de corrida, estar tranquilamente na ponta era apenas uma questão de centímetros. O gto de Jimmy McIntosh estava grudado ao para-choque traseiro de Pete, a menos de 5 cm, quando Pete saiu voando sobre os trilhos e, ao seguir as manobras de Pete, Jimmy também decolou.

Ele aterrissou, como Pete, com força e velocidade, batendo um pouco o chassi no chão, mas sem causar nada além de uma breve tempestade de fagulhas antes de recuperar o ritmo. Pisando no acelerador até o fundo, ele assegurou sua segunda posição tranquila num instante, colado no rabo de Pete.

Poucos segundos atrás deles vinham Jeny B e Tobey. Estavam pescoço a pescoço ao se aproximar do cruzamento com a linha férrea, correndo lado a lado a uns 170 km/h. Tobey, porém, estava num ponto muito perigoso. Estava mais perto do trem que se aproximava, e se algo desse errado, ele seria atingido primeiro.

O farol extremamente forte da locomotiva o cegou quando encheu o interior do Gran Torino. Era como se o próprio sol estivesse entrando pela janela do carona. No entanto, agora não havia como recuar, e Tobey sabia disso. Era impossível parar a tempo. Ele não tinha como desviar para sair do caminho. Ele tinha de ser mais rápido que o trem ou seria esmagado por ele.

Ele passou roncando pelos trilhos elevados uma fração de segundo depois. Jeny B cruzou a linha um instante apenas a sua frente. Os dois saíram do chão. Apesar de ela estar um pentelhésimo à frente dele, se o trem tivesse atingido Tobey, ela seria morta um segundo depois, também.

Entretanto, nada disso aconteceu. Os dois passaram pelos trilhos, e a

adrenalina que corria pelo corpo de Tobey era diferente de tudo o que havia sentido antes. Ele nunca havia estado tão perto de ser morto numa corrida ou em nenhum outro lugar. Ele tinha passado a poucos centímetros de ser desintegrado pelo trem, mas essa corrida dentro da corrida, carro contra locomotiva, ele venceu.

Ele e Jeny tocaram o solo ao mesmo tempo, criando uma tempestade dupla de fumaça e fagulhas. Naquele instante, Tobey, com o rosto iluminado pelas centelhas provocadas por eles, olhou para ela. Ficou surpreso ao vê-la olhando para ele, com a mesma expressão de excitação e alívio no rosto que ele tinha certeza ter no seu.

As expressões gêmeas diziam tudo...

É por *isso* que corremos.

dj, porém, ainda estava no último lugar.

Condenado pela péssima posição de largada, soube assim que viu os primeiros quatro corredores passarem pelo cruzamento que não havia como fazer o mesmo a tempo.

Tudo acontece rapidamente quando se corre a 180 km/h, às vezes mais rápido do que o cérebro humano pode processar. dj estava apenas a uns 5 metros do cruzamento quando o csx Número 12 começou a passar. Sua buzina de emergência ainda estava tocando, mesmo assim dj estava seguindo direto na direção dele, a segundos de uma colisão. Ele puxou o freio de emergência e travou os freios, mas não foi suficiente. Ainda estava rápido demais para evitar o desastre.

No instante seguinte, virou o volante violentamente para a direita, o que o lançou num meio cavalo de pau que, entre muita fumaça e poeira, o deixou em paralelo aos trilhos, com o lado do motorista virado para o trem, não onde ele queria estar. Desesperado, pisou no freio com os dois pés e o carro deslizou sem controle. Aí ele virou o volante violentamente de novo, dessa vez para a esquerda, o que o fez rodar descontroladamente na outra direção. Ele girou 180 graus e parou tão perto do cruzamento que seu retrovisor foi atingido pelo trem. O espelho estilhaçou a janela do motorista, cobrindo-o de pedaços de vidro.

Tudo aconteceu em apenas três segundos, e a primeira coisa que dj fez foi conferir a virilha. Não estava molhada, graças a Deus, nem mesmo úmida.

Estava fora da corrida, e tinha perdido 1.000 dólares, mas pelo menos estava vivo. E seco.

Agora havia apenas quatro, e eles estavam correndo praticamente dois a dois, para-choque contra para-choque, pelo resto da Railroad Street.

Chegaram a uma esquina brusca. Little Pete e Jimmy fizeram drifts lado a lado, mas o gto de Jimmy saiu um pouco de controle quando suas rodas passaram sobre terra.

Ele tentou corrigir o problema, mas foi obrigado a dar uma guinada para a direita. Havia carros estacionados no acostamento, e ele ficou a segundos de se chocar contra eles.

Tobey e Jeny B viram o que estava acontecendo e tentaram tirar proveito da situação. Com Jimmy encrocado, os dois aceleraram para fazer a curva ao mesmo tempo, quase botando os três carros lado a lado, mas Jimmy era um piloto excelente. Ele se recuperou depressa e numa fração de segundo estava de volta à rua. Ele imediatamente ficou entre Jeny B e Tobey, quase arrebitando a parte dianteira direita do carro de Tobey ao fazer isso.

Tobey sacudiu a cabeça, frustrado. Jeny B tinha conseguido ultrapassar Jimmy e ficar no segundo lugar, mas a manobra inteligente de Jimmy, além de fechar a porta para Jimmy, o empurrou de volta para o quarto lugar.

No entanto, Tobey tinha um plano.

Ele sabia que havia uma curva fechada à frente. Era uma entrada à direita que passava por um pequeno túnel de concreto, seguida por uma curva à esquerda. Tobey estrategicamente abriu e se colocou na parte externa, numa boa posição para fazer a primeira curva. E então esperou.

Ainda em primeiro, Little Pete fez a curva com precisão. Jeny B agora estava bem atrás dele. Contudo, quando ela entrou na curva à direita, a presença de Jimmy, colado em sua traseira, a fez abrir demais. Ela perdeu o controle por um instante, e seu carro correu sobre detritos acumulados na entrada do túnel.

Isso fez com que Jeny B reduzisse o suficiente para que Jimmy recuperasse o segundo lugar. Enquanto isso, com seu plano atrapalhado, Tobey foi forçado a frear no túnel para evitar o lixo que caía.

Quando a fumaça baixou, ele ainda estava em quarto lugar e sem condições de recuperar terreno.

Os quatro carros entraram na Rota 16, uma autoestrada reta e estreita, e finalmente liberaram seus motores para chegarem a velocidades de verdade. Todos os quatro logo estavam rodando a mais de 230 km/h.

Eles passaram zunindo por um entroncamento desolado como se estivessem correndo à velocidade do som. Então chegaram a uma passagem de nível separados por apenas milésimos de segundo. Os carros passaram por ela a quase

240 km/h. Agora, diante deles, havia a pequena e tranquila cidadezinha de Mount Kisco.

E, então, começaram os problemas...

Naquele momento, lá em cima no Cessna, Benny viu uma coisa.

Ele imediatamente pegou o microfone.

— Fiquem alertas... — disse ele. — Tem tráfego à frente. Repito... Tem tráfego à frente!

Os quatro corredores, ainda na estrada, estavam se aproximando de um trevo grande quando Tobey recebeu a mensagem de Benny.

Todos ainda estavam correndo a cerca de 240 km/h quando viram os primeiros sinais de vida. Havia alguns carros civis circulando, projetando algumas luzes de trânsito na estrada.

Isso não preocupou Jimmy nem Little Pete. Eles passaram pelos carros como se estivessem parados, fazendo drifts alucinadamente e pegando quase em perpendicular o entroncamento seguinte.

Jeny B não teve a mesma sorte. Ela teve de desviar para evitar um dos carros civis em seu caminho, perdeu o controle e seu carro saiu girando. Era a oportunidade pela qual Tobey estava esperando. Ele acelerou e passou pelo espaço mínimo entre Jeny e um veículo de passeio.

E assim conquistou a terceira posição, deixando Jeny B para trás.

Finn, à espera na linha de chegada, estava acompanhando a corrida no seu notebook. Joe Peck estava assistindo por cima de seu ombro. Dino também.

Eles tinham visto a imagem do para-choque de Tobey passar pelo o cruzamento mais que perigoso e depois acelerar loucamente para conquistar o terceiro lugar.

— Essa foi por pouco — disse Dino. — Ele teve sorte nessa.

— Isso não é sorte — retrucou Joe Peck. — Tobey, o nosso garoto, é paciente. Ele espera os momentos certos.

Tobey estava sempre no controle total, e Finn e Joe sabiam disso.

Dino apenas riu.

— Claro, gente — disse ele achando graça.

Passava da meia-noite, e as ruas de Mount Kisco estavam desertas.

Mas não por muito tempo.

O barulho dos carros chegando em velocidade soava como a aproximação

de uma formação de aviões a jato; o ruído trovejante logo começou a ecoar pelos prédios trancados do centro adormecido.

Com Jeny B fora, sobravam apenas três corredores. Jimmy agora estava em primeiro. Little Pete estava bem colado em sua traseira. Tobey vinha logo atrás. Era aí que a corrida mudava radicalmente. As retas tinham terminado. Agora o percurso chegava a uma rede de becos e ruas secundárias na parte velha da cidadezinha.

Os três entraram fazendo drifts e cantando pneu alto na primeira ruela, alcançando novas dimensões com essa cacofonia. O beco atrás da rua principal era estreito, e depois de entrar nele, não havia como ultrapassar. Nesse ponto, era mais como dirigir numa pista de obstáculos do que numa corrida, mas todos os três pilotos eram excelentes nisso.

Alguns segundos depois, todos os três saíram do beco, roncando pela rua Boltis e entrando na ruela seguinte. Fagulhas voavam por todos os lados; seus chassis estavam rasgando o velho pavimento de asfalto, mas nenhum dos três ousava reduzir.

Ao saírem do segundo beco, chegaram a uma curva fechada à esquerda na St. Mark's Place. Apesar de ela não ser muito mais larga que o beco, em segundos todos os três estavam descendo por ela a mais de 170 km/h.

Little Pete conseguiu retomar a liderança na saída da St. Mark's Place. Jimmy ficou para trás porque saiu demais de traseira na hora de fazer a curva, mas ainda estava bem perto em segundo, com Tobey colado atrás dele em terceiro.

Estava tudo bem. A reputação de Tobey era de paciência e oportunismo. Seu talento era o de saber quando agir e sua maior qualidade era não se estressar se uma manobra não desse certo, porque logo à frente sempre haveria outras oportunidades. E naquele instante, voando por aquela rua, Tobey resolveu agir.

Ele acelerou fundo e, no instante seguinte, quase bateu em Little Pete ao tentar ultrapassar Jimmy. Um momento depois disso, os três patinaram de lado para virar numa ruela chamada I-beam Alley.

Todos os três saíram de traseira violentamente, e a manobra evoluiu para uma curva de 180 graus enquanto passavam roncando por um grande estacionamento. Pete estava dirigindo de um jeito que parecia capaz de controlar as manobras de Jimmy, reagindo a ele a cada movimento. Ao fazer isso, contudo, Pete também impedia que Tobey passasse pelos dois. Foi uma manobra bem-sucedida e muito corajosa do baixinho. Como resultado, saíram da I-beam Alley na mesma posição em que entraram.

Agora estavam de novo em uma rua um pouco mais larga chamada Spring

Street. Dali eles aceleraram na direção da estátua localizada no centro da praça da cidade, do Chefe Kisco. Os três contornaram a estátua num cavalo de pau de 180 graus, mas Jimmy ganhou a faixa preferencial. Ele pisou fundo e, numa explosão de potência, pulou na frente de Pete.

O ruído, de novo, era maravilhoso ou assustador, dependendo de seu ponto de vista. E depois de contornar a estátua, eles seguiram para a Rota 117, de pistas duplas, que ficava logo em seguida.

Todos os três imediatamente pegaram a faixa da esquerda. Esse era outro ponto na corrida pelo qual Tobey estava esperando. Hora de tentar outro ataque. Ele puxou bruscamente o volante e pegou a faixa da direita. Seu principal objetivo era ultrapassar Little Pete.

E estava prestes a fazer isso quando, à frente, um caminhão de limpeza de ruas lentíssimo encheu seu campo de visão. Estava bloqueando completamente seu caminho. Só havia uma coisa a fazer. Ele aumentou o giro do motor quase ao máximo, engrenou uma marcha mais alta e foi com tudo, quase no limite. Nesse instante, ele reduziu a distância entre Little Pete e o caminhão de limpeza. Aí começou a contar:

— Três... dois... um...

No último instante, Tobey acelerou tudo, ultrapassou Little Pete e jogou o carro cantando pneus de volta para a faixa da esquerda, tudo num único movimento suave.

E, num átimo, ele estava na segunda posição.

Ele deu uma olhada no retrovisor. Little Pete agora estava colado em sua traseira, furioso por Tobey tê-lo enganado com tamanha habilidade, especialmente depois de Jimmy ter feito o mesmo com ele momentos antes.

— Desculpe, meu amigo — gritou Tobey com um sorriso — O mundo é assim.

Passaram-se alguns segundos e, então, todos os três entraram cantando pneus em outro beco. Esse começava na avenida Moore. Eles estavam de volta no caminho de ratos em alta velocidade, mas Jimmy acelerou um pouco demais e raspou a lateral num prédio de tijolos a poucos metros da entrada do beco. Isso fez com que ele reduzisse o suficiente para Tobey colar em sua traseira.

Tobey sentia como se estivesse correndo à velocidade da luz dentro do beco, que adiante ele sabia que ia começar a se alargar. Hora de agir de novo. Ele moveu o volante com força para a esquerda e pegou o lado externo da pista, esperando começar a curva de saída do beco antes e assim ganhar mais terreno sobre Jimmy.

Segundos depois, os três carros saíram zunindo da ruela, e seus pneus cantaram ao virar à esquerda na Avenida Woodland, que era uma via de mão

única. A manobra de Tobey tinha funcionado. Ele ganhara a faixa interna e agora estava em boa posição para tentar conquistar a ponta. Entretanto, saindo do nada ele viu um mendigo empurrando um carrinho de compras descer da calçada e entrar bem em seu caminho.

Tobey estava tão grudado ao lado de Jimmy que não teve escolha além de passar por cima do carrinho de compras.

O carrinho explodiu em um milhão de pedaços no instante em que ele o acertou, espalhando pedaços por todo o seu carro. Ao ver os restos do carro voando pelo ar, Little Pete desviou no último momento possível e escapou por pouco da chuva de trapos e lixo.

Essa foi por muito pouco, pensou Tobey.

Ele gritou no Rádio.

— Benny!

Benny respondeu igualmente rápido.

— Vi que você ia conseguir resolver sozinho, meu irmão — disse ele. — Sem problemas!

Os três carros entraram ruidosamente à esquerda na rua Poplar fazendo drifts e se depararam com um carro de passeio vindo direto na direção deles na mão contrária.

Tobey aproveitou a oportunidade para se aproximar um pouquinho mais da traseira de Jimmy, deixando Little Pete para trás. Essa posição permitia que Tobey pegasse o vácuo de Jimmy conforme se aproximavam juntos do carro que vinha em sua direção.

Tobey decidiu de novo que era hora de agir. Assim que passou do carro de passeio, ele jogou seu carro para o lado errado da rua. Agora tinha reduzido para terceira marcha; seu motor gritava. Engrenou a quarta. O motor gritou de novo, mas a mudança fez com que ele ganhasse velocidade e fosse lançado para a frente e passasse pelo para-choque traseiro esquerdo de Jimmy. Tobey pisou no acelerador até o fundo e no mesmo instante estava lado a lado com o gto.

De repente, estavam se aproximando da passagem elevada, a chegada iluminada por sinalizadores.

Era o final.

A linha de chegada passou num borrão.

Tobey jogou tudo o que podia. Assim que acabaram de passar sob a passagem elevada, ele olhou rapidamente para a esquerda e viu a frente do carro de Jimmy menos de 20 cm atrás dele.

Um segundo depois disso, tinha acabado.

Tobey havia vencido.

Mas não houve tempo para comemorações, pois Benny de repente começou

a gritar no rádio.

— Convenção de rosquinhas!

Seu aviso não precisava de tradução, mas Finn traduziu mesmo assim.

— A polícia! — berrou ele.

Com essa palavra, os corredores, seus carros e suas equipes simplesmente desapareceram.

Quando um carro de polícia apareceu na linha de chegada alguns momentos depois com a sirene berrando, as únicas coisas que restavam eram alguns sinalizadores já queimados, mas ainda fumegantes.

* *I believe I can fly* de R. Kelly (1996). Em tradução livre, “Acredito que posso voar/ Acredito que posso tocar o céu”. (N. T.)

OS SONS de latas de cervejas sendo abertas e de hip-hop tocando alto enchia o ar ao redor da oficina mecânica Marshall Motors.

A corrida terminara havia horas, mas a equipe ainda estava falando sobre ela, revivendo-a curva a curva. Joe Peck e Finn ficavam especialmente empolgados quando contavam suas versões dos acontecimentos como foram mostrados pela câmera no para-choque do Gran Torino. Enquanto falavam e a Budweiser rolava, era quase como se eles tivessem dirigido em vez de Tobey.

Tobey e Little Pete ouviam tudo com bom humor. Estavam parados lado a lado, como sempre acontecia. Tobey era o ídolo de Pete, e Pete *era* mesmo como um irmão mais novo para ele.

— Achava que você ia mesmo ganhar do Jimmy — Tobey disse a Pete enquanto contava mais uma vez os 5 mil dólares que tinha ganhado, uma nota amarrotada de cada vez.

— Eu conseguia segurar o cara nas curvas, mas ele toca pra cacete — respondeu Little Pete, enxugando uma cerveja. — E você também, mas vou ganhar dos dois na próxima vez.

O papo seguiu assim por algum tempo, mas Tobey estava esperando por uma chance para cair fora. Depois de um tempo, disse aos outros que precisava dar uma mijada.

Foi até o canto dos fundos da oficina e olhou para o céu noturno. Estava, por fim, respirando normalmente, e o ritmo cardíaco tinha voltado ao que devia ser. Ele já havia participado de corridas de rua antes, mas nenhuma tão intensa quanto aquela. Talvez porque nela houvesse tanta coisa em jogo.

Os 5 mil dólares iam ajudar, mas ele sabia que seria apenas um alívio provisório, algo que manteria os lobos longe de sua porta, porém por pouco tempo.

E depois?

As contas não iam acabar. O banco ainda ia querer seu dinheiro. E ele não podia esperar que sua equipe trabalhasse de graça. Tinha de pensar em outra maneira de fazer dinheiro ou a oficina teria de fechar as portas.

Ele era um bom piloto, mas estava restrito a disputas de pouca importância. Corridas com prêmios de 5 mil dólares eram raras na região. Se quisesse participar de outras, teria de ir para Chicago, Miami ou Los Angeles, lugares onde essas coisas rolavam a sério. Contudo, os custos de viajar levariam boa parte do que quer que ele ganhasse. E talvez ele não ganhasse sempre. Ou nunca. E como a oficina ia funcionar se ele se afastasse por muito tempo?

Ele só conseguia pensar em uma solução. Tinha de conseguir um modo de entrar nas competições mais importantes. Competir com gente grande, os caras que tinham vagas na De Leon do Monarch. O problema é que não podia fazer isso em seu Gran Torino. Precisaria ter um supercarro de verdade, ou pelo menos pilotar para alguém que tivesse um.

Ele sabia que Monarch estava com a razão sobre a grana. Se ele tivesse um bom carro, talvez a De Leon não fosse algo absurdo.

Mas até lá, estava enfurnado ali no interior.

Olhou para a silhueta da cidade. Tudo estava tranquilo de novo em Mount Kisco. Ele mal conseguia ver os contornos de Pride Rock contra o céu estrelado. Ele se perguntou quantos garotos felizes e bêbados ainda estariam por lá, tropeçando no escuro, como ele tinha feito tantas vezes no passado. Fazia anos que não ia lá. Gostando ou não, era um lugar que fazia parte das recordações do início de sua juventude.

Além disso, nunca conseguia pensar no local sem lembrar de Anita. Ela estava tão bonita mais cedo no *drive-in*... Sentia muita falta dela. Eram duas pessoas diferentes seguindo caminhos diferentes. Mas, droga, ele adorava estar com ela.

Ele sempre aparentava uma confiança tranquila, uma característica herdada do pai. E apesar de saber que suas decisões podiam nem sempre estar certas, pelo menos sabia que refletia seriamente sobre tudo o que era relevante antes de seguir em frente.

Menos em relação a Anita.

Quanto mais o tempo passava, mais se convencia de que nesse caso talvez ele tivesse mesmo estragado as coisas.

Caminhou de volta para a oficina, pegou outra cerveja no gelo e voltou para a sessão de falatório interminável de bobagens sobre a corrida.

Entretanto, de repente, um barulho do lado de fora chamou a atenção de todos.

Finn se levantou e olhou pela janela.

— Só podem estar de sacanagem comigo — disse ele. — Que merda *ele* veio

fazer aqui?

— Quem? — perguntou Peck.

— Quantos cuzões você conhece que dirigem um Mercedes slr? — perguntou Finn.

— Todos eles — respondeu Peck sem alterar a voz.

— É verdade — retrucou Finn. — Então, quantos deles se chamam Dino?

No instante seguinte, eles ouviram um carro parar. Pelas janelas de uma das portas da oficina, viram que era mesmo o Mercedes slr de Dino. Ninguém disse nada. Observaram Dino descer do carro e olhar ao redor do lado de fora da oficina, sentindo o cheiro de graxa e fuligem. Então ele se dirigiu à porta que estava aberta.

Como se fossem um só, a equipe se levantou e formou uma linha de frente unida na porta. Eles não queriam mesmo que Dino entrasse na oficina. Aquele era terreno deles.

Dino os viu e imediatamente parou onde estava.

Ele olhou para Little Pete.

— Você dirigiu muito lá hoje, garoto — ele elogiou para tentar agradar. — Fiquei impressionado.

Mas Little Pete só riu dele.

— Ouviu essa, Tobey? — disse ele. — Dino Brewster está impressionado comigo. Acho que agora posso morrer feliz.

Tobey olhou para Dino, mas não disse nada.

Dino sorriu de leve.

— E aí está o senhor Tobey Marshall — disse ele. — O homem a ser batido em Mount Kisco...

Tobey olhou para ele de cima abaixo, mas continuou em silêncio.

— Sinto muito pelo seu pai — continuou Dino, de um jeito muito condescendente. — Sei que vocês eram muito próximos.

Tobey, por fim, falou.

— Você está perdido ou algo assim, Dino?

Dino precisou pensar um pouco.

— O que quer dizer com isso?

— Você não vem aqui há muito tempo — disse Tobey de modo ácido. — Acho que deve estar perdido.

Tobey deu um passo na direção de Dino para reforçar suas palavras e deixar uma coisa clara: ele não era bem-vindo ali.

— Então nada mudou, Tobey? — perguntou Dino. — Mesmo depois de dez anos você ainda quer arrumar uma briga no vestiário?

Tobey, porém, não estava olhando para Dino. Estava olhando para o

Mercedes, à procura de algum sinal de Anita.

— Ela está na casa dos pais — Dino disse a ele, lendo sua mente. — Isso não tem nada a ver com ela.

Tobey ficou decepcionado, mas pelo menos ela não estava com Dino.

— Então o que você quer, Dino? — perguntou por fim Tobey. — Estamos ocupados aqui.

— É simples — disse Dino. — Quero ver você construir um carro de verdade.

Tobey o dispensou com um aceno de mão.

— Tenho muitos carros para montar.

Dino olhou ao redor da oficina meio tosca.

— É, bem, e como as coisas estão indo para você ultimamente?

Tobey lançou um olhar frio para ele. Dino deu de ombros.

— Escute, Tobey, eu não vim aqui para insultá-lo — disse ele. Um pouco de sua atitude característica pareceu desaparecer. — Vim aqui fazer uma proposta de trabalho, algo que pode mudar as coisas para você.

— Você agora está distribuindo sonhos, Dino? — desdenhou Little Pete. — Quanto isso vai nos custar?

Dino o ignorou. Ele olhou ao redor da oficina de novo.

— Já vi centenas de oficinas de customização de carros para corridas desde que fui embora desta cidade — disse ele para Tobey. — Mas ainda não vi trabalho tão bom quanto o seu.

A equipe da oficina estava em silêncio. Ninguém sabia como reagir ao elogio de Dino.

— Isso é tudo trabalho desses caras — disse Tobey apontando para os outros. — Não sou eu...

Dino respirou fundo.

— Eu vou direto ao ponto — disse ele. — Tenho um carro muito especial que precisa ser acabado.

— De que tipo de carro estamos falando? — perguntou Joe Peck.

— Um Ford Mustang — respondeu Dino.

— Um Mustang? — disse Joe. — Deve haver um milhão deles por aí.

— Mas não um como esse — disse Dino. — É o último Mustang que Ford e Carroll Shelby estavam montando quando Carroll morreu.

De repente, todo mundo na equipe estava totalmente atento e fascinado. Carroll Shelby não era apenas um *popstar* no mundo dos carros customizados, ele era considerado o pai das corridas de rua. Dizer que ele era um gênio da mecânica era chover no molhado. Invocar seu nome não era brincadeira.

— Milhares de pessoas iam adorar pôr as mãos num carro desses — disse

Tobey. — Como você conseguiu? Você roubou?

Dino ignorou o insulto.

— O senhor Shelby e meu tio eram muito amigos — explicou. Ele esperou um instante e prosseguiu. — A proposta é a seguinte. Se você terminar de montar esse Mustang como você fez com o seu Gran Torino, eu dou a você 25% do que eu receber quando vendê-lo.

Little Pete explodiu.

— Vinte e cinco?! — exclamou. — Você é um muquirana safado!

— Se a coisa for feita direito, o carro vai valer no mínimo uns 2 milhões de dólares — devolveu Dino. — Isso dá 500 mil no seu bolso.

A equipe mergulhou num silêncio mortal. Esse tipo de grana era algo do qual eles nunca tinham chegado nem perto. Dino e Tobey se encararam. Havia muitos problemas no passado entre eles. Aonde isso ia levar?

Dino rompeu o silêncio.

— Eu olho aqui e vejo uma quantidade enorme de talento e pouca oportunidade — disse a eles. — Vamos falar sério, vocês estão morrendo aqui, gente. Quero dizer, é óbvio. Então apenas esqueçam tudo que aconteceu entre a gente. Isso é história antiga. Estou aqui para fazer a paz. E grana... para todos nós.

A equipe de Tobey trocou olhares preocupados. Todos sabiam que negociar com o inimigo não estava certo. O silêncio desconfortável dava para ser cortado com uma faca.

Dino prosseguiu.

— Olhe, não precisa responder agora, Tobey — disse ele. — Só pense no assunto.

Quando Dino se virou para sair, Tobey olhou para sua equipe. Ele já sabia a opinião deles sobre o assunto.

Então ele sacudiu a cabeça.

— Não preciso pensar — disse ele de repente. — Eu topo.

Os outros levaram um susto.

Dino sorriu.

— Eu vou trazê-lo para cá amanhã — disse ele a Tobey.

Não houve apertos de mão. Nem despedidas, mas Tobey e Dino trocaram um breve olhar sem hostilidade, talvez até de respeito.

Então Dino entrou em seu Mercedes e foi embora.

Alguém desligou a música. A geladeira com cervejas estava fechada e a oficina estava envolta por um silêncio raivoso. Benny finalmente quebrou o feitiço.

— Tenho uma pergunta para você, chefe — disse ele a Tobey. — Você

ficou maluco, porra? Nós vamos trabalhar para Dino Brewster?

Joe Peck levantou. Ele era o mais velho de todos, o ancião experiente e respeitado.

— É, que porra é essa, Tobey? — perguntou. — Você vai se envolver com esse babaca?

— Ele é um cara mau — completou Finn. — E sempre foi um cara mau.

Benny falou de novo.

— Nós não precisamos desse cuzão, chefe. Se isso é por causa da Anita, e reconquistá-la, faça isso de outro jeito, parceiro. Escreva um poema, alguma coisa assim. “Querida Anita... Não há nada tão doce como Anita, Eu quero me ‘anitar’ com Anita...”.

A turma riu. Todos, menos Tobey, mas Finn insistiu.

— Não se meta com Dino — ele insistiu com Tobey. — Diga a ele que desistiu. Estamos indo bem aqui sem ele.

— Mas não estamos — disse Tobey, surpreendendo a todos. — Não estamos indo bem.

A equipe ficou surpresa ao ouvir isso, menos Joe Peck. A conversa que ele tinha ouvido mais cedo de repente fez sentido.

— Bem, muita gente está sofrendo, Tobey — disse Finn. — Você sabe que as coisas mudaram nesta cidade. A economia está difícil para todo mundo. Ou para quase todo mundo.

Tobey pensou por um instante.

— Olhem, eu estou com os pagamentos da hipoteca muito atrasados — contou finalmente a eles. — O sujeito do banco veio aqui hoje. Perguntem ao Joe... Ele viu.

Joe Peck só pode balançar a cabeça e baixar os olhos.

— Eles vão fechar a oficina — continuou Tobey. — É simples assim.

Esse foi um golpe arrasador para todos ouvirem. Eles amavam a oficina e tudo o que ela significava.

Little Pete interveio.

— Olhem, eu odeio Dino tanto quanto qualquer outro aqui — disse ele. — E se o que você está falando é que precisamos trabalhar com ele para salvar este lugar, então estou do seu lado, Tobey.

Contudo, Finn ainda discordava.

— Você acabou de ganhar cinco mil nesta noite, Tobey — disse ele. — Não está totalmente quebrado.

— Isso deve ser suficiente para pagar o empréstimo — completou Joe Peck.

— Mas e no mês que vem? — Tobey perguntou a eles. — E no outro mês? Não posso contar que vou ganhar todas essas corridinhas. E mesmo se ganhasse,

ainda não seria suficiente. Você é formado em Administração de Empresas, Finn. Sabe do que estou falando. É uma questão de dinheiro, de ter uma fonte de receita permanente. E nós não estamos mais conseguindo isso.

Era um problema sério, e todos podiam sentir isso.

— A questão é simples — disse Tobey. — Se não fizermos isso, a oficina vai fechar.

Ele olhou por um bom tempo para cada um deles.

— Alguém aqui prefere isso?

Ninguém disse nada.

No dia seguinte, um caminhão plataforma parou em frente à Marshall Motors.

Ao volante estava um homem apropriadamente chamado de Big Al. Obeso e suado, era o faz-tudo de Dino.

Ele entrou de ré pela porta principal da oficina.

Na traseira havia um carro que lembrava vagamente um Mustang, mas estava apoiado sobre blocos e não tinha várias de suas peças principais. Estava longe de ser um carro completo.

Estava tão incompleto que demorou muito só para tirá-lo do caminhão e botá-lo na oficina.

E assim que isso foi feito, as portas da oficina se fecharam atrás dele, e a partir daí, a Marshall Motors nunca mais seria a mesma.

A PRIMEIRA coisa que a equipe da Marshall Motors fez no projeto de reconstrução do Mustang foi comer um lauto jantar com belos bifes.

Foi uma decisão fácil. Logo depois de receber o Mustang de Shelby, encontraram um envelope preso no para-sol do lado do motorista. Dentro havia um cartão de crédito de uma das empresas do pai de Dino. Junto, um bilhete num Post-it dizia: “Para todas as despesas razoáveis...”

A equipe imediatamente se amontoou no Gran Torino de Tobey e seguiu para o Applebee's, onde os cinco pediram o prato mais caro do cardápio: o filé de 350 g. Sentados numa mesa no canto, beberam um rio infinito de cerveja e, falando em voz baixa, discutiram o que queriam fazer e, mais importante, o que tinham de fazer para botar aquela coisa toda para funcionar.

Logo concluíram que a prioridade era a segurança. Isso por várias razões. Primeiro, apesar de agora estarem, inacreditavelmente, trabalhando para Dino, ainda não confiavam nele. Sabiam que não seria nenhuma surpresa se ele dissesse que eles tinham roubado o carro único e ultraexclusivo. A visita dele logo depois do racha à Marshall Motors tinha sido gravada pelas câmeras de segurança da oficina, assim como a entrega do próprio Mustang por Big Al no dia seguinte. Mesmo assim, sabiam que tinham de ser cuidadosos e documentar tudo só para o caso de ser uma armação planejada por Dino.

Depois, considerando que o carro que eles iam montar podia custar 2 milhões de dólares ou mais, eles tinham de garantir não só que fizessem tudo com discrição mas em particular. Suas atividades tinham de ser absolutamente sigilosas.

Isso, na verdade, era um raciocínio óbvio. Eles sabiam muito bem que havia algumas pessoas no meio das corridas de rua que, se soubessem que alguma coisa grande estivesse rolando na Marshall Motors, algo que envolvia o falecido deus Carroll Shelby, não pensariam duas vezes em arrombar a oficina para roubar o que quer que fosse. Também não queriam que a informação vazasse para a imprensa especializada em corridas ilegais. Nem mesmo Monarch, porque isso poderia atrair a atenção indesejada em nível nacional.

Por isso, eles precisavam de segurança em escala militar. Portanto eles deram essa tarefa a Benny.

Eles passaram o primeiro dia de trabalho integral consertando, fechando e lacrando duas das quatro baias de reparos da oficina. A desculpa, para qualquer um que perguntasse, era que as estavam reformando e repintando o local. Para reforçar isso, envolveram as duas baias com plástico azul do teto ao chão. Cobriram com jornal as duas janelas que davam para as baias isoladas, e prenderam com fita e jogaram tinta aleatoriamente no jornal para dar a impressão de que estavam mesmo fazendo uma pintura no interior.

Em seguida, Benny melhorou o sistema de câmeras de segurança para incluir um gravador de áudio. Depois, instalou um alarme antifurto de alta qualidade, com equipamento de detecção de movimento com sensores infravermelhos. Ele fez tudo isso sem alardear a melhoria, botando adesivos do lado de fora, nas portas e nas paredes. Todos concordaram: se fossem pegar alguém espionando, queriam fazer sem que ninguém soubesse, para poderem lidar com a situação do mesmo modo.

Benny os advertiu a não falar com ninguém sobre o que estavam fazendo, nem de modo indireto. “O peixe morre pela boca”, ele sempre dizia a todos, que sabiam que o segredo completo em torno do projeto era do maior interesse deles. Eles iam continuar a fazer o serviço normal da oficina (trocar óleo, dar os adesivos de inspeção, fazer as customizações). O trabalho no projeto seria feito principalmente à noite e de manhã cedo, antes que o número cada vez menor de clientes que ainda frequentava o local aparecesse.

Eles chegaram a criar um sistema no qual qualquer peça muito exótica de que precisassem, algo que não fosse normalmente usado num carro de passeio, seria comprada a num rodízio de fornecedores on-line que eles tinham em vez de encomendá-la na loja de peças de automóveis local da rede napa. Esse lugar, eles sabiam, era um ninho em potencial de espiões.

Benny era tão cuidadoso que chegou a pensar num sistema para jogar fora peças e partes usadas que pudessem ser ligadas a Shelby. Em vez de jogar tudo fora na caçamba normal da Marshall Motors, fornecendo pistas valiosas sobre o que estavam fazendo, ele os fazia embalá-las em sacos de lixo, que depois jogava em vários latões espalhados pela cidade.

Como várias vezes dizia aos outros:

— É assim que a cia faria.

Eles resolveram trabalhar em duplas se revezando, com Pete dando cobertura onde fosse necessário. Dois mecânicos estariam sempre na oficina no horário normal de trabalho para fazer o serviço duro habitual da Marshall Motors, enquanto outros dois chegavam depois de fechar para trabalhar no supercarro, que tinha sido posto no elevador da baia número três, durante a noite.

Little Pete aparecia sempre que precisavam dele, ou pelo menos esse era o plano. Na verdade, ele estava lá quase o tempo todo, dia ou noite. Depois de Tobey, era quem estava botando mais horas no projeto, pois ele sabia que aquilo poderia levar à realização de uma de suas visões.

Mas, na verdade, o carro era a preciosidade de Tobey. Ele frequentemente trabalhava dois turnos seguidos, de dia na oficina e depois no projeto a noite inteira. Quando estavam perto do fim, num ponto em que não tinham mais que virar todas as noites, Tobey ainda ficava na oficina, dormindo ao lado do Mustang em fase de acabamento, com um bastão de beisebol sempre à mão, de vigia.

A essa altura, ele não queria deixá-lo sozinho nem por um minuto.

A primeira coisa que fizeram quando o carro chegou foi, surpreendentemente, se livrar de muita coisa que tinha vindo com ele.

Por mais lindo que fosse o design geral, ou que tivesse sido projetado para ser pelo falecido grande Carroll Shelby, quando o carro chegou às mãos deles, tinha muitas peças e equipamento inapropriado instalado nele. Eles nunca descobriram por que tinham feito isso. Podia ter sido uma tentativa anterior de dar vida ao carro ou uma medida de segurança — esconder a joia embaixo de um monte de peças baratas.

No entanto, qualquer que fosse o caso, eles iam ter de tirar muita coisa.

As rodas, os pneus, o eixo de transmissão, até o motor 302 recondicionado... Tudo foi para o lixo. Se livrar do 302 foi especialmente doloroso. Era um belo motor, mas bem inferior ao padrão que eles precisavam para fazer seu conceito correr. Além disso, eles não queriam ficar com nada que os ligasse àquele Shelby único. Então tudo, dos freios aos eixos, do diferencial aos canos de descarga e até o tanque de gasolina, foi removido, cortado em pedacinhos e posto em sacos de lixo para Benny espalhar pela região.

Em seguida, eles precisavam de um motor de verdade, algo apropriado ao que eles estavam tentando construir. Como tudo estava sendo pago com o cartão de crédito de Dino, a equipe da Marshall não se preocupava com despesas. Enquanto o cartão passasse, eles não iam se preocupar com a origem

da grana nem com quanto dela eles estavam gastando. Só precisavam manter tudo bem registrado e documentado para o caso de Dino voltar a agir de seu jeito traíçoeiro habitual.

Depois de pesquisar um pouco, então, eles compraram um motor Ford de 5,8 litros com comando de válvulas todo de alumínio com cabeçotes de alumínio. Quando esse monstro foi entregue, eles instalaram pistões e bielas de alumínio forjado e prenderam uma cambota de aço forjado a ele. Tudo estava correndo bem.

Os cilindros vieram em seguida, depois de serem cobertos por óxido de ferro soldado a plasma para reduzir a fricção. Então veio o sistema de sobrealimentação, uma bomba de óleo de grande volume e um sistema de lubrificação de cárter seco, todos comprados pela internet no Japão. Eles mexeram nos cabeçotes para melhorar o desempenho das válvulas e chegaram a polir o interior delas para melhorar o fluxo de ar. Então instalaram quatro eixos de comando de alta resistência e oito injetores de combustível enormes junto com tubos de combustível de grande volume para garantir o fluxo de combustível que fosse necessário.

Depois de instalar os encaixes dos longos tubos de exaustão, foi a vez das velas. Tobey levou um dia inteiro para descobrir que velas comprar, e quando elas chegaram, qual deveria ser o ajuste certo.

Contudo, depois que essas coisas ficaram prontas, toda a turma se reuniu no interior da baia número três, cruzou os dedos em conjunto e girou a ignição provisória. O motor despertou para a vida com um ronco tão alto que eles ficaram com dor de cabeça por dias.

Eles, porém, não se importaram nem um pouco. Aquilo era música para seus ouvidos.

Apesar de o motor ainda precisar de alguns ajustes, logo de cara ele começou a funcionar a mais de 6.000 rpm, o que, eles calcularam, deveria corresponder a quase 750 cavalos, com potencial para 900. Isso, eles sabiam, podia significar que aquele Mustang pronto talvez alcançasse a velocidade de 370 km/h, um número incrível que teria impressionado o próprio Carroll Shelby.

De qualquer maneira, era uma realização e tanto para os cinco mecânicos gloriosos da Marshall Motors. Eles estavam trabalhando para criar um monstro. E tinham feito exatamente isso.

Contudo, a maioria dos monstros traz problemas, e o deles não foi diferente.

Todo o trabalho de subestrutura funcionou bem. Eles reforçaram o chassi com uma subestrutura conectada com aço ultrarresistente e instalaram os melhores amortecedores e molas ajustáveis do mercado. Instalaram uma bateria extraforte no quarto traseiro da mala, uma grande bomba de gasolina superpotente e um sistema de exaustão extremamente grande. Eles acharam que a tarefa mais dura seria modificar a barra de direção para acomodar o sistema de câmbio instalado no volante, eliminando a necessidade de uma alavanca de câmbio e de um pedal de embreagem. Isso tudo também correu bem.

Aí chegou a hora de botar o eixo de transmissão. Eles compraram um do melhor fornecedor dos Estados Unidos, e tinham muitas esperanças de que a instalação seria tranquila. Contudo, não importava o que fizessem, o eixo sob medida simplesmente não encaixava.

Eles não sabiam por quê. Conferiram e tornaram a conferir as medidas. Tudo parecia correto. Eles checaram seus cálculos, mas tampouco encontraram erros. Passaram três dias e três noites seguidos tentando todos os meios possíveis para conectar o eixo, mas nada funcionava. Chegaram a aparar as extremidades do eixo caríssimo, na esperança de ganhar alguns milímetros preciosos, mas nem assim adiantou. E como tinham projetado aquela porção do sistema de tração para se encaixar naquele eixo de transmissão único e exótico, não havia alternativa no mercado que eles pudessem comprar para substituí-lo.

Por isso eles tiveram de inventar uma.

Joe Peck e Finn viraram uma noite no auge da crise, e quando Tobey chegou na manhã seguinte encontrou os dois dormindo ou desmaiados, era difícil saber. Entretanto, sobre a bancada de trabalho havia um eixo de transmissão completamente novo e original que eles haviam construído de fibra de carbono.

Tobey ficou impressionado. Eles eram bons em conectar coisas em carros, encaixar peças compradas de fornecedores e fazê-los funcionar. Mas fazer uma coisa como aquela sozinhos?

Ele despertou Joe por tempo suficiente para fazê-lo jurar que o novo eixo ia encaixar e funcionar. E, como bônus, ia reduzir o peso total do carro, um fator muito importante.

Após algumas horas de descanso, eles testaram a nova peça que, é claro, encaixou e funcionou perfeitamente.

Foi naquela manhã que Tobey percebeu que algo muito especial estava acontecendo dentro da Marshall Motors.

Em seguida foi a vez do trabalho nos freios, nunca o favorito de mecânico nenhum. Entretanto, apesar de andar devagar (prender as sapatas de 35 cm e seis pistões e as pastilhas de freios na frente e as de 33 cm atrás), também correu bem. Tudo funcionou depois de alguns ajustes. As rodas vieram em seguida, extremamente caras, mas fundamentais, pois teriam de se adaptar com perfeição e firmeza aos pneus de corrida *absurdamente* caros que a equipe tinha comprado.

Mas aí o monstro ficou mal-humorado de novo.

Aconteceu no dia em que puseram o motor dentro do carro, o que devia ser um grande passo para sua finalização. Depois de semanas de trabalho no motor e na carroceria separadamente, agora o carro ia receber seu coração de mais de 700 cavalos.

O motor entrou com facilidade, mas quando eles tentaram fechar o capô, não coube. O superalimentador que eles tinham instalado era só um pouquinho grande demais, e o capô que compraram era um pouquinho menor. Ele simplesmente não fechava.

Eles tentaram todos os ajustes em que conseguiam pensar, incluindo baixar grande parte das peças instaladas na parte de cima do motor, mas não adiantou. A porra do capô simplesmente não fechava. De todas as coisas que podiam dar errado, eles não podiam esperar por essa.

E agora? Eles tinham esperado quatro semanas pela chegada do capô feito sob medida. Não iam aguentar esperar mais um mês por outro, mesmo que encontrassem um que encaixasse.

Então Joe Peck e Finn voltaram para o modo cientista louco, dessa vez com a ajuda de Tobey. Foram 24 horas de trabalho ininterrupto, mas eles fizeram um capô completamente novo, também de fibra de carbono, tornando-o fino e fácil de trabalhar.

Foi aí que Tobey pensou: “Talvez a gente esteja mesmo ficando bom nisso.”

Tudo correu bem depois disso, pelo menos por um tempo. O sistema elétrico foi instalado sem problemas. O mesmo rolou com o sistema de combustível, o cabeamento elétrico e o sistema de refrigeração.

Foi um dia alegre quando os cinco se juntaram para preparar o carro para as primeiras camadas de pintura e depois, quando Benny, como principal artista, fez seu acabamento com a pistola em prata e azul reluzentes.

Quando Tobey perguntou a seu pintor qual o preço da pintura, Benny respondeu:

— Só um pistolão de dólares.

No entanto, o resultado compensou. Montado e pintado, o Mustang ficou

tão elegante e aerodinâmico que até parado ele parecia estar correndo a 150 km/h.

Eles trouxeram um dinamômetro portátil e programaram seu computador para maximizar a potência e o torque. O programa recomendava maneiras de obter potência extra. Eles fizeram esses ajustes e ficaram chapados quando o computador informou que tinham chegado ao nível de 900 cavalos, que desde o início era seu Santo Graal.

Naquela noite, eles finalmente comemoraram. Até então, tinham banido toda a bebida, toda a biritá e qualquer outro tipo de distração recreativa que pudesse interferir no projeto. Contudo, chegar àquele ponto pedia ao menos uma caixa de cerveja: eles estavam muito próximos de terminar aquele carro fantástico, algo que tinha sido iniciado pelo pai de tudo aquilo. E eles tinham feito em segredo, em sigilo absoluto, sem interferência de Dino (que não entrou em contato com eles nem uma vez durante o processo de montagem), sem arrombamentos, brigas nem discussões.

Então, como um dos últimos elementos, eles pesaram o carro. O programa do dinamômetro dissera que o carro devia pesar menos de 1.725 quilos, sem contar o peso do piloto, para alcançar os sonhados 370 km/h. Entretanto, quando o puseram na balança, viram que ele pesava 32 quilos a mais que o número mágico 1.725.

Isso era um grande problema. Eles sempre pensaram em reduzir o peso ao pensar no que iam botar em sua supermáquina. Agora ela estava tão enxuta que qualquer coisa que eles tirassem podia ter efeito prejudicial em outra. Com isso vinha o perigo de surgirem pontos negativos.

A questão se resumia a números: se quisessem os 900 cavalos, para alcançar 370 km/h, teriam de eliminar 32 kg.

Mas de onde?

Foi Little Pete que, sem querer, veio com a solução. Ele estava no banco traseiro do carro procurando alguma coisa que eles pudessem retirar para deixá-lo mais leve quando disse:

— Esse banco traseiro é tão pequeno. Até para mim seria difícil comer alguém aqui atrás.

Todos se tocaram ao mesmo tempo. Porque um carro como aquele precisava de um banco traseiro? Ele não era um carro para dois casais saírem para passear.

Eles levaram mais 24 horas para retirar o banco traseiro, junto com todos os seus suportes e a chapa pesada de piso sobre a qual ele estava instalado. E

assim que encheram o espaço vazio com mais folhas de fibra de carbono, pesaram o carro, que ficou com 1.722 quilos.

O programa de computador do dinamômetro amou o resultado. Eles o rodaram três vezes, e em todas elas ele indicou que se tudo permanecesse igual, eles alcançariam seus 370 km/h quando o carro fosse para as ruas.

Quando abriram as portas da oficina naquela manhã, passava pouco das cinco horas.

Mesmo assim, eles levaram mais cerveja e compraram sanduíches para o café no McDonald's para comemorar bastante. Entretanto, quando eles se sentaram nas cadeiras rangentes do escritório para o café da manhã comemorativo, todos eles se recostaram para dar uma descansada e pegaram no sono.

Os sanduíches esfriaram e as cervejas esquentaram, mas não importava.

As semanas de trabalho, as noites viradas. Tirar os olhos da máquina de solda e ver o sol nascendo. Latas de lixo cheias de latinhas de energético vazias e embalagens de barrinhas de cereal.

O trabalho deles estava terminado.

E finalmente eles podiam descansar.

MANHATTAN RELUZIA mais que a cidade mágica de Oz.

Luzes, prédios, pessoas, carros, movimento em toda parte. O centro do universo, tudo a menos de uma hora de carro de Mount Kisco.

Se isso podia parecer um milhão de quilômetros de distância para alguns moradores da cidadezinha do Norte do estado, pelo menos alguns deles tinham feito a viagem nessa noite.

Na esquina da Rua West 51 com a Sexta Avenida, com a entrada praticamente escondida entre a fachada de duas lojas fechadas, havia uma galeria de arte tão exclusiva, tão elegante que nem tinha nome. Era para ser um lugar mágico, projetado para impressionar e maravilhar, e quando tudo funcionava a contento, na maioria das vezes, impressionava mesmo. As paredes altas, a luz suave, as vozes contidas, a trilha sonora quase imperceptível. Em noites especiais, uma névoa bem fina saía do teto e se precipitava muito delicada e sutilmente sobre a galeria. Ela dava a tudo um brilho dourado sem molhar nada, as gotículas parecendo pequenas joias caindo do céu, ou pelo menos das vigas.

Essa era uma dessas noites especiais.

O local sem nome estava completamente lotado. Centenas dos ricos e poderosos de Nova York estavam amontoados lá dentro bebendo champanhe brüt dourado. Um convite para esse evento tinha sido algo muito difícil de conseguir. Outros eventos na cidade na mesma noite tinham sido ofuscados por ele.

Ao bater da meia-noite, a atenção dos presentes foi atraída por um fantástico programa holográfico em 3D, projetado no centro do salão. Por meio de desenhos de projetos e esquemas mecânicos que se moviam e giravam, eles foram apresentados aos detalhes do trabalho feito no “último Mustang Shelby” a ganhar vida. O motor, o chassi, o interior, as rodas... Cada componente não tinha apenas sido projetado, mas tinha sido esculpido a mão de modo que todos se encaixassem juntos num conjunto perfeito. E muitos deles eram peças construídas para existir apenas e exclusivamente dentro dessa máquina fantástica, e nunca mais seriam feitos outra vez.

Os que estavam ali reunidos ficaram pasmos e fascinados como era de esperar, mas havia mais. Quando a narração terminou, o holograma começou a girar mais depressa e, de repente era como se algo etéreo estivesse nascendo bem diante dos olhos deles. Esse nascimento era representado pela imagem de um garanhão galopando lentamente e se transformando no supercarro inspirado no Mustang.

O público aplaudiu com entusiasmo, mas o melhor ainda estava por vir. No mesmo instante que o cavalo se transformou no carro em 3D, uma cortina se ergueu, ouviu-se o toque de clarins vindo do nada e, de repente, diante dos olhos de todos, surgiu o próprio carro mágico. O último Mustang Shelby. O Supercarro Ford gt, exibido como uma obra de arte, cercado por cordas grossas de veludo.

Os *flashes* das câmeras dos *paparazzi* iluminaram o salão lotado. As luzes estroboscópicas se refletiam na neblina que caía e a transformavam em milhões de esmeraldas pequeninas, que desciam flutuando em silêncio e caíam sobre o Mustang abaixo.

Era como uma experiência psicodélica, sem as drogas.

Como era a intenção, os convidados ficaram fora de si de tão maravilhados.

Num canto da sala, porém, parecendo muito deslocados, nem de longe fascinados pela maravilha de tudo aquilo, estavam Joe Peck e Finn. Os dois estavam arrumados, ou quase. Peck estava usando um paletó grande demais com uma camisa apertada demais, e até uma gravata, apesar de o nó estar todo errado.

Finn não estava muito melhor. Ele pegou um terno emprestado com um primo, que obviamente não comprava um terno desde meados dos anos 1980. Ele e Joe tinham passado uma hora antes do início da apresentação pensando em como retirar as ombreiras gigantescas sem rasgar o tecido externo.

Eles estavam extremamente desconfortáveis. Manhattan era outro mundo para eles. Um lugar grande, barulhento e caro ao qual eles nunca tiveram motivo para ir, por mais grandioso que parecesse ser. Assim que desceram do trem Metro-North na Penn Station mais cedo naquele dia, os dois teriam dado qualquer coisa para não estar ali.

Tobey e Little Pete não estavam se saindo muito melhor. Estavam parados ao lado das cordas de veludo que cercavam o supercarro, também vestindo ternos que não lhes caíam muito bem, com um mar de gente bonita num turbilhão em volta deles. Para os dois, os convidados eram como uma espécie completamente diferente, elegante e flutuante, mas de plástico, e não importava

o que Tobey e Pete fizessem, não importava como ficassem ou como falassem, eles simplesmente não conseguiam se misturar. Eles se sentiam como peixes fora d'água.

Tobey em particular estava deslocado e perdido. Ao mesmo tempo em que sentia orgulho pelo que eles tinham feito com o SuperMustang, sentia que aquela não era sua praia. Ali era onde Anita morava, e só isso o deixava cheio de pensamentos negativos. Oito milhões de pessoas chamavam a cidade de Nova York de lar, mas saber que só uma delas estava ali, dentro dos limites da cidade, talvez mesmo ali perto, era o suficiente para deixá-lo abatido.

Ele estava tão chateado que mesmo no momento exato em que seu supercarro era apresentado ele se viu pensando que nunca havia se sentido tão só.

Então, aí ele conheceu Julia.

Quando Tobey a viu pela primeira vez caminhando pelo salão na direção dele, de repente, era como se ela fosse a única pessoa na galeria que tivesse cores, e todo o resto houvesse ficado em preto e branco. Ela era linda. Loura. Bem vestida. E caminhava com tamanha confiança e graça, que isso já era um sinal de beleza.

Ela chegou ao ponto onde eles estavam parados, examinou os dois de cima a baixo e em seguida perguntou:

— Então, esse carro... Ele corre muito? — Ela tinha sotaque britânico e muito sensual.

— Ele é rápido — respondeu Tobey, mal conseguindo articular a frase.

— *Muito* rápido — completou Little Pete.

Contudo, aquela mulher linda estava incrédula. Dava para ver em seu rosto, e especialmente em seus lábios.

— Mas os Mustangs não são todos rápidos?

— Esse carro foi construído por Ford — disse Pete, lembrando de frases do release da galeria. — E reprojetoado por Carroll Shelby, o maior construtor de carros de alto desempenho na história dos Estados Unidos.

— Mas, Pete, — interrompeu Tobey com um sorriso de desdém — isso não significa nada para ela. Você não percebe? Ela não é daqui. E duvido que tenha alguma ideia de quem seja o senhor Shelby.

Pete pensou por um instante, mas então concluiu cheio de orgulho.

— Bem, fomos nós que o finalizamos. Foi nossa oficina que fez dele um supercarro.

— Mas por que ele é tão rápido? — Julia insistiu com ele.

Pete sorriu e saiu do roteiro.

— Novecentos cavalos, querida — disse ele. — Pura aceleração e potência.

Tobey teve de rir do entusiasmo de Pete.

Mesmo assim ela não estava impressionada.

— Isso é muito? — ela perguntou. — Quero dizer, 900 cavalos?

Little Pete não podia crer no que estava ouvindo.

— Você está falando sério? — perguntou a ela.

Tobey interveio outra vez.

— Calma, Pete — disse ele.

— Moça, este não é um carro que se pode comprar num shopping — disse ele. — Pode acreditar no que eu digo. Não existe outro como ele.

Mesmo assim ela parecia confusa.

— Posso ver o motor? — ela perguntou inocentemente.

Little Pete destravou o capô com prazer. Tobey o levantou para que ela pudesse ver o que havia por baixo.

— Uau... — ela disse, estudando o motor de perto. — 5,8 litros. Bloco de alumínio. Superalimentador. Cabeçotes de corrida. Muito bom, mesmo...

Little Pete ficou olhando para ela sem palavras. Tobey, porém, estava sorrindo.

— Tenho de admitir que não esperava por essa — disse para ela.

— Você quer dizer de uma mulher? — ela perguntou. — Ou é porque sou britânica? O primeiro Cobra do Senhor Shelby foi construído com um carro chamado ac Ace Bristol, produzido na Inglaterra. Mas... você sabia disso, não é?

Tobey perdeu a fala. Não havia o que ele pudesse dizer a ela naquele momento que fosse fazer algum sentido.

— A vida pode ser cheia de surpresas — ela disse para ele com uma piscadela.

Little Pete voltou a abrir a boca.

— Vejo muita gente na vida que se acha muito esperta só porque tem sotaque britânico.

Ela se virou para ele.

— É mesmo? — perguntou.

— Você já assistiu ao Piers Morgan? — ele perguntou de volta.

Ela riu, só um pouco, então virou-se outra vez para Tobey.

— É assim que vocês dois funcionam? — ela perguntou. — O número de vocês é assim? Você faz o durão caladão e ele conta as piadas?

Tobey mais uma vez ficou sem palavras. Não ajudava muito ele não conseguir parar de olhar para ela.

Subitamente, uma sombra escura surgiu sobre eles. As luzes no salão pareceram diminuir. A neblina de esmeralda que caía perdeu seu brilho.

De repente, surgiu Dino Brewster, se metendo na conversa.

— Oi, Julia — disse ele.

Tobey sentiu um nó no coração. Por que no mundo esses dois tinham de se conhecer?

— Três milhões é demais por esse carro, Dino — Julia disse a ele sem rodeios.

— Mas é quanto ele custa — respondeu Dino. — Vamos ver o que Ingram acha.

— *Eu* sou o que Ingram acha — ela insistiu. — E Ingram acha que ele vale no máximo 2 milhões.

Dino sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, o número é 3 milhões.

— Mas três é um absurdo — ela disse. — E todo mundo aqui sabe disso. Eles amaram a apresentação, mas por que você acha que ninguém fez uma oferta ainda?

Dino não perdeu a pose.

— Ainda há bastante tempo para isso. Além do mais, é o melhor carro que já dirigi desde a Indy...

Então Pete tornou a interromper. Ele viu uma mentira e teve de corrigir. Esse era o jeito dele.

— Você nunca dirigiu esse carro — disse ele a Dino, corrigindo-o. — As chaves ficaram o tempo todo com Tobey.

Julia deu um sorriso malicioso.

— Querem que eu tampe os ouvidos e vire de costas enquanto vocês acertam a história?

Little Pete riu da piada dela, mas Dino o estava fuzilando com os olhos.

Apesar disso, ela continuou com seu ataque.

— Qual a velocidade máxima? — perguntou diretamente a Dino.

— Duzentos e noventa — respondeu Dino, mas Tobey respondeu no mesmo exato momento, mas ele disse:

— Trezentos e setenta...

Ela pareceu realmente surpresa.

— Trezentos e setenta? Quilômetros por hora?

Dino tentou explicar.

— Ele está falando de uma velocidade máxima teórica — disse ele, um tanto desesperado.

Ela apontou para Tobey.

— Sei que ele não fala muito, mesmo — disse ela. — Mas vamos ver se o Senhor Caladão consegue falar um pouco.

— Ele vai chegar a 370 — disse simplesmente Tobey.

— Mas a maior velocidade da nascar em todos os tempos foi 367 — ela disse a ele.

— Esse carro é mais rápido — respondeu Tobey com calma.

Finalmente, ela parou de falar por um instante. Um grande sorriso iluminou o rosto dela.

— Está bem — ela disse. — Amanhã às oito da manhã lá na sua floresta em sua propriedade em Shepperton. Se você chegar perto de 370 com este carro, Ingram o compra no ato.

De repente, Dino ficou animado de novo.

— Por 3 milhões?

Julia riu de novo.

— Um milhão a mais, um milhão a menos... — ela disse. — Mais provavelmente a menos.

Com isso, ela foi embora.

Todos os três a observaram se afastar. Dino, porém, estava furioso.

— Trezentos e setenta? — reclamou ele com Tobey assim que ela saiu do campo de audição. — Você está maluco? E se eu não conseguir fazer o carro chegar a essa velocidade?

— Você não vai conseguir — Tobey disse a ele sem rodeios. — Mas eu consigo. Por isso, eu vou dirigir.

Dino mal podia controlar a raiva. Se a colaboração para criar o SuperShelby tinha sido um sucesso, principalmente porque Dino não havia interferido no processo de construção, desde o término do projeto, ele voltou a ser o mesmo velho Dino de sempre. Um babaca, cuzão, mané.

Como prova disso, ele disse a Tobey numa voz baixa e ameaçadora:

— Nunca nem pense em dirigir este carro... e eu disse *nunca*.

UM BOM exemplo de como alguns moradores da região de Mount Kisco eram ricos podia ser encontrado a uns 15 quilômetros a Leste da cidade.

Ele se chamava Shepperton Motor Club, mas era basicamente uma pista de corrida particular. Enquanto seus donos sempre faziam questão de logo lembrar que ele era mais que apenas um lugar para os multimilionários correrem com seus carros caríssimos (era também um *resort*, um local de treinamento e um refúgio), a verdade é que, nessas coisas, o tamanho importava. E Shepperton era quase duas vezes maior que o *country club* de Mount Kisco, aquela espelunca mais perto da cidade.

Além de todos esses outros confortos, Shepperton tinha um circuito de 6,7 quilômetros que serpenteava através de 700 mil metros quadrados de bosques estrategicamente posicionados, gramados cuidadosamente aparados e áreas de escape baixas e gramadas. Ele tinha grandes curvas construídas, inspiradas nas mais famosas pistas europeias, mais de 2,5 quilômetros de retas, 120 metros de subidas e descidas e 22 curvas, incluindo três *hairpins*.

O quadro de sócios era ultraexclusivo: só cerca de 1% do 1% podia entrar, e as mensalidades chegavam aos seis dígitos. Qualquer pessoa que tivesse menos que um supercarro estaria melhor tentando conseguir sua onda de adrenalina em outro lugar.

Era por isso que Tobey, apesar de seu amor por tudo que envolvesse carros e corridas, nunca tinha atravessado seus portões. Até agora.

O dia havia amanhecido claro e quente, cobrindo o circuito particular com cores vermelho-sangue. Tobey e Little Pete foram os primeiros a chegar. Passaram pela segurança como convidados de Dino Brewster e seguiram lentamente pela estradinha cheia de curvas que levava até o campo principal.

— Morri e fui para o céu — murmurou Little Pete ao ver as instalações do lugar, que incluíam fileiras de garagens particulares bem cuidadas, prédios de

equipamento e postos de abastecimento. — Sempre tive curiosidade em saber como era este lugar de perto.

— Eu também — suspirou Tobey.

Eles desceram o Mustang do caminhão que o transportava, tratando-o com o maior cuidado. Depois de fazer isso, os dois deram uma boa olhada ao redor.

— Onde está todo mundo? — perguntou Pete, vendo a hora.

— Acho que chegamos cedo — disse Tobey.

Ele estava satisfeito por isso. Queria algum tempo para pensar sobre o que ia acontecer em seguida.

Caminhou até o Mustang e passou a mão pela beira do seu teto. Ele conhecia cada centímetro do supercarro, cada peça, cada junta, cada porca, cada parafuso, cada rebite. O SuperMustang era mesmo uma obra de arte. Estava orgulhoso de si e orgulhoso da equipe da Marshall por fazer um trabalho tão sensacional.

Então ele olhou para a pista. Naquele dia, ainda estava intocada. Reluzente. Convidativa. Com a perfeição do orvalho.

Little Pete conhecia Tobey bem. Estudou o amigo enquanto Tobey se revezava entre admirar o carro e olhar para o circuito vazio. Pete quase podia ouvir as rodas girando na cabeça de Tobey. Sabia no que ele estava pensando.

— Tobey? — disse para ele. — Tobey...

Mas Tobey não respondeu.

Então Pete foi até o lado dele, também olhou para a pista, e então disse:

— Você tem de fazer isso, meu irmão.

Menos de um minuto depois, Tobey estava atrás do volante do Mustang Shelby voando pela pista.

Ele fez a primeira curva grande a 290 km/h, mas isso era apenas o começo. Ele e o carro estavam só esquentando.

Tobey engrenou a sexta marcha, saiu da curva e pisou fundo no acelerador. O velocímetro começou a subir.

310... 325... 335...

No momento seguinte, ele estava descendo voando a primeira reta numa velocidade alucinada, exatamente o que o supercarro tinha sido projetado para fazer.

Agora só dependia de ele provar que suas afirmações eram verdadeiras.

Ele entrou na curva seguinte bem aberto. O fato de pegar o traçado mais longo ter custado alguns momentos extra não o perturbou. O que importava agora era ganhar velocidade e, ao sair da curva, alcançar um efeito de estilingue.

Pelo menos era o que esperava. Precisava de toda a velocidade que pudesse conseguir para acelerar o Mustang até os mágicos 370 km/h na reta seguinte, antes que a pista acabasse outra vez.

Little Pete estava parado sozinho nos boxes perto da curva alta. Tobey captou um vislumbre dele no microssegundo que levou ao passar. Ele mal viu que Pete estava com a mão nos ouvidos, tentando bloquear o barulho do supermotor do SuperMustang.

Isso é um bom sinal, pensou.

Então Tobey chegou na reta e ficou de olho no velocímetro.

Ele subia acima de 350... 355... 358...

Nos boxes, Little Pete tinha tirado as mãos dos ouvidos só para ouvir alguém gritar. Ele se virou e viu Dino correndo em sua direção como um alucinado. Estava apontando loucamente para o Mustang que fazia voando a curva seguinte.

— *Mande-o parar!* — gritava Dino para Pete. — Droga! *Mande-o parar!*

Dois minutos depois, Tobey parou na área dos boxes e desceu do Mustang. Estava com um grande sorriso, o que era raridade.

Então, Dino surgiu, e o sorriso desapareceu.

— Que merda você está fazendo, Marshall? — gritou Dino. — Você não é dono desse carro! Ele não é para sua diversão.

Tobey manteve a calma. Ele apenas se afastou.

— A velocidade máxima é um pouco maior que 370 — disse para Dino por cima do ombro. — Conseguimos.

Entretanto, Dino não estava prestando atenção. Ele agarrou Tobey. Seu punho recuou para lhe dar um soco, mas Tobey era bem mais rápido. Ele pegou o braço de Dino e o segurou firme, impedindo que ele o agredisse. Mesmo assim, eles ficaram a segundos de uma briga feia.

De repente, uma voz feminina foi ouvida acima da refrega.

— Segundo isso... — disse a voz.

Foi o suficiente para congelar Dino e Tobey no lugar. Eles olharam e viram Julia, linda como sempre, segurando um radar manual de pistola.

— Segundo isso... — ela repetiu. — É verdade... Tobey chegou aos 370...

Ao lado dela havia um homem num terno caro com binóculos pendurados no pescoço.

Ele era Mark Ingram, um *playboy* podre de rico, sócio de Shepperton e dono de vários carros de alto desempenho.

— Você pilotou muito bem, filho — disse Ingram para Tobey. — E esse aí é um carro incrível.

Ele tornou a olhar para o Mustang e depois de volta para o pequeno grupo nos boxes.

— E vai me custar 3 milhões? — perguntou ele.

Dino olhou para Julia e depois de volta para Ingram.

— É, sim — disse Dino. — Isso mesmo.

— Dois e setecentos... — interveio Julia.

Dino olhou de novo para ela com olhos sombrios. Contudo, ela não tinha problemas em encará-lo nos olhos até que ele desviasse.

Ingram acabou com o impasse.

— Se Julia diz que vale 2,700, eu pago 2,700. É pegar ou largar — disse ele.

Tudo se oficializou em poucos minutos.

Ingram fez um cheque de 2,7 milhões de dólares sem piscar. Depois, para comemorar sua aquisição, botou um capacete de corrida, foi para trás do volante do Mustang, acelerou e partiu.

Aquele devia ter sido um momento especial para todos os envolvidos, mas Dino estragou tudo. Ele ainda estava louco para matar Tobey.

— Mas que porra você estava pensando? — ele meio que gritou com Tobey de novo. — Se tivesse batido com o carro, ou estourado o motor, ou qualquer coisa, teria ferrado com todo esse negócio.

Tobey não perdeu a calma.

— Mas nada disso aconteceu — respondeu ele despreocupadamente. — E vendemos o carro, não foi? Eu achava que esse era o objetivo.

E então Little Pete interveio.

— Você nunca teria feito o carro chegar a 370. Nem numa pista. Só Tobey conseguiria fazer isso, e foi por isso que o cara o comprou.

Entretanto, Dino não tirava os olhos de Tobey. Aquilo não era sobre dinheiro. Era sobre ego, e o de Dino era muito grande.

— Você acha que é melhor piloto que eu, Marshall? — disse com raiva para Tobey.

E, antes que Tobey pudesse responder, Little Pete se meteu de novo.

— Eu *sei* que ele é melhor piloto que você — disse para Dino.

Dino de repente se virou para Pete.

— Você sabe que já não aguento mais você — disse com raiva, dando um

passo na direção de Pete.

Tobey imediatamente entrou no caminho de Dino.

— Pare com isso, Dino — alertou.

No entanto, Dino não queria desistir. Estava furioso.

— Eu derroto você na estrada — disse com raiva para Tobey. — Numa pista, na terra, em qualquer lugar que quiser correr. Pode escolher, Marshall.

Então, Little Pete riu na cara de Dino.

— Que eu me lembre, Tobey ganhou todas as vezes que vocês correram nos tempos de colégio — disse ele.

— Bem, muita coisa aconteceu desde os tempos de escola, baixinho — respondeu Dino com raiva.

Little Pete se esticou em toda a sua pouca altura, mas Tobey tornou a interceder. Ele estava fazendo de tudo para que os dois não brigassem.

— Você é o cara — disse para Dino. — Você é o profissional. Está bem? Você não tem de provar nada para mim. Vamos esquecer e parar com isso.

Contudo, Dino não estava entrando no papo de Tobey. As veias em sua cabeça pareciam prestes a estourar.

— Não — disse ele. — Vamos correr. Se você ganhar, fica com os 75% da minha parte da venda do Mustang. Se perder, me dá seus 25%.

Tobey congelou. A perspectiva de tanta grana o deixou zozado, impediu que pensasse com clareza, pelo menos naquele momento. Ele não podia evitar. Dois milhões e setecentos mil dólares? Uma grana dessa podia mudar tudo para ele.

— Bem, isso podia tornar as coisas interessantes.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Dino disse a ele:

— Pego vocês na oficina, às quatro... Estejam prontos.

Com isso, Dino foi embora furioso.

Mas Tobey estava confuso.

— O que vamos correr? — gritou para Dino. — E onde?

Contudo, Dino não respondeu.

A CASA mais cara dentro dos limites da cidade de Mount Kisco era uma mansão enorme em estilo Tudor, localizada num condomínio fechado no lado Leste chamado Guard Hill.

Era fim de tarde quando o Mercedes preto sedan passou correndo pelos portões de ferro fundido da mansão e subiu roncando a longa entrada de automóveis que levava até a casa imponente.

Assim que o Mercedes parou em frente à porta principal, Little Pete pulou do banco de trás excitado. Dino e Tobey desceram dos bancos dianteiros com um pouco menos de entusiasmo e se juntaram a ele.

— Esta é a maior casa que eu já vi — exclamou Little Pete.

— É a casa do meu tio — disse Dino. — Ele está em Mônaco ou em algum outro lugar por aí.

Tobey e Pete continuaram a olhar impressionados para a mansão. Assim como o Shepperton Motor Club, eles tinham ouvido falar daquele lugar, mas nunca haviam chegado mais perto do que passar de carro em frente a seu portão.

Dino percebeu seu fascínio e estava pronto a tirar vantagem disso. Calçou um par de luvas de pilotagem de couro que tirou do bolso e os empurrou pelo caminho.

— Vamos — disse a eles. — Quero mostrar uma coisa a vocês.

Dino ficou praticamente em silêncio desde que os havia apanhado. Tobey não sabia exatamente o que ele estava armando. Eles o seguiram e fizeram a volta na mansão até chegarem a uma garagem impecável. Era quase tão imponente quanto a casa principal.

— Preparem-se para começar a se borrar de medo — disse Dino. Num gesto teatral, ele apertou um botão ao lado da garagem e as três portas se abriram automaticamente.

Lá dentro, em baias individuais, havia três dos carros mais fantásticos que Tobey já tinha visto.

Eram Koenigsegg Ageras. Projetados e construídos na Suécia, eram

apropriadamente conhecidos como “hipercarros”. Ultraelegantes e baixos, bem perto do chão, pareciam concebidos por alguém cem anos no futuro, ou talvez por um et. Um et rico. Eram extremamente raros e caros. Só os pneus custavam dezenas de milhares de dólares. Com adaptações, um carro de corrida completo podia chegar a mais de 4 milhões de dólares.

A mansão agora era coisa do passado para Tobey e Little Pete. Eles só tinham ouvido falar e visto fotos desses carros incríveis. Estavam absolutamente impressionados.

— Eles não são nem legais nos Estados Unidos — disse-lhes Dino. — Não têm registro, não têm placa, por isso, tecnicamente, eles não existem.

Tobey não queria acreditar no que achava que estava acontecendo.

— Por que está nos mostrando isso? — perguntou a Dino? — Só para provar que sua família tem dinheiro?

Dino só riu dele.

— Não, seu caipira — disse ele. — Nós vamos correr neles. O vencedor fica com os 2,7 milhões de dólares.

— E têm três deles — disse Pete impressionado.

— É isso que os verdadeiros profissionais dirigem — prosseguiu Dino. — De zero a 190 em oito segundos. Velocidade máxima de... bem, quem sabe? Tem medo de tanta potência, Marshall?

Pete riu do comentário.

— Mas Dino — disse ele. — Eu achava que você não passava de 290, não?

Dino finalmente estourou. Agarrou Little Pete pela jaqueta e o puxou com força.

— Você tem uma boca grande para quem é só um fã — ele rosnou para Pete.

— Então me deixe correr — respondeu Pete no ato.

Mais uma vez Tobey teve de intervir. Ele afastou os dois combatentes.

— Está bem, vai ser bom ter você, Pete — disse Dino. — Como você disse, temos três carros. Então um deles é para você.

Little Pete não podia acreditar.

— Do cacete! — gritou. — Estou dentro.

Entretanto, Tobey não gostou daquilo. Aqueles carros estavam muito acima do nível deles, até de Dino. E se ele sabia que teria de enfrentar o rival, se não pelos 2,7 milhões de dólares, ao menos para calar sua boca, envolver Pete na corrida parecia perigoso demais.

— É melhor ficar fora dessa — disse Tobey para o amigo. — Os outros caras nunca vão acreditar que você fez isso mesmo.

Contudo, Dino deu uma risada sombria.

— Deixe que ele seja um menino crescido, para compensar sua boca grande — disse a Tobey, apontando para os três carros. — Temos três Ageras idênticos. É um jogo igual para os três. Vamos lá. Tobey ainda tentava processar que tipo de maluquice estava acontecendo ali. Ele não tinha ideia de que se passava na mente de Dino.

Dino estendeu um chapéu. Ele tinha três jogos de chave.

— A linha de chegada é o fim da ponte sobre a Rota 684 — disse aos dois. — Ela deve estar iluminada quando chegarmos lá.

Empolgado, Little Pete enfiou a mão no chapéu e tirou uma chave. Dino pegou em seguida, depois, Tobey.

Pete apontou a chave com empolgação para os Koenigseggs, e o mais distante acendeu. Ele correu até lá. Tobey foi atrás dele.

— Me escute... — disse ele a Pete. — Não brinque com ele. Deixe que eu corro contra ele. Fique fora disso e só corra e se divirta.

Mas Pete só sacudiu a cabeça.

— Relaxe, Tobey — disse ele. — Você sabe que dirijo bem. Eu sou bom.

No entanto, Tobey ainda estava preocupado com o amigo.

— Você não tem de ir no limite — alertou ele. — Seu Camaro tem o quê? 480 cavalos? Essa coisa tem tipo 950...

Dino interrompeu.

— Mais para 1.140... — disse.

Tobey tornou a sacudir a cabeça. Apesar de a ideia de pilotar um carro com tanta potência o excitar demais, ele estava começando a ter uma sensação ruim em relação àquilo.

Então Pete se virou para ele.

— Esta é minha visão, meu irmão — disse ele. — Foi assim que vi você ganhar a De Leon. Você ganha de Dino, pega o carro dele e ganha. Além disso, se nós dois ganharmos dele, ele vai ter de mudar de país ou algo assim...

Tobey sorriu. Ele amava mesmo seu “irmão mais novo”. E era difícil discutir com ele.

— Está bem, mas dirija com inteligência — disse a Pete.

Pete fez sinal de positivo com o polegar e entrou no hipercarro.

— É hora de *rock and roll*! — berrou.

O entroncamento das Rotas 76 e 184 ficava a pouco mais de 1,5 quilômetro do centro de Mount Kisco. Era o cruzamento de duas estradas pouco utilizadas e um dos muitos caminhos usados pelos locais para pegar a Rodovia Interestadual 684.

A tarde agora chegava ao fim e estava silenciosa. Um carro estava parado no cruzamento esperando o sinal abrir. Enquanto isso, outro automóvel se aproximava pela Rota 184, vindo pela faixa de baixa velocidade.

De repente, um ronco alto destruiu a cena pacífica. No segundo seguinte, o Koenigsegg de Dino surgiu do nada. Ele cantou pneu no cruzamento, criando uma nuvem de poeira e fumaça, saindo de traseira de lado violentamente e passando perfeitamente entre os dois carros civis.

A aparição súbita fez com que um dos carros civis quase tocasse em sua traseira. No mesmo instante, e pelo mesmo motivo, o segundo carro bateu no primeiro, o fez girar como um pião de criança e o jogou entre as duas pistas.

Dino conseguiu escapar de ser atingido pela colisão. Ele recuperou o controle do hiper carro Koenigsegg e pisou fundo no acelerador. Com o motor roncando, ele saiu dali como um foguete com um dano mínimo à sua luz traseira.

Uma fração de segundo depois, Little Pete chegou roncando no cruzamento. Ao ver a confusão que Dino tinha provocado, ele foi obrigado a escapar bem para fora para evitar bater nos dois pobres carros de passeio. Com o sucesso da manobra, ele seguiu atrás de Dino.

Pete mal conseguia se conter. Acelerava cada vez mais, sempre gritando a plenos pulmões. Ele nunca tinha dirigido nada nem parecido com um Koenigsegg. Para ele, era algo saído de suas visões.

Passaram voando por um carro que viajava no limite de 80 km/h. Parecia até que estava parado. Pete colou na traseira de Dino e estava curtindo cada segundo daquilo. Tobey seguia bem de perto. Ele ficou para trás intencionalmente para se manter de olho em Little Pete. Por isso, ainda precisava ganhar algum terreno. Entretanto, ao mesmo tempo, estava a apenas poucos segundos dos dois.

Seus olhos estavam colados em Little Pete enquanto os três hiper carros se aproximavam de uma curva. Ele viu o amigo abrir, por isso Tobey começou a curva cedo, jogando por dentro, metade na estrada e metade pelo acostamento. Acelerando no momento exato, Tobey saiu da curva um pouco à frente de Pete, ficando a apenas cinco carros atrás de Dino.

Os três hiper carros agora estavam em uma parte longa e em descida da estrada, ultrapassando outros veículos como se estivessem congelados no lugar. Costurando o tempo todo em alta velocidade, usando o acostamento, às vezes usando o espaço entre as pistas duplas, o trio de Koenigseggs agora estava correndo a 290 km/h.

De repente, surgiu à frente uma picape Chevy. Seu motorista já idoso mal passava do limite de velocidade e estava com o rádio no volume máximo.

Contudo, quando olhou no retrovisor levou o maior susto. No instante seguinte, o Koenigsegg de Dino passou zunindo por ele.

O motorista não podia acreditar em seus olhos. O hipercarro passou por ele como se fosse um raio. Ele conferiu a própria velocidade, pouco menos de 100 km/h. Quando olhou para a estrada de novo, Tobey e Pete já tinham passado por ele também.

Os três hipercarros entraram num retão. Dino ainda estava na ponta, mas Tobey vinha logo atrás, com Pete colado em sua traseira.

Eles voaram sobre uma lombada da estrada, e os Koenigseggs saíram do chão por alguns instantes. Agora, à frente deles, a menos de meio quilômetro, havia outro entroncamento. Naquele instante, um caminhão grande que puxava um trailer para cavalos estava atravessando.

Os três Koenigseggs agora estavam correndo a mais de 320 km/h. A essa velocidade, todos os três iam acertar o caminhão em cinco segundos.

O caminhoneiro os viu se aproximando. Sem acreditar no que estava acontecendo, entrou em pânico e pisou no freio, bloqueando o cruzamento.

Dino foi o primeiro a frear, e o carro rabeou loucamente de um lado para outro. Tobey viu as luzes do freio de Dino e reagiu instantaneamente, mas não pisou no freio. Em vez disso, acelerou mais e fez um movimento agressivo ao redor do caminhão. A manobra evitou uma colisão, contudo, no instante seguinte, ele viu que tinha passado por cima da divisão entre as pistas duplas e estava do outro lado da estrada, com todo o trânsito vindo em sua direção.

Enquanto isso, Dino estava tentando fazer a volta por trás do trailer de cavalos, mas Little Pete estava perto demais de sua traseira. Eles fizeram seus movimentos ao mesmo tempo e a dianteira de Dino quase tocou a traseira de Little Pete. Little Pete reagiu de imediato, desviando bruscamente. Ele evitou bater em Dino, mas de repente começou a girar sobre a grama.

Por um instante prolongado, Pete chegou bem perto de perder o controle, mas virando bruscamente o volante outra vez e pisando fundo no acelerador, ele retornou depressa ao asfalto e voltou a correr em frente de novo.

Toda essa manobra bizarra em alta velocidade deixou Tobey na ponta. O único problema era que estava seguindo no lado errado da estrada. Sem baixar dos 320 km/h, ele estava desviando alucinadamente de um lado para outro, saindo do caminho de caminhões, carros e vans que vinham em sua direção.

O tempo todo, ele estava procurando por uma brecha na separação das pistas, um ponto onde pudesse voltar para o lado certo da estrada. No entanto, a separação das pistas estava preenchida com rochas e arbustos, sem espaços. Sua única opção era continuar acelerando na contramão.

Do lado certo da estrada e com pouco tráfego à frente, Dino e Little Pete

tinham acelerado para quase 340 km/h. Isso fez com que os dois carros ganhassem boa frente sobre Tobey. Ao ver o que estava acontecendo, Tobey também pisou fundo no acelerador. Contudo, aí viu outro carro vindo direto em sua direção.

O motorista desviou antes de Tobey, subiu pela divisória das pistas e imediatamente perdeu o controle sobre a grama alta, atravessou um grupo de árvores... e foi parar bem no caminho de Dino e Pete.

Por sorte, os instintos dos dois agiram rapidamente. Little Pete desviou por dentro do carro desgovernado enquanto Dino saiu por fora. Foi por pouco, mas suas habilidades ao volante fizeram com que passassem pelo pobre motorista num átimo.

Tobey assistiu a tudo isso do outro lado da estrada. Por fim, ele viu à frente uma brecha no espaço divisório entre as pistas. Com uma guinada rápida no volante, passou pela brecha e num átimo estava de volta ao lado certo da estrada.

No entanto, outro carro de passeio que havia desviado para evitar Tobey agora estava bem no caminho de Little Pete. Little Pete caiu para a esquerda e passou pelo veículo, mas então ele avançou no caminho de Dino. Dino pisou de novo no freio e virou bruscamente para a direita. Ele evitou a batida, porém, quando a poeira baixou, viu que estava em último lugar, olhando para as traseiras dos hiper carros de Tobey e Little Pete.

Os três Koenigseggs roncaram até outro cruzamento. Este estava limpo. Com precisão incrível, todos os três entraram em drift na Freedom Parkway. Eles agora estavam na última perna da corrida.

A Parkway estava convenientemente sem trânsito. À frente, os três corredores podiam ver uma ponte toda iluminada.

Eles agora estavam atingindo sua máxima velocidade. Tobey estava na frente, Little Pete bem na sua traseira, com Dino colado em seu para-choque. Grudados assim, aceleraram até incríveis 400 km/h.

Little Pete olhou pelo retrovisor e viu Dino fazendo uma manobra para tentar ultrapassá-lo. Isso lhe disse que Dino ia fazer uma última tentativa desesperada antes que a corrida terminasse e ele perdesse 2 milhões de dólares. No entanto, Pete estava pronto para ele.

A ponte estava bem à frente e a velocidade deles agora passava dos 415 km/h. De repente, Dino agiu e tentou ultrapassar Little Pete por fora.

Contudo, não foi uma manobra limpa, e Dino tocou com força a traseira do carro de Pete.

O carro de Pete, de repente, saiu do chão, e não só alguns centímetros. Todos os quatro pneus perderam o contato com o solo, e ele foi jogado uns três

metros para o alto.

Ainda seguindo a uma velocidade enorme, Pete aterrissou com força, batendo com o bico do carro direto nas fundações de concreto da ponte. O impacto fez com que o hiper carro saísse capotando. Ele bateu num poste leve e depois contra uma barreira de cimento. O carro de milhões de dólares ia se desintegrando com cada batida, deixando para trás uma nuvem de vidro, metal e borracha.

Tobey assistiu a tudo. Olhando pelo retrovisor, viu o carro de Pete, agora em chamas, passar por cima da mureta de proteção e desaparecer lá para baixo.

Tobey pisou firme nos freios e girou o volante ao mesmo tempo, dando um cavalo de pau de 180 graus imediatamente. Estava a segundos de vencer a corrida brutal de 2,7 milhões de dólares, mas de repente todos os pensamentos no dinheiro desapareceram. Em vez disso, ele se voltou para Little Pete.

Enquanto Tobey fazia isso, Dino passou zunindo por ele, cruzou o outro lado da ponte e venceu a corrida.

Tobey estava no local do acidente em segundos. Ele saltou do Koenigsegg e desceu o barranco de 30 metros até a beira do rio.

O carro de Little Pete estava lá, praticamente irreconhecível. Estava de cabeça para baixo e em chamas, com as quatro rodas se movendo como se tivessem sofrido fraturas múltiplas.

Tobey podia enxergar Little Pete no interior, seu corpo sem vida mal visível através do fogo. Tentou retirá-lo de lá, mas o calor era intenso demais. Ele tirou a jaqueta e tentou usá-la como escudo pra proteger o rosto e as mãos, e tentou de novo... e de novo. E de novo.

— Pete! — gritou Tobey das profundezas de sua alma. — Meu Deus... Pete!

Mas não adiantava.

As chamas estavam fortes demais.

A percepção que ele teve em seguida foi que estava cercado de luzes que piscavam da ponte acima. O som de sirenes enchia seus ouvidos. Havia policiais e bombeiros por toda parte.

O corpo de Little Pete estava a sua frente, coberto com um encerado. Alguns paramédicos e o legista se esforçavam para subi-lo pelas pedras e a ribanceira.

Havia outro paramédico ao lado de Tobey tentando cuidar de suas queimaduras, mas Tobey estava totalmente anestesiado.

Ele só conseguia olhar para o rio e ver a água correr.

CINCO DIAS depois

No interior de um cemitério pequeno no Leste de Mount Kisco, um grupo de pessoas vestidas de preto estava reunido em torno de uma cova recém-aberta.

As palavras de um pastor pairavam sobre a cena triste.

— “Não temas...” — entooou ele. — “Porque eu sou contigo; não te assombres porque sou teu Deus; eu te fortaleço, te ajudo e te sustento com a destra de minha justiça.”

Quase todos os presentes estavam chorando ou segurando as lágrimas, mas Anita estava particularmente arrasada. Seu irmão mais novo, Pete, agora estava morto e prestes a ser enterrado.

Para confortá-la nessa hora difícil, ela estava encostada no ombro de outra pessoa presente à cerimônia, Dino Brewster.

— “Eis que...” — continuou o pastor — “envergonhados e confundidos serão todos os que se indignaram contra ti; tornar-se-ão em nada, e os que contenderem contigo perecerão. Buscá-los-ás, porém não os acharás; os que pelejarem contigo tornar-se-ão em nada e como coisa que não é nada, os que guerrearem contigo. Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: não temas, eu te ajudo.”

Benny e Joe Peck também estavam lá. Benny estava sofrendo muito. Quando o pastor terminou a última prece, Benny fechou os olhos e tentou respirar fundo, mas não ajudou. Nada ajudou. Seu amigo estava morto.

Joe, por outro lado, estava olhando fixamente para o outro lado do túmulo, direto nos olhos de Dino.

Era um olhar gelado, de congelar os ossos. E para Joe, o fato de Dino se recusar a olhar para ele dizia tudo.

central da polícia estadual de nova york

A SALA de interrogatório era fria e úmida. As paredes eram de um verde simples e sem graça, com a pintura descascando praticamente por toda parte. Tudo cheirava a café derramado, fumaça de cigarro e suor.

Tobey estava sentado em uma cadeira de metal que rangia diante de uma mesa de madeira velha. Parecia que ele estava havia dias dentro daquela sala fedida e úmida. Ele não sabia dizer ao certo. O tempo como ele conhecia tinha perdido todo o significado.

Todo o seu mundo mudou no momento em que Little Pete morrera. Era como se estivesse andando, falando e existindo por alguma espécie de controle remoto estranho. Sempre que fechava os olhos, só conseguia ver Pete morrer queimando no hipercarro acidentado. As chamas, a fumaça, o barulho, a água do rio correndo. Tobey sabia que nada nunca mais seria a mesma coisa.

No entanto, a porrada de verdade veio mais tarde naquele dia horrível. Foi quando, pouco depois de passar pela tragédia de perder seu irmãozinho, a polícia acusou *a ele* de matar Little Pete.

Dois detetives da polícia estadual agora estavam sentados à mesa diante dele. Eles o estavam interrogando havia horas, dias, outra vez. Tobey, na verdade, não sabia. Ele estava entorpecido, por dentro e por fora.

— Está bem, vamos repassar isso mais uma vez, senhor Marshall — recomeçou um dos detetives. — O bo ainda diz que o desastre foi causado por um acidente entre dois carros.

O segundo detetive interveio.

— Conte de novo onde você diz que estava o misterioso terceiro veículo — disse ele.

Tobey recomeçou a falar, mas parecia a voz de outra pessoa. Ele já tinha lhes contado exatamente a mesma história mais de dez vezes.

— Eu estava uns dois ou três carros à frente dele — disse ele exausto,

apontando para um diagrama da cena do acidente disposto sobre a velha mesa de madeira. — Pete estava ali. Dino Brewster estava bem atrás dele. Dino acertou a traseira de Pete com força num ângulo que fez Pete perder o controle do carro. Foi assim que aconteceu. Dino provocou o acidente.

Os detetives sacudiram a cabeça.

— Mas Dino tem duas testemunhas incontestáveis — disse um deles. — E as duas disseram que estavam com ele o dia e a noite inteiros. Então, não existe a possibilidade de ele ter estado lá para causar o acidente.

Contudo, novamente as palavras dos detetives mal se registravam na mente de Tobey. Por mais que ele se esforçasse, não conseguia pensar com clareza em nada além do fato de que Pete estava morto.

Os tiras, porém, eram incansáveis. E interpretaram sua falta de sentimentos como sinal de fraqueza, e um sintoma de que ele estava mentindo sobre o que realmente havia acontecido na ponte.

— O dono da Brewster Motors deu queixa do furto de dois Koenigseggs na semana passada — disse o outro detetive de modo desagradável. — São dois, não três carros. O depoimento dele também diz que os carros foram roubados sete minutos antes da chegada da polícia à cena do acidente.

Tobey por um instante despertou de seu estupor.

— O dono da Brewster Motors é o tio de Dino — disse aos policiais. Ele está mentindo. Estão *todos* mentindo. Foi Dino quem fez isso. Dino estava lá.

— Você é o único que diz que Dino estava na cena — respondeu o detetive. — Tem outros fatos que gostaria de contar?

— Havia três carros — Tobey insistiu sem ânimo. — Dino estava lá...

Os detetives trocaram olhares. As pessoas mentiam para eles todos os dias, estavam acostumados e, a seu modo, imunes a isso. Eles simplesmente não acreditavam na história de Tobey.

— Então onde está o terceiro carro? — perguntou um deles. — Não estaria batido também?

Nesse momento, Tobey retornou a seu estado de estupor.

— Isso não está acontecendo — repetiu várias vezes para si mesmo. — Isso não pode estar acontecendo...

O julgamento foi um pesadelo.

Tobey jurou desde o princípio contar a verdade, exatamente como aconteceu, passo a passo. E foi o que ele fez, várias vezes, durante as infinitas horas de interrogatórios e depoimentos.

Contudo, ele estava contra a poderosa família Brewster, e eles provaram ser

um inimigo poderoso. Não importava quantas vezes ele contasse a verdade, os promotores sempre vinham com uma testemunha para refutá-lo, todas elas ou empregadas ou amigas da família Brewster. Essas pessoas mentiram, sob juramento, que Dino não estava perto da cena do acidente e que só dois Koenigseggs podiam ter sido “roubados” naquela noite porque, para começar, só havia dois Koenigseggs na garagem da mansão.

O terceiro hiper carro, o que Dino estava dirigindo, tinha desaparecido. O advogado de Tobey tentou descobrir documentação de sua venda, seu preço de compra e quando ele tinha chegado aos Estados Unidos, mas não conseguiu nada em nenhuma das três tentativas. Só havia prova da compra de dois Koenigseggs pelo tio rico de Dino. Havia muita documentação sobre eles: notas, confirmação de entregas, manifestos de carga.

Com esse auxílio, além do fato de os Brewster serem uma família importante, enquanto Tobey era só um mecânico sem eira nem beira, os promotores conseguiram provar que só havia dois Koenigseggs na garagem naquela tarde, que só havia duas pessoas correndo naquela estrada e que o carro de Little Pete tinha sido jogado para fora da estrada, o que causara sua morte. E a única pessoa por perto que podia ter feito isso era Tobey.

Ele foi acusado de homicídio culposo e furto de veículo.

Em determinado momento, o advogado de Tobey negociou um acordo pelo qual Tobey reconheceria a culpa em troca de uma acusação mais branda e uma pena mais curta. Tobey, porém, recusou. Ele era inocente e não ia fazer nenhum acordo em que tivesse de assumir a culpa por ter matado seu melhor amigo sem ter feito isso.

A equipe da oficina esteve presente em todas as sessões do julgamento. Antes de cada sessão do tribunal, Tobey examinava os presentes e sempre encontrava Benny, Joe Peck e Finn sentados ali em seus ternos estranhos e suas gravatas tortas, fazendo sinais de positivo com o polegar para ele e gestos para animá-lo. Contudo, nem o apoio moral deles podia mudar o inevitável.

Demorou apenas três semanas. Tobey foi julgado culpado das duas acusações e condenado a uma pena de dois a cinco anos na prisão estadual.

Foi arrasador ouvir o veredicto lido em voz alta, mas depois disso ficou ainda pior. Tobey tinha gastado tanto dinheiro no julgamento que não podia pagar por mais nenhum recurso. Ele havia vendido a casa da família, algumas heranças familiares e até o Gran Torino. E tudo isso para nada.

No dia em que entrou no presídio, estava sem dinheiro, era um homem condenado e a oficina de seu pai tinha fechado.

A destruição de tudo o que havia sido sua vida estava completa.
Ele havia perdido tudo.

OS PRIMEIROS dias de Tobey na prisão foram um verdadeiro inferno.

O som mais solitário que ele já havia escutado foi a batida metálica da grande porta de aço sólido que se fechou às suas costas assim que entrou.

Adeus, mundo, pensou ele. Talvez para sempre.

Ele tentou se animar pensando nos dias e horas que tinham se passado até ali. Tentou dizer a si mesmo para se manter forte que ele ia sobreviver àquilo, mas logo percebeu que nada poderia prepará-lo para o pesadelo em que tinha se metido.

Do momento em que tiraram suas roupas ao despiolhamento, ou “ducha” como eles chamavam, até vestir o uniforme cinza da prisão e finalmente o levarem a sua cela e trancarem a porta, nada daquilo parecia real, e ele simplesmente não podia evitar a sensação de que tudo na verdade estava acontecendo com outra pessoa.

Aí vieram as correntes.

Não importava aonde fosse naqueles primeiros dias, ou a que horas, dia ou noite, tudo o que ele ouvia eram correntes. Grilhões se arrastando pelo chão. Guardas que carregavam correntes para acorrentar alguém. Outros prisioneiros com correntes escondidas nas calças para serem usadas como armas, ou seu modo de dar uma surra em alguma carne nova — ou pior...

Correntes... Ele começou a ouvi-las até enquanto dormia.

Levou alguns dias para compreender totalmente a realidade fria daquilo tudo. Para tomar consciência de que sua vida não era mais sua. Não tinha mais permissão de fazer nada, a menos que lhe mandassem. Comer, dormir, cagar, se barbear. Até apertar ligar ou desligar o interruptor de luz de sua cela era proibido.

Havia regras para tudo. Tudo era feito do jeito deles. As luzes se acendiam às cinco da manhã. Todo prisioneiro deveria estar pronto para deixar a cela em exatamente cinco minutos. Aí começava uma marcha lenta e longa até o refeitório, com mais correntes se arrastando por toda parte. O café da manhã normalmente era mingau de aveia ou ovos mexidos industrializados. Os dois

igualmente ruins.

Aí voltavam às celas para a contagem obrigatória e, na maioria dos dias, uma revista surpresa. Os guardas sempre exageravam com os novatos. Desarrumar e revistar uma cela toda podia ser um evento diário ou mesmo ocorrido a cada hora.

Depois vinha algum tipo de dia de trabalho. Tobey tinha sido mandado para a lavanderia. Era um serviço quente, fedido e nojento, um lugar de incontáveis lençóis, toalhas, uniformes, meias e cuecas sujos de 2.500 detentos.

A única pausa era a longa caminhada para o almoço, que era tão ruim quanto o café da manhã. Depois, mais trabalho, suor e calor até o jantar, que normalmente era a pior refeição de todas.

As luzes se apagavam às oito da noite e, em seguida, dava-se início a uma noite de gritos lancinantes, risos demoníacos e grunhidos repulsivos (e mais correntes). Depois começava tudo de novo às cinco da manhã do dia seguinte.

A ideia era tirar os últimos resquícios que houvesse de liberdade física da pessoa. E Tobey logo soube que assim que conseguissem isso, o passo seguinte seria tirar sua liberdade de pensar.

A prisão também era um lugar extremamente perigoso, como ele logo descobriu. Os guardas não estavam lá para proteger os detentos. Ficou claro desde o começo que não era assim que funcionava o sistema. Os guardas eram mais observadores, como árbitros. Cuidavam para que o *status quo* fosse mantido. Muitos eram corruptos, pagos pelos presos ou suas famílias. Sua maior preocupação, por isso, era que ninguém causasse problema.

O sistema em si era comandado pelos condenados à perpétua, gangues de assassinos e estupradores que não tinham nada a perder surrando e roubando carne nova. Sádicos e psicóticos, eles praticamente tinham controle total do lugar, até mesmo o acesso à cela de qualquer um ou à área de trabalho. Podia acontecer um ataque a qualquer momento e em qualquer lugar.

O mais perverso era que esse terror permanente dava ao local uma espécie de estabilidade pavorosa. O controle pelo medo era quem mandava dentro dos muros da prisão, não guardas, nem armas nem cassetetes. Só o medo puro e simples.

E quanto mais novo você fosse dentro desse sistema, mais perigoso ele podia ser.

Em seu quinto dia na prisão, Tobey estava lavando o rosto no banheiro quando olhou no espelho e viu outro prisioneiro, um membro de gangue, parado atrás dele com um machete na mão.

Ele fez um gesto para Tobey: passou o dedo através do próprio pescoço. O significado era claro: você é o próximo.

Mais tarde naquele dia, outro preso se aproximou de Tobey na lavanderia e disse ter visto o que havia acontecido mais cedo. Ele se ofereceu para ajudar Tobey a se livrar daquele problema em troca de serviços não especificados que Tobey faria para ele no futuro.

Tobey era esperto o bastante para saber que estavam armando para ele. Para grande suspeita do homem, ele disse ao colega de prisão prestativo não, obrigado; ele lidaria com a situação por conta própria.

— Está bem... — respondeu o homem. — Foi bom conhecer você.

Mais tarde naquela noite, Tobey ouviu a porta de sua cela se abrir. Devia ter sido trancada às oito da noite mas, obviamente, agora não era um guarda que estava indo lhe fazer uma revista.

Tobey se preparou com a única arma que tinha a sua disposição: um lápis apontado. Ele viu o reflexo do machete se aproximar e nunca sentira mais medo na vida. Mas aí seu instinto de sobrevivência entrou em ação.

Ele apontou baixo e atacou com o lápis seu agressor na virilha. Ele penetrou fundo com tanta facilidade quanto faca na manteiga. O agressor, se contorcendo com o ataque preventivo de surpresa, caiu no chão da cela com força e, convenientemente, sua cabeça abriu e o crânio rachou.

Quando finalmente os guardas chegaram, encontraram o agressor encolhido no chão sangrando muito, com Tobey sentado calmamente na beira de sua seu catre.

Quando perguntaram a ele o que tinha acontecido, Tobey respondeu:

— Ele tropeçou.

Ele sabia o que ia acontecer em seguida. Apesar da certeza de ter ganhado algum crédito entre aquela escória de presidiários que viviam diariamente com medo do sistema, também sabia que era um homem marcado pelos condenados à perpétua.

No dia seguinte no café da manhã, ele foi falar com o maior membro da gangue do homem do machete e, sem aviso, começou a atacá-lo com socos e chutes. Para a sorte de Tobey, a arma que o sujeito estava levando, uma maçaneta de porta dentro de uma meia, caiu de seu bolso. Tobey a pegou e começou a bater nele com ela também. Os outros da gangue do machete ficaram só olhando e não se meteram. Era assim que as coisas funcionavam. Tobey precisou bater em sua vítima por dois minutos até deixá-la inconsciente.

Quando os guardas chegaram e viram o que havia acontecido, se convenceram de que Tobey não era uma pessoa que queria jogar nas regras do sistema. Ele foi imediatamente algemado e jogado no buraco, gíria da prisão para o confinamento na solitária.

Ali não era como em sua cela, com barras e paredes e uma janela. Aquele era um cubículo de concreto simples de 1,5 metro por 2,5 metros. Não havia cama, só uma bancada de metal. Não havia vaso sanitário, só um buraco no chão que dava direto nos esgotos. Não havia janela, só fendas na porta, três verticais e uma no pé para as bandejas das refeições.

Não havia material de leitura, música, canetas, papel nem fotos para pendurar e ver. Só havia as paredes, o esgoto e a bancada de metal.

Quando ele entrou e eles fecharam a porta, o guarda disse:

— Até daqui a seis meses.

Depois disso, Tobey sentou no canto e tremeu descontroladamente por horas. No entanto, ele tinha alcançado seu objetivo. Estava sozinho, sem ninguém para perturbá-lo.

A partir desse dia, começou a se preparar para o que, ele esperava, seria a segunda parte de sua vida.

Ele também montou um plano.

Tobey não era uma pessoa religiosa. Nunca tinha ido à igreja, nunca tinha seguido nenhuma religião. Por isso, não sabia nenhuma oração além das mais genéricas.

Isso não importava. Para isso, os dois anos mais longos de sua vida, na cadeia por matar seu melhor amigo, sabendo muito bem que era inocente e que o culpado não só estava andando solto por aí, mas também estava comendo sua ex-namorada...

Para isso, uma oração comum não bastava...

Para isso, ele precisava inventar uma oração própria.

Suas refeições chegavam como um relógio todos os dias. Eram empurradas pela fenda no pé de sua porta e vinham com talheres de plástico, que tinham de ser contados quando a bandeja era devolvida.

Certo dia, Tobey quebrou uma das facas de plástico ao meio e enfiou o cabo num monte de resto de comida. Queria ver se alguém se daria ao trabalho de checar se a parte de cima estava faltando. Esperou uma semana, e ninguém disse nada.

Ele usou sua metade da faca para gravar trabalhosamente sua oração na parede de concreto, lasca por lasca, num espaço bem acima da porta. Assim ele

sempre poderia vê-la, lê-la quando quisesse, e ao mesmo tempo ficaria invisível para os guardas que o vigiavam.

Ele escreveu sua oração cerca de duas ou três palavras de cada vez, e só depois de pensar muito no que se encaixava ou não. Cada palavra tinha de ser perfeita, porque não havia como apagar. Nesse ponto, o concreto era imperdoável. Depois de entalhar as letras nele, elas ficariam ali para sempre.

Ele levou mais de dois meses para terminar, mas no fim, ficou feliz com o resultado. Para ele, estava perfeita. Ela dizia tudo:

*Tiraram tudo de mim
Mas não temo, pois estás comigo.
Os que me venceram
Devem cair em vergonha e desgraça.
Os que lutarem contra mim
Serão derrotados.
E vou encontrar forças, encontrar o caminho
E vou triunfar.*

Ele recitava a oração pelo menos algumas dezenas de vezes por dia.
Em alguns dias, ainda mais.

Ele passou esse tempo todo fazendo um regime próprio.

A manhã era dedicada a flexões, agachamentos e outros tipos de exercícios, incluindo muitos treinamentos isométricos que ele criou.

Ele era agressivo e impetuoso quando entrou na prisão. Após os dois primeiros meses, ele ainda tinha a mesma estrutura magra, mas qualquer gordura corporal que tivesse acumulado por beber cerveja e comer em lanchonetes lá fora tinha sido substituída por músculo puro e sólido.

Contudo, ele sabia que ia precisar de mais do que uma “barriga tanquinho” se quisesse ter sucesso com seus planos de longo prazo. Por isso as tardes eram reservadas para exercícios mentais de um tipo bem específico.

Ele sentava em seu canto, entrava em uma espécie de transe e revivia todas as corridas de carros de que já havia participado. Dos karts de parques de diversão aos semiprofissionais e a seus primeiros rachas. Toda corrida em que tinha participado, toda corrida de arrancada que ele disputara na I-684. Até aquela última com Dino e Little Pete. Ele conseguia conjurá-las nitidamente e reprisá-las repetidas vezes em sua mente.

Conseguia se lembrar de cada movimento que tinha feito, reviver na memória cada manobra positiva e remoer principalmente as que deram mau resultado. Ele revisou em sua mente cada peça, engrenagem, alavanca e controle de todos os veículos em que ele havia corrido, desde os karts, se concentrando, é claro, em seu Gran Torino adorado.

Ele conseguia mergulhar em suas memórias, que na verdade eram tudo o que lhe restava. Contudo, ele conseguia aprender com elas, e isso era a coisa mais importante.

Em noites especiais, e ele fazia isso poucas vezes, ele entrava nesse transe e pensava nos poucos momentos gloriosos que tinha experimentado naquela manhã em que dirigira o Mustang Shelby em Shepperton. Ele sempre começava esse exercício mental em particular se lembrando exatamente de tudo o que tinha acontecido naquele dia. O tempo, o visual da pista. A empolgação de Little Pete. Como ele entrou aberto na primeira curva com o Shelby entrando em efeito estilingue na reta. Como atingiu e logo ultrapassou o número mágico dos 370 km/h.

Depois de muitas dessas sessões especiais, ele pegava no sono sentado ereto em seu canto e sonhava novamente com tudo o que acontecera naquela manhã.

Essas horas, dias e meses na solitária o fortaleceram fisicamente. Mais importante, porém, elas o fortaleceram mentalmente.

Ele sabia que isso seria o mais importante para o que estava pela frente.

Ele passou um total de treze meses na solitária, prolongados por xingar dois guardas em determinado momento, e quando foi pego, propositalmente, roubando seus talheres de plástico.

Quando foi finalmente liberado para tornar ao convívio da população carcerária, se juntou a um grupo de aficionados por carros. Eram, em sua maior parte, ladrões de carros. Eles formavam um grupo grande, e as gangues não mexiam muito com eles.

No dia seguinte àquele em que saiu da solitária, ele fez uma tatuagem de cadeia. Era simples. Escreveu apenas no antebraço: “Pete 392”. O objetivo era que estivesse sempre ali para se lembrar de seu irmão menor, seu amigo.

Só mais tarde ele percebeu que, por ligação, sempre que olhava para ela, também se lembrava da irmã bonita de Pete, Anita.

Então chegou aquele dia, exatamente um mês antes de ser solto, quando

recebeu a carta de Benny que falava sobre a De Leon daquele ano. E como Monarch estava à procura de pilotos.

Naquele momento, Tobey soube que tudo tinha valido a pena. Porque de repente soube para o que ele tinha trabalhado.

Ninguém foi visitá-lo enquanto esteve na prisão. Ele quis assim. Ele também não escreveu nenhuma carta durante a maior parte de sua sentença. Tinha se virado com telefonemas para Benny e Joe Peck.

A primeira carta que escreveu foi para Mark Ingram, o proprietário rico do SuperMustang Shelby.

Tobey tinha começado a carta com as palavras: “O senhor vai achar que este é um pedido estranho, mas...”

Depois disso, as cartas começaram a ser trocadas furiosamente com Joe e Benny. Os telefonemas também ficaram mais frequentes. Seu plano estava andando a toda velocidade.

Quando chegou seu último dia, Tobey nem leu os papéis de liberação da prisão. Apenas assinou na linha pontilhada e os empurrou de volta por baixo da grade de metal para o funcionário da prisão.

Ele estava diferente. Mais velho, endurecido, mais forte. E também se sentia diferente. Não ia mais perder tempo. Não ia mais reclamar de sua má sorte na vida.

Ele tinha coisas importantes para fazer.

Ele pegou a bolsa com seus poucos pertences e esperou que a última porta trancada se abrisse.

Aí saiu para a luz do sol e sentiu o gosto da liberdade pela primeira vez em dois anos.

Logo depois do portão de saída, havia uma picape Ford velha esperando. Benny estava ao volante.

Ele pulou da cabine assim que Tobey saiu. Deu um abraço rápido em Tobey e os dois entraram na picape.

— Onde está o Joe? — perguntou Tobey diretamente a Benny.

— Já está na estrada com a Fera — contou Benny. — Se seu plano funcionar, ele vai precisar dessa vantagem.

— E o Finn? — perguntou Tobey.

Benny sacudiu a cabeça.

— Nós ainda não o convencemos. — respondeu — Ele seguiu por outra onda. Mas ainda estamos tentando.

Benny girou a chave na ignição e ligou a picape velha.

— Mas o carro rolou? — perguntou Benny ao amigo. — Isso é a coisa mais importante.

Tobey conferiu o relógio.

— Vamos saber em uma hora.

— Está bem — disse Benny. — Mas estamos com o tempo muito apertado, não acha?

Tobey só deu de ombros e olhou pela janela. Seus pensamentos já estavam a um milhão de quilômetros de distância.

— Ei, Tobey — disse Benny, puxando-o de volta para a realidade.

Tobey se virou para o amigo.

— É bom ver você livre, cara — disse Benny.

Tobey apenas balançou a cabeça e quase sorriu.

Era bom estar livre.

TOBEY E BENNY chegaram a seu destino uma hora depois.

Era um prédio abandonado no número 6.565 da Main Street de Mount Kisco.

Ele tinha muitas janelas quebradas e suas portas tinham sido arrombadas. Carcaças de carros apodreciam no estacionamento. Havia lixo e detritos por todo lado. A placa que antigamente anunciava com orgulho “Marshall Motors, desde 1974” estava solta e toda enferrujada.

A velha oficina. O lugar onde ele havia crescido. O lugar que guardava tantas lembranças. Tobey sentiu um nó no peito ao ver o local daquele jeito.

E ficava pior. Em volta da porta principal da oficina havia uma faixa amarela enfeitada com adesivos laranja do departamento do xerife anunciando que a hipoteca tinha sido executada pelo banco. Para Tobey, isso era ainda mais ofensivo.

Ele e Benny desceram da picape Ford. Examinaram a corrente grossa que mantinha fechada a porta da frente da oficina. O vidro da porta estava sujo e manchado, e mal dava para ler os números 6565.

Foi um momento triste para os dois.

— Ouvi dizer que eles vão transformá-la numa Jack in the Box — disse Benny. — É exatamente do que Mount Kisco precisa. Mais lanchonetes.

Tobey tentou não demonstrar emoções, mas era difícil.

— Ainda bem que meu velho não está mais vivo para ver o que aconteceu — disse. — Isso teria acabado com ele.

Tobey olhou demoradamente ao redor para ver se havia algum policial por perto. Ao se assegurar que a área estava limpa, ele chutou e abriu um pequeno buraco na porta de vidro. Envolveu o punho na jaqueta e começou a socar o buraco até ficar grande o bastante para os dois passarem.

Ele foi o primeiro a entrar. Ele teve de absorver aquilo lentamente. Aquele lugar que antigamente fervilhava de trabalho, com o barulho de ferramentas, do spray de tinta, sempre ou com hip-hop tocando mais alto que a confusão, ou com a voz de Monarch trovejando, agora estava silencioso e uma bagunça. O

lugar que tinha sido tão especial para ele, primeiro ao trabalhar com o pai aprendendo o ofício, depois com seu maior triunfo, a reconstrução do Mustang, agora... estava completamente vandalizado. Ladrões tinham arrombado e roubado as ferramentas. A estufa de pintura estava coberta de pichações. Até os elevadores dos carros tinham sido retirados. O interior estava ainda pior que o lado de fora.

Todas as fotos que ficavam penduradas na parede tinham caído. As molduras tinham se quebrado ou estilhaçado completamente. Algumas fotos tinham amarelado ou enrugado. Outras tinham desbotado completamente.

Aquilo era uma imagem do fracasso. Tobey tinha prometido ao pai que ia manter a oficina aberta, custasse o que custasse. Agora ela parecia algo saído de uma cidade fantasma, uma coisa do passado.

E o futuro?, pensou Tobey, dando mais um longo olhar triste para o local. Seria melhor? *Será que podia* ser melhor?

Ele havia mantido tanto o otimismo na prisão, conseguindo sonhar ainda outro sonho, que viajara muito alto. No entanto, ao ver a oficina em ruínas e como as coisas tinham acabado, ele de repente se perguntou se não havia apenas se enganado o tempo todo. Será que seu grande plano tinha alguma chance de funcionar?

Sua resposta veio no segundo seguinte.

De repente, houve um barulho alto lá fora. O ronco de um motor potente, o barulho de pneus largos cantando, sons que não eram ouvidos perto do prédio da Marshall Motors havia muito tempo.

Um carro tinha parado no estacionamento. Rodas grandes. Extremamente elegante e sexy. Uma onda de fumaça de seu escapamento alcançou as narinas de Tobey, e ele o reconheceu imediatamente.

Era o Mustang. O supercarro projetado por Shelby que eles tinham construído ali e vendido a Ingram no que parecia um século atrás.

Foi como rever um velho amigo, um que você achou que nunca mais tornaria a ver.

Aí a porta do Mustang se abriu, e uma mulher extremamente atraente saltou. Estava vestida de um jeito que deixaria uma supermodelo com ciúme. Um vestido curto e justo. Saltos altos. Cabelos estilosos. De tudo o que já havia acontecido com Tobey naquele dia, aquilo foi o que o surpreendeu mais. Ele a conhecia, mas não havia realmente pensado nela, não até aquele momento. Na verdade, ele praticamente havia se esquecido de como era bonita.

Mas não era Anita.

Era Julia.

De repente, as coisas não estavam mais tão sombrias e depressivas em torno

do prédio da Marshall Motors.

Entretanto, se ele estava esperando o carro, com certeza não estava esperando por ela.

Eles se encontraram em frente à porta quebrada. Seu cheiro era tão bom quanto sua aparência. Contudo, Tobey tinha de segurar a onda.

— Obrigado pela entrega — disse para ela. — Agradeça a Ingram por mim. Nós não vamos decepcioná-lo.

Aí Tobey virou para trás e gritou para Benny:

— O que acha? O primeiro carro norte-americano a vencer a De Leon?

Benny riu.

— Ora, esse é o seu grande plano, não é? Foi para isso que Ingram emprestou a você o carro dele...

Tobey estendeu a mão, esperando que Julia lhe entregasse as chaves, porém, ela não fez isso.

— Você nem tem um convite para a De Leon — ela disse seriamente para ele, com o sotaque britânico bem pronunciado. — E só participam convidados especiais, você sabe.

— Eu vou ser convidado — Tobey disse a ela com confiança. — Pode acreditar em mim, Monarch vai querer este carro na disputa.

— Mas ninguém sabe onde vai ser a corrida — disse Julia. — Pelo menos até ser convidado. Então exatamente para onde vocês pretendem sair correndo?

Tobey olhou por cima do ombro para Benny, que deu um sorriso malicioso.

— Posso contar a ela? — perguntou Benny a ele.

— Por favor — respondeu Tobey.

— Muito discretamente — disse Benny para Julia numa espécie de sussurro conspiratório. — Passamos os últimos meses fazendo nossa espionagem e descobrimos que a De Leon este ano vai ser na Califórnia. Só não sabemos onde, mas conhecemos um dos pilotos, e...

— Benny! — Tobey quase gritou com ele. — Cuidado com a boca...

Benny entendeu a mensagem. E calou a boca no meio da frase.

Julia só sacudiu a cabeça para os dois. Ela estava tentando não rir.

— Admiro o senso de aventura de vocês — ela disse. — Tenho um irmão mais novo que está angustiado pelo mesmo motivo.

— E o que você quer dizer com isso? — perguntou a ela Tobey.

— A Califórnia é um estado grande — ela respondeu. — E será que você lembra de minha afinidade com números? Sou uma garota boa de matemática.

— E o que dizem as suas contas? — perguntou Tobey.

Ela deu outro sorriso.

O encontro dos participantes é sempre na noite da véspera da corrida — ela disse. — Então vocês têm menos de 46 horas para sair de Nova York e chegar a algum lugar na Califórnia...

— Isso mesmo — disse Tobey. — E qual o problema?

De novo, tudo o que ela se limitou a fazer foi sacudir a cabeça para ele.

— Deixe-me ver se eu entendi — ela disse. — Além de violar sua condicional, deixando o estado de Nova York, você pretende dirigir dois dias direto?

Tobey simplesmente balançou a cabeça.

— E qual o problema com isso?

— Que é melhor a gente ir andando — ela respondeu, surpreendendo-o. — Na verdade, faltam menos de 46 horas, e os minutos estão passando.

Tobey ergueu as mãos.

— Opa! — disse ele. — Você não vai a lugar nenhum. Isso não faz parte do plano.

Ela não recuou nem por um instante.

— Você precisa de um copiloto — ela disse. — E tem uma coisa muito importante: Ingram não vai deixar este carro nas mãos de um ex-presidiário.

No entanto, Tobey não ia aceitar nada disso.

— De jeito nenhum — disse ele, sacudindo a cabeça. — Está fora de questão. Primeiro, eu não preciso de você e, segundo, é por minha conta consertar o carro se eu causar qualquer dano.

— E é responsabilidade minha garantir que você continue honesto — ela respondeu imediatamente a ele. — Agora faltam 44 horas e 59 minutos. É melhor a gente ir.

Com isso, Julia voltou para o carro e bateu a porta. Tobey estava atônito. Olhou para Benny desesperado, mas Benny não sabia o que fazer.

— Talvez a gente consiga se livrar dela num posto de gasolina... — Tobey meio que sussurrou para o amigo.

— Está bem, não se preocupe, chefe. — Vou ajudar a se livrar dela. Contudo, ela tem razão, nós já estamos atrasados. Então vamos resolver isso no caminho. Quero dizer, pelo menos ela parece inteligente.

Tobey, no entanto, ainda estava sacudindo a cabeça.

— Eu sei que ela é inteligente — disse ele. — E também gostosa pra cacete. Mas eu só acho que não vou aguentar. Todo o... o... — Tobey usou a mão para imitar um boneco falando sem parar.

Benny imitou a ideia de fazer um boneco com a mão, dizendo:

— Quer que eu me livre dela, chefe? Quero, por favor. Então me siga. Vou levar você uma viagem infernal. Ela vai implorar para sair do carro. Socorro,

mamãe! Socorro, mamãe!

Benny deu um tapa nas costas de Tobey e saiu andando. Tobey pensou por um instante no insulto.

Depois entrou no assento do motorista do Mustang. Ele sentiu uma onda de eletricidade atravessar seu corpo. Esse carro, esse carro lindo. Ele nunca achou que fosse vê-lo de novo, muito menos dirigi-lo de novo. Contudo, lá estava ele. Às vezes as preces são atendidas.

Olhou para Julia, que estava com um grande sorriso para ele. Ele não pôde evitar e sorriu também, brevemente.

Logo ligou o motor enorme do Mustang, acelerou duas vezes e então partiram.

O SUPERMUSTANG atravessou a ponte George Washington menos de vinte minutos depois.

O trecho até Manhattan que normalmente era feito em 45 minutos tinha sido feito em metade desse tempo pelo fantástico Shelby gt.

Tobey estava instalado ao volante, ainda vibrando pela excitação de estar fora da cadeia e dirigindo de novo seu carro. O Mustang não tinha perdido nem um pouco de sua potência e virilidade. Estava passando tranquilamente por qualquer trânsito mais lento que encontrava, que na verdade era todo ele. Ou, se surgia algum obstáculo, ele simplesmente desviava.

Isso era literalmente viver em alta velocidade. Tinha feito uma média de 190 km/h desde Mount Kisco, e passou para 210 logo que cruzou a fronteira do estado de Nova Jersey.

Até ali, tinha conversado pouco com Julia, principalmente porque ela estivera ocupada demais se segurando de medo. No entanto, assim que chegaram na New Jersey Turnpike, Tobey finalmente se virou para ela e disse:

— Certo, já vi que você nunca foi copiloto de ninguém antes, não é?

Ela lançou um olhar gelado para ele.

— Não se preocupe — respondeu ela acima do ronco poderoso do motor do Mustang. — Vou aprender. E se notar que estou fazendo alguma coisa errada, por favor, avise.

Tobey riu.

— Bem, tem uma coisa, você está de salto alto. — disse ele.

Ela só sacudiu a cabeça.

— Eles se chamam salto agulha — ela disse. — E tenho outro par de sapatos na bolsa com minhas roupas.

— Então sugiro que faça algo em relação a isso — disse Tobey.

Julia remexeu na bolsa de viagem, tirou sapatos mais apropriados e trocou os saltos agulha por eles.

— Pronto — ela disse. — Mais alguma coisa que os “copilotos” devem fazer?

— O que acha de ficar quieta? — respondeu Tobey de mau humor.

Julia continuou olhando para ele.

— Você diz tipo como um ratinho?

— É, como um rato morto — disse Tobey.

Ela ia dizer uma coisa, mas parou. Ele olhava direto para a frente, consciente de que podia ter exagerado um pouco.

Um silêncio gélido envolveu o carro, e permaneceu assim por um bom tempo.

Bem acima da New Jersey Turnpike, um Cessna Skyhawk viajava à velocidade de cruzeiro de 200 km/h, seguindo de perto o mesmo traçado da autoestrada rumo ao Sul.

Benny estava nos controles do avião.

Ele ligou seu microfone.

— Belo — disse ele. — Aqui é Maverick. Acabei de achar vocês. E vocês tem um problema menos de dois quilômetros à frente.

— Entendido — respondeu Tobey pelo rádio do Mustang. — Problemas menos de dois quilômetros à frente.

Ele trocou de marcha e se lançou pela estrada. Logo estava a 225 km/h.

— Tem muito tráfego adiante — disse ele para Julia, finalmente quebrando o silêncio. — Temos de ir por outro caminho.

Ela estava encantada.

— Mas não estou vendo trânsito nenhum — ela disse, se ajeitando no assento e tentando ver a estrada adiante.

— Nós não estamos vendo — disse Tobey, apontando para cima. — Mas Benny está. Ele pode ver tudo, é nosso espião no céu. E eu tenho de ouvir o que ele diz. Espere aí...

O rádio começou a emitir estalidos outra vez.

— O trânsito está bem engarrafado à frente — relatou Benny. — Estou procurando uma saída para você.

Julia estava intrigada.

— Você vai encontrar trânsito nessa viagem — ela disse de modo bem realista. — *Toda* cidade tem trânsito. Será que isso vai ser um grande problema?

— Em condições ideais, temos de fazer uma média de uns 130 km/h para chegar a tempo à Califórnia — Tobey disse a ela. Mas para cada hora que perdermos, vamos ter de fazer uma hora a 260 para compensar. Então, sim, vai ter tráfego. E cabe a nós evitá-lo o máximo possível.

A voz de Benny voltou ao rádio.

— Acelere para sair daí — disse ele a Tobey.

— Acelerar como? — perguntou Julia.

Tobey sorriu.

— Você vai ver — disse ele.

Ele rapidamente reduziu, encheu o motor, acelerou, engrenou uma marcha mais alta e, no instante seguinte, o Mustang estava voando pelo acostamento na direção de saída da autoestrada e pegou a rampa. No momento preciso, Tobey pisou no freio, virou à direita, e pegou a agulha saindo de traseira a 160 km/h. O aprendizado de Julia teve um preço. Com uma das mãos apertando firme o painel, e a outra, a porta, ela ficou um pouco verde com a desaceleração repentina e a *aceleração* posterior.

O Mustang voou como um foguete pela pista de saída da via expressa.

A voz de Benny voltou.

— Tudo bem, agora vire à direita com vontade para pegar a terceira faixa em três... dois... um...

Aquilo também parecia grego para Julia, mas rapidamente ela estava percebendo que Tobey e Benny estavam usando uma linguagem precisa e monossilábica para conversar um com o outro.

Cada faixa da autopista era numerada de um a quatro. Tudo o que Benny tinha de fazer era dizer um desses números para que Tobey soubesse imediatamente qual das faixas estaria mais livre de trânsito ou atrasos. O que mais fascinava Julia era como essa língua mostrava a ligação estreita entre os dois amigos. Viajando a mais de 150 km/h, Tobey trocava de faixa cegamente só pelo que ele dizia.

Era insano, mas também admirável.

No final da rua, Tobey roletou o cruzamento e virou à direita numa rua de mão única e três faixas.

A voz de Benny estalou novamente no rádio.

— Precisamos manter você limpo — disse ele a Tobey. — Faça uma curva de 180 graus para a esquerda em três... dois... ummm...

Tobey virou o Mustang violentamente para a esquerda e executou um cavalo de pau perfeito. De repente, entrou voando por dentro de um lava-jato.

Benny continuava a falar.

— Vá devagar pela direita por toda a baía de serviço e depois vire à direita e acelere.

O Mustang saiu roncando do lava-jato e virou para a direita. De repente, estavam seguindo direto pela contramão.

Benny berrou.

— Vai, três... agora!

Com um leve movimento do pulso, Tobey jogou o carro para a faixa da direita do trânsito que vinha em sua direção. Estavam seguindo na direção de

um entroncamento de várias ruas. Os carros que vinham na direção oposta paravam imediatamente ou saíam do caminho. De sua parte, Tobey costurava através deles com habilidade impressionante.

Julia se esforçava desesperadamente para tentar manter uma expressão calma durante toda essa manobra perigosíssima, mas foi difícil. As coisas passaram muito depressa.

De repente, a traseira de um 4x4 começou a crescer no para-brisa do Mustang.

— Você está vendo esse 4x4 no qual está prestes a bater, não está? — ela perguntou a Tobey com a maior calma possível.

No mesmo instante, Tobey desviou o Mustang para uma pista em sentido contrário tirando um fino da traseira do 4x4.

— Estava falando daquele 4x4? — perguntou ele com um sorriso malicioso. — O branco?

Essa crise passou, mas foi substituída imediatamente por outra. Um grande ônibus urbano estava vindo direto para cima deles.

— Mantenha a velocidade — aconselhou Benny calmamente lá de cima, apesar de a velocidade ser de 160 km/h numa rua muito movimentada.

O ônibus começou a piscar loucamente os faróis enquanto o motorista entrava em pânico absoluto. O Mustang estava seguindo exatamente na direção dele agora a mais de 120 km/h.

— E o ônibus? — perguntou Julia a Tobey com ansiedade. — Você está vendo *isso*, não está?

— Vendo o quê? — respondeu ele.

— O *ônibus*... — ela repetiu toda nervosa, com a voz subindo um tom.

— O *quê*? — perguntou de novo Tobey.

Julia finalmente perdeu o controle.

— O ônibus! — gritou. — O ônibus! *O ônibus!*

Ela se segurou para receber o impacto, mas Tobey não perdeu a pose. A dianteira do ônibus encheu o para-brisa. O motorista buzinou de novo. Julia gritou alto, quase abafando todo o resto.

Então, lá de cima, veio a voz de Benny.

— Vai, dois, *agora!*

Tobey virou bruscamente para a direita, escapando de uma batida de frente com o ônibus por centímetros. E de repente essa crise também tinha sido superada.

Julia respirou fundo e tentou se recompor. Tobey olhou para ela.

Você estava falando do ônibus, ônibus, ônibus? — perguntou a ela.

Mas Julia se recusou a entrar na pilha. Vestiu de novo a expressão séria e

voltou a apenas olhar fixamente para frente.

Aí Benny falou de novo.

— Esquerda brusca em três...

Tobey reduziu, provocando uma desaceleração violenta. No mesmo instante, o celular de Julia começou a tocar. Mas ele estava em algum lugar atrás do banco da frente. Ela soltou o cinto de segurança, se virou, ajoelhou no banco e começou a procurar por ele.

Estava tocando sem parar, mas ela não conseguia achá-lo.

— Merda, aonde ele foi parar? — xingou ela.

E Benny:

— ... dois... um... agora!

O Mustang atravessou três faixas em menos de três segundos, avançando um sinal vermelho por boa margem.

— Pode pisar à vontade, parceiro — disse então Benny lá do alto.

Depois de deixar o trânsito para trás, o Mustang voltou a acelerar. Logo estava rasgando uma estrada rural de pista única.

Mas Julia ainda estava nervosa.

— Você e Benny têm essa linguagem engraçadinha — ela disse, ainda virada para trás e ajoelhada no banco. — Vocês acham lindo, não é? Bem, não é! Se vou ajudar vocês, preciso saber o que está acontecendo!

Ela começou a fazer uma imitação perfeita de seus sotaques americanos fortes do interior do Norte do estado de Nova York.

— Pode pisar — ela disse. — Entendido! Devagar pela direita! Três, dois, um! Vocês precisam falar *inglês*, Tobey.

Contudo, naquele instante, ainda viajando a 180 km/h, o Mustang acertou um grande quebra-molas. O supercarro decolou. Os quatro pneus saíram do chão. Julia voou também, com a bunda para cima, e aterrissou toda torta no piso diante do banco da frente.

Tobey não conseguiu resistir. Chamou Benny e perguntou:

— Já está se divertindo aí em cima?

— Nada ainda . — foi a resposta de Benny. — Curva brusca à esquerda em dez...

Conforme Julia se arrastava de volta para seu lugar, Tobey reduziu e passou pelo cruzamento seguinte. Em meio a um trânsito desorganizado, ele também conseguiu fazer sua curva brusca à esquerda.

Benny disse pelo rádio.

— Pegar a entrada da estrada em três... dois... um...

Tobey pegou a saída a mais de 180 km/h.

O rádio estalou de novo.

— Tudo certo, Belo. — disse Benny após alguns instantes. — Daqui para a frente, está tudo limpeza.

A essa altura, os olhos de Julia pareciam querer matar Tobey. Contudo, ele ficou quieto, como se nada estranho tivesse acontecido.

— Entendo que correr vai ser necessário — ela meio que gritou com ele. — Mas dirigir como um psicopata só para me assustar e me fazer desistir de ir com vocês não vai funcionar.

— Tem certeza disso? — perguntou Tobey.

— Bem, se era isso o que estava pensando — ela disse para ele com raiva. — Então qualquer que seja a ideia que você tenha de mim, ela está errada.

Tobey só olhava para a frente.

— Então me ajude, explique — disse ele finalmente a ela.

E ela fez isso.

— Você acha mesmo — ela começou — que porque trabalho comprando carros projetados para correr três vezes mais rápido que o limite de velocidade e dirijo um Maserati, e ah, por falar nisso, dirijo muito bem, que você pode me tratar como criança? Se acha isso, posso lhe garantir que essas vão ser as 44 horas e 11 minutos mais longos de sua vida.

Tobey quase riu dela. Ele tinha passado muitos meses na solitária. Sabia muito bem qual era a sensação de 44 horas “longas”.

Então, ele pensou no assunto por um instante e disse:

— Um pedido? Fale menos.

— Eu sei — ela respondeu. — Como um camundongo morto?

Ela fez uma voz aguda como se fosse um ratinho e continuou.

— *Squic, squic... estou aqui, sou um ratinho. Estou morrendo. Morri. Sou um ratinho morto e agora não estou falando.* Certo? É isso?

Tobey não resistiu. Ele sorriu um pouco.

Ela é muito bonita, pensou.

Agora que o clima dentro do Mustang estava mais relaxado, Tobey cravou o pé no acelerador e seguiu na direção do horizonte a Oeste, ainda viajando a mais de 170 km/h.

O RESTAURANTE era um dos mais caros do país.

Num canto, na melhor mesa da casa, estavam Dino, Anita, um homem e uma mulher. O homem era um multimilionário e, ainda melhor para Dino, um investidor. Isso significava que era um alvo para Dino. Uma pessoa de quem ele podia tirar dinheiro. Um otário.

Essa era a verdadeira razão daquele jantar. Anita estava fazendo seu papel de bonequinha de luxo ao lado de Dino, e estava maravilhosa.

— Acredite, — dizia o investidor a Dino — não estou querendo ser chato.

— Você não precisa se esforçar muito — interferiu a mulher num *timing* perfeito, e tomou um gole de seu drinque.

— É que a ideia de um sujeito chamado “Monarch” — prosseguiu o investidor, um pouco hesitante. — e de que ele organiza uma corrida secreta e tudo mais... Bem, isso é meio difícil de acreditar.

Dino balançou a cabeça, simpático.

— Parece que ele é de uma família rica, de sangue azul — disse Dino. — Dinheiro velho de verdade. Gente que fez fortuna durante a Revolução Industrial.

— E ninguém sabe quem ele é? — perguntou o investidor?

Dino sacudiu a cabeça.

— Ninguém — disse ele.

— Bem, Dino sabe — disse Anita, interrompendo de repente.

Dino olhou para ela. Ele estava ao mesmo tempo surpreso e achando divertido.

— Ah, eu sei? — perguntou ele.

— É só uma sensação que eu tenho — ela disse.

— Está me chamando de mentiroso? — Dino perguntou a ela.

— Às vezes acho que você não está contando a história toda — ela respondeu.

Dino gesticulou para que ela se calasse, depois se virou para seus companheiros de jantar.

— Monarch patrocinou equipes de Fórmula 1 — Dino contou a eles. — Sempre com outros nomes. — É *isso* eu sei com certeza sobre ele.

— É mesmo um tipo *underground* — disse a esposa do homem.

— Com um coração ruim — disse Dino. — Dizem que ele competia nas principais categorias, mas teve um problema sério de saúde que podia matá-lo de uma hora para outra, por isso teve de deixar o mundo do automobilismo.

Dino sabia que o otário estava começando a ser enrolado, apesar de poder ser o efeito do álcool.

— Eu ia adorar ver o *podcast* dele — disse.

— O site do Monarch é particular — disse Anita. — Só entra quem tem convite.

Dino deu um gole grande em seu *scotch*. *Eu queria saber quando ela vai calar a boca*, pensou.

— Qual o prêmio na De Leon? — perguntou o otário.

— Grandes recompensas vêm com grandes riscos — respondeu Dino. — Todo carro que entra na corrida e perde automaticamente pertence ao vencedor. Eu venci no ano passado e ganhei mais de 6 milhões de dólares em carros. E um deles era um Pagani novinho.

— Parece que foi um bom dia de trabalho — disse o homem com uma risada.

— É, foi mesmo — respondeu Dino, e fez uma falsa expressão de seriedade. — Mas escute. Não estou querendo forçar você. Entretanto, já tenho outros interessados. Agora, não estou 100% seguro sobre eles. Sabe essa sensação?

— Sei muito bem — respondeu a vítima. — E gostei do que vi em sua empresa. É uma revendedora e tanto que você tem ali. Para mim, o problema é que você ainda não mostrou lucros de verdade, pelo menos não em dinheiro.

Dino se remexeu desconfortavelmente na cadeira. A frustração começava a aparecer nas bordas de seu rosto.

— Vou ser direto — disse ele. — O que preciso fazer para que você entre no negócio?

— Vou ser direto também — respondeu o investidor. — De quanto preciso para entrar no negócio?

— Cinco milhões — disse Dino. — Com essa quantia, podemos ser uma das maiores revendedoras de carros esportivos de luxo do país.

— Então, vença a De Leon outra vez — disse o investidor.

— Quer dizer que se eu vencer a De Leon neste ano você entra com cinco milhões? — disse Dino.

O homem estendeu o braço sobre a mesa e apertou a mão de Dino.

— Isso mesmo — disse ele.

— Vamos botar isso no papel? — perguntou Dino.
— Pode mandar o contrato — respondeu o homem.

O casal foi embora logo depois. Assim que sumiram de vista, Dino desabou em sua cadeira. Sugou o que ainda restava de seu uísque e em seguida jogou o copo de volta sobre a mesa.

— Eu *preciso* desse cara — disse ele com preocupação. — *Preciso* fechar esse negócio.

Anita se surpreendeu ao ouvir isso.

— O que quer dizer com isso? — perguntou a ele. — Você disse que sua revendedora teve um lucro enorme no ano passado.

— Lucro no papel — Dino disse a ela sem dar importância. — Preciso de dinheiro novo para sobreviver.

Ele olhou para outro lado. Seus traços estavam ficando sombrios. Anita, porém, continuou olhando para ele.

Nesse momento, ela não tinha ideia do que pensar.

A NOITE tinha caído em Ohio.

O Mustang Shelby roncava pela autoestrada impávido rumo ao Oeste, viajando a mais do dobro da velocidade dos poucos carros e caminhões que dividiam a estrada escura com ele.

Tobey estava dirigindo em silêncio, a 200 km/h. Julia estava dormindo. Era quase meia-noite. Ele digitou um número em seu iPhone.

A voz de Joe Peck atendeu imediatamente.

— Onde vocês estão? — perguntou ele.

— Na altura do quilômetro 670 — respondeu Tobey. — Estamos no horário.

Joe Peck estava dirigindo sozinho em um veículo que eles todos chamavam de A Fera. Era a caminhonete de apoio e suprimentos da equipe. Grande e fechada, parecia uma combinação de guincho com uma van de entregas. Estava cheia de pneus sobressalentes, peças, água, baterias, óleo e fluido de transmissão. Tudo de que podiam precisar durante a grande travessia de um lado a outro do país. E também levava a coisa mais importante de todas: combustível.

— É um milagre ainda estarmos no horário — Joe disse a Tobey — Talvez tenhamos uma pequena chance de realmente conseguir isso. Eu estava só aqui sentado pensando... Pete teria adorado essa viagem.

As palavras atingiram Tobey bem fundo.

— É — respondeu ele com tristeza. — Ele adorava o impossível.

— Dino devia estar na cadeia pelo que fez com Pete naquele dia — disse Joe.

— Nunca vou me esquecer do que vi quando o encontrei — retrucou Tobey. — Ainda tenho pesadelos com isso...

— *Ele* bateu nele, Tobey — continuou Joe. — *Ele* o tocou e o fez girar. Vou lhe fazer uma pergunta. E se você estiver grudado na traseira de Dino? E se na corrida você acabar chegando nesse ponto? O que *você* vai fazer?

Tobey pensou profundamente no que Joe estava perguntando, e não pela

primeira vez, mas não respondeu. Seu silêncio dizia tudo.

— Foi o que pensei — disse Joe. — Tudo certo, irmão. Vejo você em Detroit. A Fera desligando.

Ainda pensando na conversa com Joe, Tobey olhou para Julia. Esperava vê-la ainda dormindo.

Entretanto, teve uma surpresa. Ela estava bem acordada e olhando direto para ele.

— Sinto muito sobre Pete — disse para ele. — Eu só o vi naquelas duas vezes. Lembra? Na galeria em Manhattan e depois no dia seguinte no circuito em Shepperton. Mas dava para ver o tipo de pessoa que era só pelo sorriso dele. Ele me lembrava meu irmão mais novo. Sempre se mexendo. Sempre sorrindo... ele é uma verdadeira peste, mas eu o amo demais.

— Dino simplesmente o deixou lá — disse Tobey com raiva. — É isso o que não posso perdoar. O julgamento, a prisão, tudo o que aconteceu... Nada disso nunca teria importado para mim se Pete ainda estivesse vivo. Sei que o que fazemos não é bonito, mas tem uma regra tácita: você *sempre* volta.

— Na verdade, tudo o que estamos fazendo é por causa disso? — Julia perguntou a ele. — Para, de algum modo, vingar a morte de Pete?

Tobey não respondeu. Não queria responder. Apenas fixou o olhar de volta na estrada e continuou dirigindo.

ERA SEXTA-FEIRA, quase oito da manhã, e o trânsito pesado do início do dia estava engarrafando as ruas do centro de Detroit, como sempre.

Dentro de um dos prédios do Centro, um escritório estava especialmente movimentado. Os telefones tocavam e pessoas trabalhando em baias incontáveis recebiam correspondências. Esse escritório no quarto andar estava barulhento e cheio de agitação.

Finn estava sentado em um desses cubículos como um rato num labirinto. Estava usando roupa de burocrata, bem diferente dos seus dias de mecânico na Marshall Motors.

Seu iPhone de repente tocou. Ele viu o número de quem estava ligando, sacudiu a cabeça e deixou que a ligação fosse para a caixa-postal. Mas aí o telefone tocou de novo. Dessa vez ele atendeu.

Era Joe Peck.

— Já tivemos essa conversa — Finn disse a ele sem rodeios.

— Só chegue na janela — respondeu Joe.

— Não — disse Finn. — Por que eu faria isso?

— Só vá até lá, agora — insistiu Joe.

Finn só sacudiu a cabeça de novo. Então se levantou e caminhou até a janela.

Ele olhou para a rua lá embaixo e se surpreendeu ao ver o Mustang Shelby parado e chamando atenção bem em frente ao prédio onde ele trabalhava. Mesmo numa cidade apelidada de Motor City, o carro se destacava, um contraste gritante com os automóveis que economizavam combustível e chegavam em casa às cinco da tarde, os quais formavam o grosso da hora do *rush* em volta dele.

O motor do Mustang acelerou mais. Era incrivelmente alto, tanto que podia ser ouvido quatro andares acima. Metade das pessoas no escritório de Finn imediatamente correu até a janela para ver o que estava causando aquela confusão.

Lá embaixo, dentro do supercarro Julia, como sempre, estava encantada.

— O que está fazendo? — perguntou a Tobey enquanto ele insistia em acelerar o motor com resultados de perfurar os tímpanos.

— Só mantendo o motor aquecido — respondeu ele.

Ela olhou em volta deles: as ruas cheias, as calçadas cheias... Todo mundo olhava para eles.

— Você quer mesmo chamar tanta atenção? — ela perguntou. — Você é um foragido da justiça, sabia?

No instante seguinte, um carro da polícia de Detroit parou ao lado do Mustang.

O policial em seu interior baixou o vidro da janela e berrou para Tobey.

— Esse carro é seu, filho? — perguntou o policial.

— Está louco? — gritou em resposta para ele Tobey. — Este carro é uma peça única. Sabe quanto ele custa?

O tira se arrumou no assento. Não precisava disso tão cedo pela manhã. Ele imediatamente viu que Tobey era problema.

— Por que não vira a esquina ali e para? — Disse ele a Tobey. — Aí podíamos conversar.

Tobey, porém, ignorou o pedido dele.

Em vez disso, gritou de volta.

— Viu a velocidade em que eu estava indo? — perguntou ele ao policial. — Uns 260 km/h naquela saída lá atrás. Uma loucura! O senhor precisava dirigir este carro.

Enquanto tudo isso estava acontecendo, Tobey estava secretamente gravando a ele e Julia em seu iPad.

— Me desculpe, senhor — Julia gritou para o policial. — Acho que meu namorado está se exibindo para me impressionar.

O tira estava ficando cada vez mais impaciente.

— Só entrem ali — gritou ele.

— Tobey subiu o vidro da janela.

— Namorado? — disse ele para Julia.

— Só estou tentando evitar que a gente seja preso — ela respondeu com seriedade.

— Se isso está ficando perigoso demais para você — disse para ela — você provavelmente devia sair agora.

— Está falando sério?! — ela exclamou. — Este carro é meu!

— O carro é de *Ingram* — corrigiu-a Tobey. — E, além disso, você pode querer arrumar o cabelo.

— Você está falando para a foto da minha ficha policial? — ela perguntou.

Tobey mexeu em seu iPad, trocando o ponto de vista para filmar o que

estava acontecendo através do para-brisa.

— Não — respondeu ele após alguns instantes. — Mas eu *estou* prestes a torná-la famosa.

Finn estava assistindo a tudo aquilo da janela de seu escritório no quarto andar, se perguntando que diabos estava acontecendo. Era quase mágico ver o Mustang Shelby de novo. E ele não tinha dúvidas de quem estava ao volante. Mas o que Tobey estava aprontando? Joe ainda estava ao telefone com ele.

— Essa não é exatamente a parte que quero que você veja — Joe disse a ele. — Mas veja só o jeito que o carro corre quando ele escapar do policial.

Menos de um instante depois, o Mustang saiu cantando pneu. Ele partiu com tanta potência que chegou a rabear. Ergueu-se uma nuvem de poeira e fumaça, e o barulho foi de muitos decibéis, de arrebentar os tímpanos.

As luzes no teto da viatura policial se acenderam. Com o uivo das sirenes, ela saiu imediatamente na perseguição do Mustang.

E de repente, Finn estava curtindo o espetáculo quatro andares abaixo.

— Uau, esse Mustang é foda, cara — disse ele para Joe Peck. Era a primeira vez que ele via o que o Shelby podia fazer.

— Eu sei — respondeu Joe. — E se Tobey disputar esse esquema da De Leon, bem...

— Quer dizer que ele está na corrida? — interrompeu Finn.

— Está quase dentro — respondeu Joe, fazendo um pouco de mistério.

— Que porra você quer dizer com isso? — quis saber Finn.

— Significa que ele está quase dentro — repetiu Joe.

Finn ouviu um estalido em seu telefone.

— Tenho de desligar — disse para Joe. — Tobey está me ligando.

Finn apertou em cima e atendeu a ligação de Tobey. Enquanto, naquele instante, Tobey estava dirigindo o Mustang pela área, fazendo um círculo barulhento com a viatura policial atrás com a sirene berrando e tentando alcançá-lo, ele de algum modo ainda conseguia falar.

— Preciso de você, parceiro — berrou Tobey para Finn mais alto do que toda a barulheira.

Contudo, Finn ficou em silêncio enquanto via o carro da polícia perseguir o Mustang em círculos.

Tobey prosseguiu.

— Finn... irmão? — disse ele. — Sei que você está aí... Está bem, eu falo pelos dois. Entendo porque você saiu. As coisas ficaram malucas para todos nós. Mas, agora mesmo, estamos fazendo uma coisa bem idiota, e precisamos muito de você. Não é a Marshall Motors sem você.

Finn respirou fundo e pensou bem e por um bom tempo sobre o que Tobey

estava lhe dizendo.

Finalmente, ele desligou o telefone e disse para si mesmo.

— Isso é um grande erro...

Então, foi até o elevador, apertou o botão de descer e começou a tirar aquelas roupas.

As pessoas nos cubículos próximos se levantaram para observá-lo. Primeiro, Finn tirou a camisa e a dobrou bem, revelando o peito nu. Mais gente em seu escritório percebeu. Então ele tirou as calças e as dobrou junto com a camisa. Aí chegou a vez das cuecas samba-canção, e depois delas, exceto pelas meias, Finn ficou nu.

Esperou calmamente pelo elevador. Ele chegou com um *ding* alto.

Foi quando ele se virou para seus colegas de trabalho e disse:

— Tenham um bom-dia.

A porta do elevador se abriu e revelou que ele estava repleto. De algum modo, Finn conseguiu entrar.

Os passageiros estavam horrorizados, mas ninguém disse nada. Finn se viu parado ao lado de uma mulher mais velha e pequena.

— Meu amigo vai pilotar o Mustang mais rápido do mundo na De Leon domingo — disse para ela.

A mulher sorriu para ele e disse.

— Eu trabalho com contabilidade.

— Mas a senhora não acha que está morrendo por dentro? — Finn perguntou a ela.

Ela olhou para as partes baixas dele e franziu o cenho. Ele pensou numa tartaruga assustada.

Finn ficou imediatamente na defensiva.

— Ei, está frio aqui — disse ele.

No instante seguinte, a porta do elevador abriu no térreo. Joe Peck o estava aguardando. Ele Viu Finn sair pelado do elevador, apenas de meias.

Joe não podia acreditar.

— Puta que o pariu! — exclamou.

— Onde está a Fera? — perguntou tranquilamente Finn.

— Na rua — respondeu Joe. — Vamos, a gente precisa correr.

Joe arrastou Finn pelo saguão. Muita gente estava olhando para eles, se bem que a maioria para Finn. Uma mulher pegou o telefone e fez uma ligação apressada. Um sujeito de terno aplaudiu e começou a tirar fotos.

— Porque você ficou pelado? — perguntou Joe ao amigo.

Finn só deu de ombros.

— Achei que se ficasse peladão na frente de todos os meus colegas de

trabalho ia ficar envergonhado demais para poder voltar.

— Então você deixou suas roupas lá em cima? — perguntou a ele Joe.

— Deixei — respondeu Finn. — Junto com minha dignidade.

Enquanto isso, Tobey estava dirigindo com muita potência e velocidade, e não estava mais indo em círculos.

Seguia zunindo pelas ruas cheias de Detroit, fazendo muito barulho e chamando muita atenção. Por sorte, ele rendia o máximo nesse tipo de situação. Conferia retrovisores. Trocava de marchas sem esforço. Acelerava forte e só freava quando era absolutamente necessário.

Uma segunda viatura da polícia se juntou à perseguição. Entretanto, isso só aumentou a excitação. Aí chegaram notícias positivas de Joe Peck.

— Estou com o pacote. — Tobey ouviu Joe dizer pelo iPhone. — E já saímos pela porta dos fundos.

— Que ótima notícia! — respondeu Tobey. — Mas só temos 28 horas para chegar à Califórnia.

Foi quando Julia viu uma coisa acima deles. Era um helicóptero com “wltv Canal 4” pintado na lateral. Ele foi direto para cima do Mustang.

— Acho que temos companhia — ela disse.

O celular de Tobey tocou no instante seguinte. Ele atendeu e ouviu uma voz inesperada, mas familiar.

— O noticiário do wltv Canal 4 tem uma pergunta para Tobey Marshall — disse a voz em meio a estática. — Numa escala de um a dez, quanto sua passageira é louca e gostosa?

Tobey e Julia olharam para o helicóptero, que agora estava voando quase no nível do Mustang.

Para a surpresa deles, viram Benny acenando para os dois da cabine.

— Gostaram do meu novo meio de transporte? — perguntou Benny. — De foder, não é?

Tobey não podia acreditar, nem Julia.

— O que aconteceu com o Cessna? — perguntou a ele Tobey.

— Eles têm restrições de voo sobre a cidade, irmão — respondeu Benny. — Aí eu tive de pegar este passarinho emprestado com um parceiro.

Tobey fez um drift preciso com o Mustang, entrou numa curva à direita e zuniu por um beco. Os tiras ainda estavam bem na sua cola, com as luzes piscando e as sirenes berrando, mas eles sabiam que tinham problemas com um motorista como aquele.

Então planejaram emboscá-lo. Uma das viaturas entrou no beco atrás dele,

enquanto a outra entrou pelo lado oposto. Tobey pisou imediatamente no freio e começou a dar ré.

— Cacete! — disse Tobey, acelerando o Mustang ao máximo em marcha ré.
— Isso pode ficar interessante.

Enquanto isso, Finn estava dentro da Fera vestindo umas roupas extras de Joe. De repente, a voz de Benny chegou berrando pelo rádio da caminhonete de apoio.

— Parceiros, escutem — começou Benny. — Quase peguei emprestado um helicóptero Apache na Base aérea dos Grandes Lagos, mas o coronel Gatins estava me enchendo muito o saco.

Joe Peck girou os olhos.

— Lá vamos nós de novo...

Finn berrou no microfone.

— Chega dessa merda de helicóptero Apache. Dá um tempo com essa porra!

— Não estou falando com você, Finn — berrou de volta Benny.

— Entendido, Mentiroso Um — devolveu Finn.

A voz de Benny subiu um tom.

— Finn, tem dez minutos que você voltou à equipe e já está enchendo meu saco e falando merda — repreendeu o piloto. — Você há de se arrepender do dia em que começou a me chamar assim.

Finn riu.

— *Hei* de me arrepender do dia? — perguntou ele. — Você de repente foi à faculdade?

— Isso que você disse é uma ignorância — rebateu Benny. — Nossa, como você é ignorante!

Tobey e Julia estavam ouvindo essa falação entre os membros da equipe enquanto o Mustang descia furiosamente pelo beco, de ré.

Julia não podia crer no que estava ouvindo.

— Isso só pode ser brincadeira — disse ela para Tobey. — Esses caras ainda estão no primário?

Tobey riu quando finalmente saiu do beco a 110 km/h e pegou outra rua, na contramão, é claro.

— Vai ser assim a viagem inteira? — Julia perguntou a ele.

Tobey só deu de ombros conforme subia de marcha e pisava no acelerador.

— A gente se conhece há muito tempo — contou a ela.

— Isso, então, é um “sim” — ela resmungou.

A voz de Benny os interrompeu.

— Belo, aqui é Maverick — começou ele. — Os canas da Motown querem muito falar com você. Acho melhor voltar.

Tobey agora manobrava furiosamente, desviando dos carros que vinham em sua direção, enquanto percebia que uma terceira viatura da polícia tinha entrado na perseguição. Quando ia bater de frente num carro de passeio, reduziu, pisou no freio e no acelerador, tudo ao mesmo tempo. O resultado foi um cavalo de pau invertido perfeito de 270 graus.

Quando a fumaça baixou, ele se viu de frente para o lado certo da avenida Michigan. Pisou fundo de novo e decolou como um foguete. Isso fez o primeiro carro de polícia bater no segundo, botando os dois fora de ação. O terceiro, porém, continuou na perseguição.

Tobey fez outro drift radical e foi parar na zona portuária da cidade.

Ele estava acima de 160 km/h, mas o terceiro carro policial estava se aproximando dele.

Lá no alto, no helicóptero da emissora de tv, outra voz veio pelo rádio de Benny, e era claramente feminina.

— Romeu, com licença, preciso falar com você — ela disse.

— Na escuta — disse Benny com alguma desconfiança.

Ele tinha tirado as câmeras de trânsito do helicóptero das estradas e jogado sobre uma mulher sexy que corria pelo parque nas docas. Só para se divertir, ele deu um zoom e se aproximou dela.

Eles descobriram que a voz vinha da redação do Canal 4.

Ele a ouviu de novo.

— Vamos entrar ao vivo agora com Romeu no helicóptero de trânsito do Canal 4. Como estão as coisas, Romeu?

Benny respondeu com uma voz característica de apresentador de tv.

— As coisas parecem bem, Beth — disse ele. — Muito bem.

Mas então, foram interrompidos pela voz de um produtor.

— É Romeu que está no helicóptero? O que está acontecendo?

Nesse momento, a câmera do helicóptero fechou num close da bunda da mulher que estava correndo.

O produtor começou a gritar imediatamente.

— Comerciais! Vamos para os comerciais!

Benny só riu.

— Ei, Detroit, mais bom humor! — disse ele.

Enquanto tudo isso rolava, Tobey se viu correndo na direção de uma ponte

enorme.

— Olhos na estrada — disse ele em voz alta para si mesmo.

Benny viu o vão extenso ao mesmo tempo.

— Eeeiii, acho que é a Ponte Ambassador — gritou ele. — E ela está cheia de carros andando colados uns nos outros.

Ele segurou os controles do helicóptero e deixou a máquina planando quase parada no ar.

— Tobey, meu irmão, — disse ele para o Mustang — vai ser preciso dar uma de grilo por três faixas para conseguir desaparecer. Entendido?

Tobey respondeu rapidamente.

— Entendido.

— Está certo — disse Benny. — Então quando eu contar... três... dois... um...

O Mustang pegou a entrada I-375 numa velocidade absurda. Isso apesar do tráfego por todo lado, e de uma viatura policial com uma sirene berrando bem atrás dele.

Julia assumiu sua posição habitual de acidente e se segurou pronta para a batida.

— O que é dar uma de grilo? — perguntou gritando para Tobey?

Tobey não tinha tempo para responder. Ele jogou o carro para a faixa de alta velocidade da rampa de entrada. À frente, mas se aproximando muito depressa, havia um grande barranco pouco antes da entrada da ponte propriamente dita.

— Você pode querer fechar os olhos — alertou-a Tobey.

Julia se segurou mais firme, se é que isso era possível.

— Ah, meu Deus — ela gritou. — Isso é pior que “ônibus, ônibus, ônibus”?

A voz de Benny veio pelo rádio.

— Aponte para aquele poste de luz — disse ele para Tobey. — Depois abra suas asas.

Ao ouvir isso, Tobey jogou o carro da faixa rápida para o barranco na direção do poste de luz. Ele pisou no acelerador até o fundo e, de repente, eles saíram do chão.

Os olhos de Julia quase saíram das órbitas. Eles estavam voando por cima de três faixas de rolamento. Os pneus do Mustang quase tocavam os tetos dos carros abaixo. Antes, porém, que Julia tivesse uma chance de gritar de novo ou de dizer qualquer coisa, de repente, eles estavam de volta no chão, aterrissando com um barulhão abafado na encosta em torno do estacionamento de uma igreja. Sem perder o ritmo, Tobey fez um drift violento pela grama, atravessou o estacionamento e pegou outra rua.

Ele apurou o Mustang e reduziu para aumentar o giro do motor.

Aí ele se virou para Julia, achando que ela estaria em estado de choque ou pior. Contudo, ela estava exatamente o oposto do que Tobey achava que estaria.

Não estava machucada, zozza nem enjoada. Em vez disso, ria histericamente.

— Estamos *vivos*! — gritava ela de pura alegria. — Fantástico! Você é *fantástico*!

O próprio Tobey quase começou a rir. O riso dela era doce e engraçado e quase contagiante.

— É isso o que eu faço — disse ele sem demonstrar nenhuma emoção.

O Mustang roncou pela rua em velocidade extremamente alta saindo de Detroit.

Lá em cima, Benny estava olhando para baixo para a exibição de pilotagem radical e admirando o talento de outro mundo de Tobey.

No entanto, agora ele precisava ir.

— Meu tempo neste passarinho acabou — disse pelo rádio para Tobey. — A gente se fala daqui a pouco, meu irmão.

Contudo, Detroit não ia desistir com tanta facilidade.

Um dos policiais participantes da perseguição estava especialmente puto. Sua viatura tinha se envolvido no acidente que a direção alucinada de Tobey provocara, e isso o deixara revoltado.

Ele agora estava pendurado em seu rádio.

— Aviso a todas as unidades — disse o cana. — Um Ford Mustang prateado muito modificado visto pela última vez na I-375 seguindo para Oeste. Entrem em contato com a polícia estadual se precisarem de apoio aéreo.

O AEROPORTO regional de Detroit naquela manhã estava muito agitado.

Muitos voos regionais e também de pequenas empresas aterrissavam e decolavam. A área de helicópteros estava especialmente agitada. Helicópteros particulares assim como os de emissoras de tv chegavam e partiam com grande frequência. O pessoal de apoio e as tripulações de terra corriam de um lado para o outro, atendendo ao bando de aeronaves.

Foi no meio dessa confusão que Benny conseguiu aterrissar o helicóptero do Canal 4. Ele bateu com força no chão. Os rotores do helicóptero faziam muito barulho até que ele, piedosamente, desligou os motores. Então ele desceu do helicóptero e saiu correndo ileso.

Ele só precisou de um minuto para chegar ao seu Cessna, que estava parado bem perto. Ele embarcou, fez anotações numa planilha e tentou ligar o motor, mas ele não pegou. Estourou duas vezes, e nada.

Tentou de novo, mas com o mesmo resultado.

— Merda — xingou, sem querer atrair mais atenção para si. — Por que está dando problema agora?

Enquanto isso, às suas costas, fora de seu campo de visão, um helicóptero da polícia estadual estava decolando.

Ele rapidamente subiu a mais de 600 metros, dando início a sua patrulha de trânsito de rotina. Mas de repente seu rádio ganhou vida.

— Alerta a todas as unidades — disse a voz no rádio. — Fiquem atentos para um Mustang prata com placas de Nova York: Alfa, Delta, Tango, quatro, meia, um, nove, seguindo para Oeste na I-94. Repetindo: Mustang prata seguindo para Oeste na I-94...

Os pilotos captaram a mensagem e depois se dirigiram para o Sul, embicando o helicóptero na direção da rodovia interestadual.

No mesmo instante, Tobey voava pela Rota I- 94, livre da perseguição de autoridades. Contudo, estava com uma sensação estranha.

Tocou *upload* no seu iPad e tentou ligar para Benny.

— Mentiroso Um? Tenho a sensação de que logo vamos ter um helicóptero da polícia no nosso rabo — disse ele. — Você está seguindo alguma coisa assim vindo na direção da I-94? Se ele me vir, acabou a brincadeira.

Entretanto, Benny não respondeu imediatamente. Tobey mandou a mesma mensagem por rádio outra vez. Finalmente ele ouviu a voz de Benny.

— Ainda estou no chão, Belo — avisou ele a Tobey. — Esse ar de Detroit está deixando meu avião um pouco estranho.

Tobey podia ouvi-lo fazer de tudo para o Cessna pegar.

— Vamos lá, Nelly — dizia Benny. — Temos coisas para fazer.

O motor, porém, simplesmente não ajudava, e Benny contou a ele o que estava acontecendo.

Tobey sabia que isso não era nada bom. Ele ligou para a Fera. Finn atendeu. Ele e Joe estavam seguindo para Oeste na I-94.

— Benny agora está preso no chão — Tobey disse a eles. Isso significa que estamos cegos em relação aos helicópteros da polícia. Podemos ter de usar o plano B.

— Entendido, Belo — respondeu Finn. — Mas lembre-se de que o plano B aumenta a viagem em pelo menos uma hora.

— Não temos escolha — Tobey disse a ele. — Temos de compensar esse tempo depois.

— Entendido — disse Finn com sobriedade.

— Belo vai ter um encontro antes — disse Tobey. Precisa de um combustível rápido sem tirar de dentro.

— Entendido, Belo — respondeu Finn. Combustível quente e até a tampa. Nos vemos no ponto de encontro.

Mais uma vez, Julia estava olhando para Tobey sem entender nada.

— O quê? — perguntou ele.

— Combustível rápido? — ela respondeu com outra pergunta. — Rápido e sem tirar de dentro?

— Vamos reabastecer sem parar — disse a ela com naturalidade.

— Sério? — ela perguntou. — Isso parece um pouco... bem, “inspirado”, mas porque não podem simplesmente dizer isso?

Tobey chegou a considerar a sugestão dela.

Ela gosta mesmo das coisas simples, pensou ele.

A Fera estava correndo pela Rota I-94 agora a uns 80 quilômetros a Oeste de Detroit.

Joe Peck ainda estava ao volante daquela caminhonete estranha. Finn ia no banco do carona. O Mustang Shelby estava em algum ponto na autoestrada atrás deles e cada vez mais perto.

Joe Peck conferiu sua posição pelo gps da caminhonete.

— Se prepare. É hora do show — disse para Finn.

Finn soltou imediatamente o cinto de segurança, respirou fundo, abriu a porta e começou a sair da caminhonete, tudo isso correndo pela estrada a 110 km/h.

— Combustível rápido chegando — disse Joe Peck em seu iPhone.

Ele olhou em seu espelho retrovisor e viu o Mustang prata aparecer repentinamente atrás dele.

— Bem na hora — disse Joe — e no lugar certos.

Com muito cuidado e equilíbrio, Finn tinha saído pela porta da caminhonete em alta velocidade e agora se movia pelos painéis laterais. Foi difícil, mas ele finalmente conseguiu subir pelos painéis e caiu na caçamba traseira da caminhonete.

Remexendo no canto de trás, deixou cair a porta traseira para ter mais espaço de manobra. Havia um grande tanque de combustível ali atrás com uma mangueira muito comprida presa a ele. O bico da mangueira tinha um design especial. Parecia um ferrão de mosquito comprido como uma agulha.

O Mustang se aproximou da Fera. Seu motor superpotente abafava o ruído feito pelo resto do tráfego na rodovia interestadual movimentada.

Tobey manobrou cuidadosamente o Shelby de modo que a entrada do tanque de combustível do supercarro ficasse ao lado da porta traseira da Fera. Mantendo essa formação em paralelo, os dois veículos seguiam pela estrada correndo ainda a 120 km/h.

Aviões militares são frequentemente abastecidos durante o voo, eliminando a necessidade de aterrissar quando estão com pouco combustível. Foi necessária muita prática e treinamento para os pilotos militares envolvidos fazerem isso corretamente. A equipe da Marshall Motors estava prestes a fazer a mesma coisa, mas correndo por uma autoestrada. Era, porém, igualmente perigoso.

Tobey aproximou o Mustang ainda mais da Fera. Estava agora a apenas centímetros de distância. No entanto, apesar de Finn estar debruçado sobre a estrada com o bico da mangueira na mão, ele não conseguia alcançar a tampa do tanque de gasolina do Mustang.

Tobey não tinha escolha. Ele aproximou o Mustang ainda mais da caminhonete de apoio, e Finn tentou de novo, mas ainda não era o suficiente.

Finn não conseguia chegar perto o bastante para abrir a tampa do tanque de combustível.

Julia assistia a isso tudo com uma mistura de horror e fascinação. Ela sabia como aquilo era perigoso, assim como a atenção que estavam atraindo. Também sabia que havia um helicóptero da polícia estadual lá em cima em algum lugar, e que não ia demorar muito para seus pilotos localizarem aqueles delinquentes de seus 600 metros de altura.

Ela sabia que tinha de fazer alguma coisa.

De repente, ela soltou o cinto de segurança.

— O que está fazendo? — Tobey gritou com ela.

— Ajudando — ela gritou em resposta. — Ou pelo menos tentando.

Sem dizer mais nada, ela pôs uma perna para fora da janela e montou por um instante na porta. Então pôs o corpo para fora. O vento imediatamente atingiu sua roupa e seus cabelos e os agitou furiosamente. Tobey ficou muito chocado. Ele não imaginava que ela tivesse esse tipo de habilidade.

Quase toda para fora do carro, Julia se esticou o máximo que pôde e estava quase conseguindo alcançar a proteção do tanque de gasolina do Mustang. Com destreza admirável, ela conseguiu levantá-la.

Durante tudo isso, Finn olhava para ela como se fosse louca. Ele tentou segurá-la para evitar que caísse. Com o apoio de Finn, ela conseguiu desatarraxar a tampa do tanque.

Finn imediatamente encaixou o bico da mangueira na boca do tanque de gasolina. Assim que ela foi conectada, ele ligou o botão da bomba, e o combustível começou a correr do tanque de reserva da Fera para o Mustang.

Enquanto isso, Julia fez os movimentos inversos e voltou para o interior do Mustang. Em pouco tempo estava em seu assento e com o cinto de segurança.

Tobey não conseguia acreditar.

— Uau — disse para ela. — Você continua cheia de surpresas, hein?

Julia deu de ombros com bom humor.

— Não julgue uma garota por seus Guccis — ela brincou.

— Seus o quê? — perguntou inocentemente Tobey.

Ela ergueu um de seus sapatos caros.

— Saltos agulha — ela disse, provocando-o, depois jogando o sapato atrás do banco traseiro. — Lembra?

— Não bastava só ter dito isso? — Tobey provocou-a também.

— É verdade — ela respondeu, com uma leve reverência. — Você tem razão.

Tobey logo voltou ao trabalho.

— Fera, pegue o acostamento — disse ele pelo rádio para Joe Peck. — Eu

vou com você.

— Entendido — respondeu Joe Peck.

A Fera, com o Mustang ainda preso pela mangueira de combustível, foi para o acostamento da faixa mais lenta da rodovia. Passaram por um *motor home* como se ele estivesse parado e depois viram uma placa que dizia: “Parker Road South — Próxima Saída”.

Julia agora estava observando pela janela a operação de reabastecimento. Ela sabia que o tempo era um elemento muito importante ali. Ela sinalizou para que Finn fosse mais rápido, mas ele respondeu gesticulando com a mão para que ela esperasse.

Finn estava observando atentamente o nível da bomba. Esperou mais alguns segundos. Era crucial que o Mustang recebesse até a última gota de combustível que pudesse dar a ele. Então finalmente desligou a bomba. Arrancou o bico da mangueira da boca do tanque e fez sinal com o polegar para cima para Julia.

Ela respondeu com o mesmo gesto, depois gritou para Tobey:

— Estamos liberados.

Era tudo o que Tobey precisava ouvir. Ele subiu de marcha, acelerou e o Mustang saltou para frente como se tivesse retrofoguetes.

— Viu — disse ele para Julia. — Essa foi fácil.

— É, foi mesmo — respondeu ela com seu melhor sotaque das ruas de Londres. — Neurocirurgia também é.

Naquele ponto, os veículos se separaram. A Fera continuou rumo ao Oeste pela I-94. Tobey deixou a autoestrada na saída da Parker Road South e pegou uma estrada secundária.

Tobey chamou a Fera.

— Obrigado, rapazes. — O Plano B está indo bem. Belo agora é um *redneck*.

— Entendido — respondeu Joe Peck. — A Fera adora um *redneck*.

Julia entendeu essa bem rápido.

— *Redneck*? — ela disse. — Estamos indo para o Sul?

— Impressionante — respondeu Tobey.

Ela sorriu.

— Não é um código muito sofisticado, Tobey — ela disse. — Vamos falar a verdade.

Enquanto isso, na Fera, Finn tinha voltado à cabine pelo mesmo caminho pelo qual havia saído. Ele estava com um grande sorriso.

— Me diverti mais agora do que em muito tempo — disse para Joe.

Joe tomou isso como uma deixa para ir mais rápido, subir de marcha e acelerar. Sua missão de abastecimento em voo estava cumprida.

— Bem-vindo de volta — disse ele a Finn.

Um momento depois, os dois ouviram um ronco alto. Antes que qualquer um dos dois pudesse reagir, um helicóptero da polícia de Michigan estava acima da Fera.

Finn foi rápido no rádio.

— Mentiroso Um — chamou. — Ainda está no ar? Onde está você?

Finalmente a voz de Benny surgiu nos alto-falantes.

— Acabei de decolar depois de dar umas porradas no meu motor — contou ele. — Estou seguindo em sua direção em alta velocidade.

— Bem, pode vir com calma, porque você perdeu todo o espetáculo — disse Finn. — O encontro rolou bem debaixo do helicóptero dos canas.

Benny riu.

— Pena que eu perdi isso — disse. — Mas vocês têm de admitir que foi mais divertido assim, não foi?

— Talvez de onde você esteja — Finn disse a ele. — Belo está no plano B, mas a gente ainda queria que você ficasse de olho nos canas voadores.

Benny examinou o horizonte e logo captou umas luzes a uns 3 quilômetros de distância. Era o helicóptero da polícia, mas ele estava mudando de direção. Enquanto Benny observava, o helicóptero fez uma curva aberta e seguiu para o Leste, de volta na direção de Detroit.

— Estou vendo seu helicóptero — informou Benny. — E ele está voltando para a mamãe, em casa.

— Entendido, Mentiroso Um. Isso é uma boa notícia, Mentiroso Um — disse Finn, fazendo Joe morrer de rir. — Por falar nisso, Mentiroso Um, qual a sua posição?

— Dando um rasante em cima de você, seu puto — respondeu rapidamente Benny.

No instante seguinte, o Cessna saiu do nada e deu voou muito baixo sobre a Fera, passando a apenas poucos metros dela. Finn e Joe Peck se abaixaram quase até o piso do veículo, de tão rápido e inesperadamente que tudo aconteceu. Eles viram a parte de baixo do Cessna encher seu para-brisa antes que ele subisse outra vez. Ele tinha passado bem perto.

Finn resmungou com Benny.

— Meu Deus, ficou maluco? Você não mudou nada, seu babaca de merda!

Benny respondeu a ele no ato.

— Não quero nem saber — disse ele. — A menos que queira se mijar todo de novo, lembre-se de me chamar de Maverick!

DEPOIS DE se livrar de toda a confusão da interestadual, o Mustang estava seguindo por uma estrada secundária de duas pistas que cortava grandes extensões de fazendas com plantações, pequenos açudes e equipamento agrícola.

Julia estava aprendendo a ser uma boa “copiloto”. Ela começou a seguir as comunicações da polícia com um bloqueador de sinais a laser. Com esse equipamento, que estava instalado dentro do painel, era possível afetar os sinais emitidos por radares portáteis. Em outras palavras: sob as condições certas, o Mustang podia ser tão invisível quanto um caça *stealth*.

Contudo, Julia perdeu a concentração no equipamento antidetecção de alta tecnologia quando sentiu que Tobey estava olhando para ela.

Seu olhar se fixou no dele, e ela percebeu uma coisa surpreendente só pelo jeito como ele estava olhando para ela. Tobey estava apaixonado por ela. Ela podia ver isso na cara dele.

— O quê? — perguntou ela se fazendo de tímida. — Ia me dizer alguma coisa?

— Hein? Não — respondeu Tobey, sem jeito. — Nada importante.

— Vamos — ela insistiu. — Pode dizer.

Ele pensou por um instante, então disse:

— Acho que estava curioso, sabe, sobre como você se envolveu com essa coisa toda? Os carros? O *glamour*?

Ela riu.

— O *glamour*?

Ela estendeu as mãos para mostrar a paisagem rural por onde estavam viajando.

— Não tenho muita certeza se a palavra “*glamour*” se aplica ao momento — ela acrescentou. — Mas se quer saber como acabei parando nisso, bem, eu conto a você... mas tente não dormir ao volante.

— Prometo — disse ele.

— Está bem — ela disse com um suspiro. — Eu cresci na Inglaterra, é óbvio. Meus pais eram *hippies*. Porra, a droga dos meus avós eram *hippies*! Eles

eram todos muito artísticos e liberais e orgânicos, ou pelo menos achavam que eram. Quando eu era pequena, lá em casa sempre tocava música dos anos 1960. Meu nome é uma homenagem à mãe de John Lennon, sabia? Fui alimentada à base de granola e iogurte, e só bebíamos água da chuva e neve derretida. Até hoje não suporto iogurte e tenho nojo de granola. É igual a comer cascalho, não é?

— Estou ouvindo — respondeu Tobey.

Ela prosseguiu.

— Como você pode imaginar, eu me rebelei contra isso assim que tive idade o suficiente para perceber que podia. Insisti para me mandarem para um colégio interno rígido só para garotas. Meu objetivo era aprender tudo sobre administração de empresas, matemática e números e depois trabalhar para as maiores multinacionais do planeta. Tudo isso só para contrariar meus pais.

— Mas aí aconteceu uma coisa estranha. Eu comecei a rabiscar distraidamente durante a aula um dia. Estava ficando entediada, sabe? E isso evoluiu para desenhos, e aí eu percebi que também tinha algum talento artístico. Eu havia herdado isso, para minha grande surpresa. Mas por algum motivo, comecei a desenhar carros. Carros de corrida. Bentleys. Lamborghinis. Eu via a qualidade artística de seu design. Quando deixei o colégio interno, eu já havia sido fisgada.

— Fui para a faculdade, fazia metade aulas de administração, e metade aulas de arte, e quando saí, entrei para o mundo dos carros de luxo. Comecei a avaliá-los, a precificá-los não apenas por seu desempenho, mas também por sua beleza. Fiz isso por que era o que eu amava, o que é exatamente porque meus pais e os pais deles fizeram o que faziam. Precisei crescer um pouco para entender isso. Aí conheci Ingram e...

Ela olhou pela janela do Mustang em alta velocidade, estudando a paisagem norte-americana que passava num borrão.

— Mas como cheguei aqui, nesta situação? — ela perguntou a si mesma. — Ainda não tenho certeza.

De repente, o rádio da polícia começou a falar. O relatório policial, porém, era perturbador.

— Alerta a todas as unidades — disse o operador. — Um Ford Mustang, com placa de Nova York, Alfa, Delta, Tango, quatro, meia, um, nove, visto pela última vez quando seguia para o Oeste na I-94. Suspeita-se que esteja sendo dirigido por um certo Tobey Marshall: M-A-R-S-H-A-L-L. Procurado por violação de condicional e possível furto de automóvel. Visto viajando com uma mulher loura de identidade desconhecida.

— Entendeu o que eu disse? Mulher loura de identidade desconhecida.

Estou a um passo de ser uma mulher procurada — ela disse.

Tobey sacudiu a cabeça aborrecido.

— Bem, agora eles sabem quem eu sou — disse ele. — Mas acho que era apenas questão de tempo.

— Se era, você adiantou um pouco com sua brincadeirinha lá em Detroit — Julia disse a ele.

— Tinha de fazer aquilo — respondeu Tobey.

— Só para trazer Finn de volta ao grupo? — ela perguntou.

— Não, não só por isso — respondeu ele.

Eles estavam se aproximando de um entroncamento a uns 170 km/h. De repente, Tobey fez uma curva brusca para a direita e eles pegaram a Autoestrada 12 para o Oeste.

Foi quando a vinheta de Monarch soou no interior do Mustang. Isso significava que o programa *Underground Racing* em streaming privado em um site estava prestes a começar ao vivo.

A voz de Monarch estalou no alto falante.

— Estou procurando imagens de um carro que não deveria existir — começou ele de seu jeito habitual. — Os *trolls* estão enchendo minha caixa de entrada, pessoas me dizendo que esse é o carro que Ford e Shelby estavam construindo quando Carr morreu. E assim como ele, é só um fantasma.

Enquanto dizia isso, Monarch começou a mostrar vídeos das manobras de Tobey em frente ao prédio de Finn. As imagens tinham sido feitas pela câmera do ponto de vista de Tobey e incluíam tomadas aéreas do helicóptero de Benny também. Tobey e Benny tinham subido as imagens quase ao mesmo tempo em que elas aconteceram, e elas acabaram indo parar no programa *Underground Racing*.

— Na verdade, — prosseguiu Monarch — ninguém nunca viu esse carro. Pelo menos ninguém com uma conta bancária de menos de 100 milhões de dólares. Mas ele é maravilhoso. A Ford Motor Company deu à luz esse bebê e, nossa, é o Mustang mais fantástico que já vi na minha vida. Entretanto, tem uma notícia quente: Tobey Marshall está dirigindo essa carruagem dos deuses. É, o mesmo Tobey Marshall que o montou perto de Mount Kisco há dois anos. Eu tiro o chapéu para Ford e Shelby por criarem um carro como esse. E cumprimento Tobey Marshall pelo que está fazendo ao volante dele.

Conforme Monarch falava, continuava a mostrar imagens das peripécias de Tobey em Detroit, incluindo a fuga do prédio de Finn com a polícia em seus calcanhares.

Julia sorriu e balançou a cabeça na direção de Tobey. Agora ela estava entendendo, e tinha de reconhecer o que ele estava fazendo. Ele obviamente

tinha pensado muito em cada detalhe daquele seu plano extremamente ousado.

Do outro lado do país, Dino estava ouvindo Monarch colocar Tobey entre os melhores pilotos dos Estados Unidos. E apesar de não demonstrar, ele estava furioso.

Ele estava sentado no escritório de sua nova empresa de customização na Califórnia. O lugar era ultra-*high-tech* e, é claro, enorme. Tinha doze elevadores, bancadas com o mais moderno equipamento de diagnóstico e computadores de última geração por toda parte. Só as ferramentas custavam centenas de milhares de dólares. E o chão ainda era encerado e tão limpo que você podia comer nele. O lugar parecia mais o showroom de sua revendedora ao lado do que uma oficina de customização. A placa acima da entrada identificava o local como Dino Brewster Motors.

O escritório em si era tão bem organizado quanto a oficina que havia lá, porém com muito mais bom gosto. Isso era prova de que ali havia o dedo de Anita no design.

Ela, naquele momento, estava sentada em frente a Dino assistindo às imagens que Monarch exibia e as acompanhando no seu notebook.

O apresentador do *podcast* continuou, mas ficou meio puto:

— Minha gente, o atual campeão da De Leon, Dino Brewster, está na linha com a gente agora mesmo. Dino Dino Bambino, Fê Fi Fofino, você precisa ver o que estou vendo. São imagens aéreas, cara! Não sei quem está gravando, mas Tobey Marshall está cruzando o país agora mesmo com os tiras na cola dele, num Ford fantasma. Elas fariam você se borrar.

Dino só riu.

— Então Tobey Marshall está fazendo mais uma besteira? — perguntou ele. — É isso o que você está dizendo? Será que todos esquecemos que esse é o cara que acabou de sair da prisão por homicídio?

— Acidentes acontecem em corridas, Dino Dino Bambino. — respondeu Monarch. — E o carro que ele está pilotando é único, especial.

— Eu sei que ele é especial — Disse Dino com arrogância. — Porque fui eu que botei esse carro nas mãos de Tobey.

O Mustang ainda estava rasgando a Autoestrada 12. Sua velocidade naquele momento era de quase 195 km/h e subindo.

Tobey e Julia estavam prestando muita atenção à conversa de Monarch com Dino.

Tobey em especial estava absorvendo tudo, olhando bem para frente, mas elevando a velocidade a limites mais agressivos. Não era preciso ser psiquiatra

para dizer que os comentários de Dino estavam provocando um efeito sobre ele.

De repente, Julia avistou dois carros adiante, dirigindo lado a lado, ocupando as duas pistas da estrada. Ela sentiu o perigo no ato.

— Faixa quatro — disse ela apenas.

Entretanto, Tobey não respondeu. Ainda estava acelerando, e chegando mais perto do par de carros que se arrastavam.

— Faixa um? — perguntou ela.

Mesmo assim, Tobey permaneceu calado. O programa de Monarch ainda estava rolando, e fornecia uma trilha sonora estranha para o drama súbito e crescente no interior do Mustang.

A voz de Dino saiu do alto-falante outra vez.

— Tobey Marshall é simplesmente irresponsável ao volante — disse ele de maneira bem direta. — Essa é praticamente a única coisa pela qual ele é famoso.

Como se quisesse mostrar que Dino tinha razão, Tobey se recusava a mudar de faixa. Em vez disso, pisou fundo, acelerou absurdamente e passou entre os dois carros mais lentos a uma velocidade insana.

Julia já estava se acostumando a esse tipo de coisa. Apesar disso, disse a ele:

— Sabia que um avião comercial totalmente cheio decola a 280 km/h?

Tobey não pareceu impressionado. As palavras de Dino ainda queimavam em seus ouvidos.

— E daí? — retrucou.

— E daí que estamos a 300 — ela disse, apontando para o velocímetro. — Só achei que você ia gostar dessa informação curiosa.

Enquanto isso, Monarch não conseguia acreditar no que Dino estava sugerindo.

— *Você* está preocupado com direção perigosa? — perguntou ele a Dino na lata. — *Você*? O mesmo Dino Bambino que foi expulso da Indy por bater nos outros durante uma bandeira amarela? Acho que você reclama demais, Fee-Fi-Fofino.

O que Dino disse em seguida chocou o público de Monarch, até mesmo Julia e Tobey.

— Se esse é o plano dele, não quero ver Tobey Marshall na De Leon — disse enfaticamente Dino. — Na verdade, estou disposto a dar meu Lamborghini Elemento para qualquer pessoa que conseguir detê-lo.

Monarch interveio.

— Ei, espere um instante, Dino — disse ele. — Sei que você é rico, mas isso é loucura. Você está oferecendo seu Elemento? Só existem três carros iguais a ele no mundo. Você vai simplesmente *dar* o carro a qualquer um que detenha Tobey Marshall? Você percebe que com isso também vai perder seu lugar na

corrida deste ano, não?

Anita observava Dino com atenção enquanto ele conversava com Monarch. Ela estava completamente intrigada e chocada com a oferta bizarra do namorado.

Por que Dino ia abrir mão de sua vaga na De Leon só para impedir Tobey?

Naquele instante, Dino olhou para a oficina além da janela de seu escritório. Dois homens de terno tinham acabado de entrar na garagem.

Eles pareciam ter acabado de sair de um filme da máfia. Um deles era Paul “Pauly Nuts” Lawrence. Ele era o “outro” investidor que Dino tinha mencionado no jantar recente. Lawrence estava conversando com Big Al, o obeso e suarento gerente da oficina de Dino.

Depois de um papo rápido, Big Al caminhou na direção do escritório de Dino, obviamente levando algum tipo de recado.

Dino se levantou imediatamente. A conversa exaltada com Monarch ficou esquecida por um instante. Ele sabia que aqueles caras queriam sua atenção imediata.

Anita também os tinha visto. Ela os examinou pela janela do escritório quando Big Al entrou.

Dino levantou a mão, um sinal para Big Al ficar com a boca fechada por um instante.

Ele voltou a Monarch.

— É isso mesmo — disse Dino. — Estou postando uma foto desse Mustang agora, para que todo mundo saiba o que procurar. Considerem isso uma recompensa pela cabeça de Tobey Marshall.

Com isso, deu enter, publicou a foto e saiu de trás de sua mesa para falar com Big Al.

— Aquele escroto lá fora quer falar com o senhor — disse Big Al a Dino.

No entanto, Anita queria falar com Dino antes.

— Você sabe que botou uma recompensa de 3 milhões de dólares por Tobey, não é? — ela perguntou sem conseguir acreditar. — Por que está fazendo isso?

— Ele matou seu irmão, Anita — respondeu mal-humorado. — Estou fazendo isso por *você*.

Anita ficou tão surpresa com essa resposta que perdeu a fala por um instante; mas Dino não percebeu. Estava concentrado demais nos homens de terno.

Ele fez sua melhor expressão sedutora e então foi para a oficina encontrar com eles.

Enquanto isso, na Autoestrada 12, Tobey e Julia ainda estavam grudados no programa de Monarch, atentos a cada palavra.

— Ah, o drama — exclamou Monarch. — Tenho dois amantes predestinados atravessando o país a 250 km/h.

— Aumente isso para 290 km/h — intrometeu-se Julia.

— E agora — prosseguiu Monarch —, o atual campeão da De Leon acabou de pintar um alvo enorme nas costas deles.

Julia olhou por alguns instantes para Tobey. Contudo, ele ainda estava olhando para a frente sem nenhuma expressão.

Monarch não parava de falar.

— É, o Natal chegou para a gente cedo, meus maluquinhos! — disse ele com uma risada. — Correr é uma arte... mas correr com paixão é uma grande arte!

“Posso sentir amor e vingança e óleo de motor se misturando aí! Vocês ouviram, e isso merece ser repetido! Dino Brewster está oferecendo um Lamborghini Elemento para qualquer um que levar aquele Mustang até ele. E minhas contas dizem que aquele carro acabou de sair de Michigan. Esse Tobey Marshall é um homem marcado! Temos Mustangs sobrenaturais e vinganças pessoais... Não tenho ideia do que está acontecendo aí, mas sei que estou *amando!*”

Num trecho particularmente vazio da Autoestrada 12, uma radiopatrulha estadual seguia para o Leste. O Mustang Shelby ainda seguia para Oeste do outro lado da estrada dividida.

A viatura viu o supercarro vindo, e seu radar de velocidade estava ligado. Estranhamente, não apareceu o registro de nenhum número de quilômetros por hora em sua tela.

Era como se o Mustang fosse invisível. E, de certa forma, ele era. Julia estava interferindo no radar do policial com seu bloqueador de sinais a laser, transformando o Mustang num carro invisível.

Depois de passarem pelo policial, Julia fez contato com Monarch ainda durante o programa.

— Monarch — ela falou ao microfone. — Aqui é a loura sentada bem ao lado de Tobey Marshall.

Monarch ficou imediatamente felicíssimo.

— Estamos no ar agora com uma gata loura da Inglaterra — anunciou ele. Ele logo começou a falar com um péssimo sotaque britânico. — Miau, miau. A gata que diz estar sentada ao lado de Tobey Marshall no tal Mustang. Está

tomando chá, querida?

Mas Tobey não gostou muito de Julia ter aberto um link com Monarch.

— Pode prestar atenção? — perguntou a ela. — Preciso de você.

Julia, porém, não o estava ignorando.

— Não — respondeu.

Nesse momento, Tobey viu um caminhão que parecia morto à frente. Ele usou os freios e reduziu. Atravessou as faixas da autoestrada numa manobra suave e logo estava seguindo pelo acostamento, onde subiu de marcha, acelerou e passou pelo caminhão como se ele estivesse parado.

Logo depois, havia a saída para a Interestadual I-80 West.

Com um leve movimento do pulso, Tobey pegou a entrada a 290 km/h. Em segundos estava na própria I-80 West. Finalmente estavam na Interestadual, onde era seu lugar.

Enquanto isso, Julia ainda estava na linha no programa de Monarch.

— Havia três carros na corrida na noite em que aquele garoto, o Little Pete, morreu — ela contou para ele e seu público. — Isso é um *fato*. E qualquer um que acreditar que Tobey foi responsável pela morte de Pete, bem, é melhor se fazer essa pergunta: por que ele ia violar sua condicional em Nova York, com o risco de ser preso e ter de cumprir uma pena bem longa, a menos que fosse inocente e estivesse determinado a corrigir um erro? Ele cumpriu a sentença, pagou sua dívida. Então por que ia correr esse risco? Quando falar com Dino de novo, devia perguntar isso a ele.

Houve um longo momento de silêncio.

Então Tobey disse a ela:

— Obrigado.

— De nada — ela respondeu.

Mais um momento de silêncio.

Então Monarch voltou a falar.

— Bem, estou emocionado — disse. — Isso pode ser minha primeira vez. Meu coração de pedra acabou de derreter.

Então Monarch começou a falar com seu sotaque britânico de novo.

— Eu acredito em você — disse ele. — Sua vadia maluca. Acho que você está falando muito sério... Acho mesmo. — Monarch voltou a falar com sua voz normal.

— E eu ouvi você — prosseguiu ele. — E sei que os dois estão atravessando o país em velocidades alucinantes para provar alguma coisa... Parece uma grande rivalidade, Tobey Marshall contra Dino Brewster, e eu não tenho nada com isso, mas eu *adoro* a disputa! Nascidos para correr, gata, vocês dois jovens queimando o asfalto norte-americano.

Monarch parou por mais um instante. Ele estava pensando.

— Sabe de uma coisa? — continuou. — Diga a Tobey Marshall lque eu disse a ele... Bem-vindo à De Leon. Tobey, meu velho, se você chegar aqui inteiro, vou ficar feliz em vê-lo na largada com a gente. E tenho dito. Boa noite, gata. Tenha bons sonhos...

Entre as muitas pessoas que estavam ouvindo o programa de Monarch estava o corredor de rua apelidado de o Havaiano Voador.

Ele era um homem grande e bruto, com cabelo comprido oleoso preso em duas tranças. Ele estava em sua oficina perto de Los Angeles trabalhando na sua picape *off-road* 4x4. Um tipo de veículo que teve origem quando as pessoas começaram a modificar picapes Toyota simples de tração em duas rodas para disputar corridas *off-road* normalmente no deserto.

O Havaiano estava vendo o programa de Monarch numa tv de tela plana montada na parede de sua oficina desorganizada. O local era o oposto do de Dino: bagunçado, fedorento e cheio de peças espalhadas por todos os cantos.

O local era a cara de seu dono. Bebendo uma cerveja e fumando um baseado, o Havaiano Voador estava extasiado com o que Monarch dizia. Ele era, de certa forma, o anti-Tobey. Tinha cumprido pena por agressão e lá dentro fora líder de um grupo que espancava a carne nova. Ele traficava drogas, desmontava carros roubados e até vendia armas ilegais no México. Ele nunca tinha sido guiado pela consciência. Era o exemplo do sujeito violento, mas também o supremo covarde. Não era conhecido por enfrentar ninguém no mano a mano, nunca entrara numa luta limpa na vida. E não era agora que ia começar a fazer isso.

— E é isso aí, meu povo — disse Monarch, encerrando o programa. — A De Leon está completa. Mas o Lamborghini Elemento de Dino Brewster ainda está na parada. E isso significa que o lugar dele na corrida também ainda está em jogo.

“Se você quiser estar nele, tem de pegar esse SuperMustang para conseguir. É a corrida antes da corrida...”

As últimas palavras de Monarch na noite foram para os passageiros do SuperMustang.

— E essa é para Tobey Marshall — concluiu. — Vou mandar para você uma mensagem de texto com os detalhes exatos do ponto de encontro para a De Leon. Mas lembre-se: isso exige honra entre ladrões! Não pode contar nada! Até lá, corra, Tobey, corra!

Assim que Monarch saiu do ar, Benny surgiu no rádio. O Mustang roncava

pela I-80 a 250 km/h. O sol estava se pondo à frente deles.

— Belo, — começou Benny — eu estava ouvindo. Parabéns pelo convite para a festa. Seu caminho está limpo até a divisa com Nebraska. A escuridão está caindo sobre nós, por isso seus olhos no ar vão se fechar por algum tempo. Vou me adiantar a vocês. Nos vemos depois do recorde.

— ok, entendido — respondeu Tobey. — E obrigado.

No escritório de Dino, Anita fechou o notebook assim que terminou o programa de Monarch.

Ela continuou a observar Dino e os homens misteriosos de terno. Ela pensou por um instante, depois se levantou e fez a volta na mesa de Dino.

Ela sentou-se em frente ao notebook dele e começou a digitar. E logo se perdeu no que estava lendo.

De repente, uma voz a interrompeu.

— O que está fazendo?

Ela ergueu os olhos e viu Dino estender o braço por cima da mesa e lentamente fechar o notebook. O modo como fez isso a deixou preocupada. Havia algo ameaçador naquilo.

— Estou só trabalhando — ela respondeu, apesar de com certa hesitação.

A expressão de Dino ficou muito sinistra com sua resposta.

Contudo, ele não disse mais nada.

FOI UMA pequena vitória quando o Mustang cruzou a divisa do estado de Nebraska.

Tobey não só se sentiu bem por deixar Michigan e Indiana para trás, sem falar em Illinois e Iowa. Em sua mente, chegar a Nebraska significava que estavam na metade do caminho de seu objetivo final, a Califórnia. Em outras palavras: a partir dali, era ladeira abaixo.

Pouco tempo depois de entrarem em Nebraska, um grande letreiro em néon anunciava uma parada de caminhões adiante.

Naquela hora era tarde da noite. Eles estavam dirigindo virtualmente sem parar. Era hora de fazer isso.

Tobey reduziu drasticamente a velocidade para pegar a entrada da parada.

O local estava cheio de bombas de combustível tanto para caminhões quanto para carros, além de uma lanchonete e uma loja de conveniência. A parada para descanso ficava aberta 24 horas por um bom motivo. Havia gente circulando e movimento razoável.

Tobey parou o Mustang e saltou. Se esticou todo e começou a botar gasolina superaditivada no tanque de gasolina quase vazio do carro. Enquanto isso, Julia foi ao banheiro.

— Por favor, depressa. Estamos duas horas atrasados. E cuidado, seja discreta. Monarch acabou de torná-la famosa. Está bem?

— Entendido — respondeu Julia, correndo para a loja de conveniência. — Confie em mim. Vou rapidinho.

O reabastecimento foi rápido, mas assim que Tobey terminou, um carro da polícia de Nebraska entrou na parada de caminhões. Tobey se agachou tranquilamente e em seguida correu de fininho para o abrigo de uma caminhonete estacionada na bomba de gasolina ao lado.

Assim que se escondeu, tirou o celular enquanto lentamente fazia a volta pelo outro lado da caçamba da picape.

Entretanto, só quando espiou dentro da traseira da picape viu que havia um cão enorme ali à espera, preso a uma corrente.

O animal saltou em cima dele, rosnando com os dentes à mostra e latindo alto. O barulho foi suficiente para atrair a atenção do policial estadual.

O policial parou e olhou na direção do cachorro. Ele pensou por um instante, avaliando se devia andar até a caminhonete. Mas ao ver que o cachorro estava acorrentado, resolveu não fazer isso e entrou na parada de caminhões.

No mesmo instante, Julia saiu do banheiro, onde tinha trocado de roupa. Estava tranquilamente passando algum perfume caro enquanto seguia para porta de entrada.

Foi quando viu o policial. Ela calmamente reduziu o passo, mudou de direção e seguiu para um corredor mais distante dele.

Havia uma adolescente entediada trabalhando atrás da caixa registradora, fazendo bolas de chiclete.

O policial foi até ela e disse duas palavras.

— Café puro.

Por força do hábito, o policial olhou despreocupadamente para o monitor de segurança da parada que ficava acima da caixa registradora. Todas as oito imagens de vídeo mostravam as bombas de combustível.

Reluzente como uma joia gigantesca sobre rodas, o Mustang prata era visto de frente bem no meio dos monitores de vídeo.

O policial rapidamente mudou seu pedido.

— Para viagem, por favor — disse ele à garçonete.

Naquele instante, o celular de Julia começou a tocar. Ele não só estava muito alto, mas o ringtone era a famosa música de Michael Jackson “Beat It”.

O policial se virou na direção do som.

Enquanto isso, Julia tinha se abaixado atrás da prateleira de balas. Ela atendeu o telefone.

Era Tobey.

— Oi, é, eu sei — disse Julia, sussurrando ao telefone.

Mas aí ela teve a sensação de que havia alguém às suas costas

Ela se virou e viu o policial parado bem atrás dela.

— Com licença, senhorita — disse ele. — Posso lhe fazer algumas perguntas?

Julia jogou o telefone na bolsa sem desligá-lo e então se levantou.

— Ora, é claro que pode — ela respondeu, se esforçando ao máximo para falar com um sotaque do Sul.

Ela leu o distintivo dele.

— Policial Lejeune — acrescentou ela. — Em que posso ajudá-lo?

— A senhora vive na área? — perguntou a ela o policial.

Ela balançou a cabeça.

— Não, senhor — respondeu. — Estamos fazendo uma viagem muito longa.

O policial estudou sua roupa e pensou sobre seu sotaque.

— É mesmo? — perguntou ele sem acreditar muito.

Julia riu, apesar de estar se esforçando desesperadamente para manter a calma.

— Sim, senhor — ela respondeu.

Enquanto isso, Tobey tinha discretamente dado a volta na viatura. Agora observava através das janelas da loja para ver o que estava acontecendo.

Lá dentro, ele via o policial examinando Julia dos pés à cabeça enquanto ela tentava se desenrolar.

— Você está viajando naquele Mustang prata lá fora? — perguntou a ela o policial.

— Mustang? — respondeu ela. — Não, senhor.

Julia deu um passo na direção da porta, mas o policial impediu sua passagem.

— Eu gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas — disse a ela o policial. — Se você me acompanhar até o meu carro... não vai levar mais que um minuto.

Julia congelou. Ela teve certeza de que o jogo estava acabado. O policial foi até a porta de entrada e a abriu para ela, que o seguiu, mas apenas por um passo. Então ela se virou e correu na direção dos fundos da loja, o mais rápido que pôde.

O policial ficou surpreso, mas só por um instante. Numa fração de segundo, ele saiu correndo atrás dela e a perseguiu por um corredor.

Lá fora, Tobey estava correndo de volta para o Mustang. Ainda tentava olhar para o interior da loja enquanto ouvia Julia em seu telefone.

A voz dela chegava num sussurro agudo.

— Tobey! Tem um cana aqui!

— Eu sei — Tobey disse a ela. — Onde você está?

Nesse instante, Julia corria loucamente pelo corredor com o policial bem atrás dela.

O corredor terminava numa escadaria. Julia subiu a escada, mas o policial estava se aproximando dela.

Quando chegou no alto da escada, passou por uma porta aberta e a trancou.

— Agora estou no andar de cima! — ela berrou para Tobey pelo telefone. Estou numa sala! Parece uma despensa.

— Aí tem janela? — Tobey perguntou a ela rapidamente.

Julia correu para a única janela do local. De repente, o policial começou a

bater com força na porta trancada.

— Tem uma janela — disse para Tobey. — Mas estou no segundo andar!

Tobey podia ouvir os gritos do policial ao fundo.

— Estou pedindo que abra essa porta, moça!

— Pule pela janela — Tobey disse a ela com urgência. — Eu vou estar embaixo.

Julia não parou de se mover nem um instante. Ela subiu por cima de umas caixas o mais rápido que pôde e começou a tentar sair pela janela.

O policial agora estava batendo na porta com seu cassetete. Sua voz estava insistente.

— Moça, a senhora precisa abrir essa porta *agora mesmo!*

Então ele apertou o botão de seu rádio.

— Aqui é a unidade Sete Dois — gritou no aparelho. — Estou na parada de caminhões na 80. Alguma unidade na área? Câmbio.

Nesse curto espaço de tempo, Julia conseguiu rastejar metade do caminho até a janela. Com um último impulso, ela saiu no telhado.

Mas aí ela olhou pela beirada e viu que era uma queda de cinco metros até o chão.

— Ah, droga! — resmungou ela consigo mesma. — Droga, não estou gostando disso.

Ela olhou em todas as direções, mas não viu Tobey em lugar nenhum.

Começou a correr pelo telhado, olhando desesperadamente para o estacionamento abaixo enquanto berrava no celular.

— Tobey... venha me buscar! — berrava. — Estou em cima do telhado!

No instante seguinte, o Mustang surgiu bem abaixo dela.

Tobey chamou pela janela do carro.

— Você tem de pular. Vamos!

Mas havia um problema.

— Tenho medo de altura — gritou ela em resposta para ele. — Não consigo nem olhar para baixo!

— Não é tão alto assim! — Respondeu ele. — Simplesmente pule!

— Não consigo! — berrou ela de volta. — Tenho *pavor* de altura.

Tobey desceu do Mustang e correu até um ponto bem abaixo de Julia.

— Sente na beira! — gritou para ela. — Com os pés pendurados. Eu vou pegar você.

Mas Julia não estava prestando atenção nisso. Estava batendo os pés com medo e furiosa.

— Merda... Merda... *Merda!* — gritava ela, com raiva de si mesma e de sua fobia. No entanto, não havia outro lugar para ir nem outra coisa a fazer.

Por isso ela, finalmente, foi até a beira do telhado e sentou com os pés balançando.

— Agora feche os olhos e apenas se jogue! — gritou para ela Tobey. — No três. Um...

Julia fechou os olhos e pulou. Dois segundos cedo demais. Tobey não estava pronto, mas ele a segurou mesmo assim. Absorvendo o impacto com seus músculos cultivados na prisão, ele rolou os dois contra o carro e depois suavemente sobre o chão.

Tobey se recuperou depressa, pegou Julia e praticamente a jogou dentro do Mustang. Depois entrou e pisou fundo. O Mustang arrancou e partiu numa nuvem de poeira e fumaça.

Quando o policial saiu da loja, ainda estava gritando em seu rádio.

— Na perseguição do Mustang prata — informou a sua central. — Placas de Nova York... Estou voltando para minha viatura agora!

O policial entrou em seu carro e ligou o motor. Engrenou a primeira e pisou no acelerador. O carro se projetou para a frente, mas só alguns metros. Aí sua traseira começou a pular e mexer de um lado para outro sem parar. De repente, houve um barulho alto de metal e vidro se partindo. O eixo traseiro da viatura bateu contra o asfalto enquanto o resto do carro continuou a avançar. Ele finalmente parou menos de dez metros depois.

O policial logo se recuperou do susto e olhou pelo retrovisor. Aí viu que o eixo tinha sido preso com uma corrente grossa a uma grande carreta estacionada em frente à loja.

O policial apenas sacudiu a cabeça. O carro dele estava acabado. E ele sabia disso.

Ele olhou para a caminhonete que tinha visto antes só para ver o cachorro enorme, agora solto, latindo loucamente para ele.

Menos de um minuto depois, Tobey e Julia estavam voando pela autoestrada outra vez. Ela não parava de olhar pelo retrovisor do seu lado esperando ver as luzes de carros da polícia a qualquer momento.

Poucos segundos depois de sua fuga, o iPad anunciou uma mensagem. Era um texto de Monarch.

Ele dizia: “O encontro dos pilotos é às 20 horas no Hotel Intercontinental em São Francisco. Esteja lá na hora ou não vai saber o local exato da corrida”.

Tobey olhou para Julia, que ainda estava recuperando o fôlego depois da fuga. Ela tinha se trocado e posto roupas às quais estava mais acostumada: jeans e uma camiseta. Mais importante, porém, ele tinha acabado de ver um lado dela

que desconhecia.

Ele estava com um grande sorriso. Estava realmente começando a respeitá-la. E mais.

Ela, porém, ainda estava preocupada com o policial.

— Onde ele está? — perguntou ela a Tobey, sem parar de olhar os retrovisores.

— Ele não vem — respondeu Tobey com confiança.

— Sério? — perguntou. Era quase como se ela não quisesse acreditar.

— Confie em mim — retrucou Tobey. — Ele vai ficar preso lá por algum tempo.

— Tem certeza? — ela perguntou, precisando de uma confirmação.

Tobey riu para si mesmo. Uma palavra veio a sua mente: *Correntes...*

— Ah, tenho — disse ele. — Tenho certeza.

De repente, a voz de Joe Peck ecoou pelo Mustang.

— Belo? — começou ele. — Estou ouvindo a conversa do policial e parece que sua princesa se meteu em encrenca.

— É, foi complicado agora há pouco — respondeu Tobey com um tom divertido.

— Bem, nós não podíamos ter planejado as coisas melhor — disse Joe a ele. Você agora está sozinho e uns 50 quilos mais leve.

Tobey olhou para Julia.

— Talvez uns 55... — disse para Joe. — Ou mais...

Julia deu um tapa nele com bom humor.

— Tenho pena dos canas que vão ter de ouvi-la falar sem parar — acrescentou Tobey. — Aquela garota simplesmente não cala a boca. *Nunca...*

— Entendido, parceiro — respondeu Joe.

— Estou brincando — revelou finalmente Tobey. — Ainda estou com ela. Foi como uma cena de *Fugindo do inferno...* câmbio.

Joe imediatamente tentou se desculpar.

— Sempre gostei de você, Julia — disse ele meio sério. — Você sabe disso.

— Obrigada, Joe — disse ela. — Câmbio e desligo.

Com isso ela desligou um botão e acabou definitivamente com a conversa.

— Você *foi mesmo* surpreendente lá atrás — Tobey disse a ela, agora que os dois estavam finalmente sozinhos. — Isso faz com que eu me pergunte uma coisa... você poderia talvez dirigir por algumas horas?

Julia balançou a cabeça de felicidade.

— É claro! — exclamou. — Mas você acha mesmo que devíamos parar?

Tobey não respondeu. Em vez disso, agarrou a mão dela e a puxou para cima de seu colo. Depois, pôs as mãos dela sobre o volante e, depois de

aproveitar o cheiro de seu perfume um pouco mais do que deveria, deslizou para o banco do carona.

— O trampo é seu, querida — disse a ela. — E caso tenha esquecido, estamos indo para São Francisco.

Ela fez uma continência de brincadeira para ele, ainda confusa por seus corpos terem ficado entrelaçados por aqueles poucos segundos. No entanto, ela não tinha nada a reclamar.

— Sim, sim, capitão — ela disse. — Próxima parada: São Francisco!

□ **ALVORECER** sobre as montanhas de Utah parecia saído de um cartão-postal.

Julia ainda estava dirigindo. Tobey tinha dormido havia muito tempo. Tudo estava silencioso no interior do Mustang. Ninguém conversava no iPhone. Não havia radares da polícia. Nem Monarch.

Julia se sentia bem, e estava se sentindo totalmente confiante ao volante do supercarro.

Até que aconteceu o desastre.

Num instante ela estava dirigindo satisfeita em alta velocidade. No seguinte, o Mustang foi atingido violentamente por trás.

O supercarro derrapou de lado com o impacto. Julia viu que um veículo grande como um Hummer tinha se aproximado por trás deles e soube instintivamente que era o Havaiano Voador. Mas ficou apavorada ao ver o carona dele pendurado para fora da janela apontando uma escopeta para ela.

Tobey acordou no ato. O Mustang estava fora de controle, e Julia estava gritando.

— *Meu Deus!* — berrou ela. — Isso foi *de propósito!*

Tobey percebeu o que estava acontecendo numa fração de segundo.

— É — gritou ele. — É a recompensa de Dino!

Julia recuperou o controle do carro, mas de repente um Hummer cromado reluzente e um Bronco enlameado surgiram vindos da direção oposta. O Havaiano Voador nunca tinha sido do tipo que lutava limpo, e seus comparsas estavam tentando cercá-los.

Eles querem fechar nossa passagem! — berrou Tobey para Julia. — Faz drift pelo acostamento.

— Não — disse ela, o que o surpreendeu. — Tenho uma ideia melhor.

— E qual é? — berrou ele.

— Vou direto na direção do Hummer — disse ela. Ele é um rato de asfalto. Tobey ficou confuso.

— Rato de asfalto? — repetiu ele em voz alta.

— Um carro usado como instrumento para gente que gosta de aparecer — Julia berrou de volta. — Para compensar o complexo de inferioridade.

Julia mostrou a ele seu dedo mínimo e o dividiu ao meio com o polegar. Tobey entendeu a ideia. Pequenas embalagens. Bundões medrosos.

Ela pisou fundo e acelerou forte na direção dos veículos que se aproximavam. Num instante, ela desviou para a faixa errada e direto na direção do Hummer. Era um jogo de coragem. Mas um jogo mortal. Tobey se segurou no painel e na porta por sua vida, como Julia tinha feito tantas vezes no início da viagem.

Ele ouviu a própria voz gritar.

— Está *maluca*?

Entretanto, Julia não tirou o pé do acelerador. Continuou seguindo na direção do Hummer. Só no último instante possível o grande 4x4 virou para desviar dela. Entretanto, ao fazer isso, subiu na divisória entre as pistas e acertou de frente uma parede de pedra. O impacto fez o 4x4 decolar e girar no ar. Julia simplesmente passou por baixo do veículo que estava voando e seguiu em frente.

Isso fez o coração de Tobey acelerar, talvez como nunca antes.

— Uau..., você *é* maluca! — gritou ele.

Julia olhou para ele e sorriu. A expressão dela dizia tudo. Ela estava bem impressionada consigo mesma.

Aí ouviram o disparo da escopeta.

Tobey o ouviu com clareza acima de toda aquela confusão e do ronco do motor poderoso do Mustang.

Ele se virou e viu o Baja *off-road* do Havaiano Voador bem na cola deles. O carona estava debruçado para fora da janela com uma 12 enorme na mão. Um segundo depois, ele atirou de novo.

O para-brisa traseiro do Mustang explodiu numa chuva de brilhos e vidro. Julia e Tobey se abaixaram bem a tempo para evitar serem atingidos pelos cacos que voaram. Contudo, o Mustang começou a ir de um lado para o outro descontroladamente.

— Mantenha o carro na pista! — ele berrou para Julia.

— Estou tentando! — ela gritou em resposta.

Tobey olhou pela janela agora sem vidro e viu que o Havaiano Voador estava no rádio mesmo enquanto perseguia o Mustang. Seu carona estava novamente fora da janela mirando a escopeta para outro tiro. Dessa vez, parecia que o alvo eram os pneus traseiros do Mustang.

De repente, Julia bateu no ombro de Tobey. Ele olhou para a frente e viu dois caminhões de cimento dirigindo a toda velocidade vindo pela estrada direto

na direção do Mustang.

Tobey agarrou o rádio rapidamente.

— Mentiroso Um! — berrou ele chamando Benny. — Está com os ouvidos ligados?

Aí Tobey viu uma estrada de terra à esquerda. Ela estava se aproximando depressa.

— Tire o pé do acelerador quando eu mandar e aí vire à esquerda — berrou para Julia.

— Está bem — disse Julia, se concentrando o máximo possível.

— Seu instinto vai ser para deixar passar — alertou-a Tobey.

— Vá em frente! — ela gritou de volta.

Tobey puxou o freio de mão com força e Julia fez a curva brusca à esquerda. Em meio à fumaça dos pneus e dos escapamentos, o Mustang fez um drift perfeito e entrou na estrada de terra.

No entanto, o Havaiano Voador o seguiu, e de repente começou a dirigir com mais confiança que nunca. Em sua mente, o Mustang tinha acabado de morder sua isca, e caído em sua armadilha.

Havia uma bifurcação na estrada adiante, e o Bronco a tomou e sumiu de vista. O Mustang seguiu pela estrada lateral e começou a subir a encosta de uma montanha, pegando uma série de curvas fechadas à esquerda e à direita, todas em altíssima velocidade.

Mas aí eles chegaram a uma curva assustadora de quase 180 graus. Julia estava dando o melhor de si, mas entrou rápido demais e depois tentou corrigir, e quase bateu o carro na mureta de proteção.

O que não tinha em habilidade, porém, ela compensava com agressividade pura.

— Droga! — berrou ela. — Eu devia ser melhor nisso!

— Não desista! — Tobey gritou de volta para ela. — Você está indo bem.

Julia aceitou o conselho dele e não tirou o pé do acelerador.

Bem perto, mas fora de vista, o Ford Bronco corria por uma estrada paralela. Era uma estrada ruim, mas a suspensão do utilitário era mais do que apropriada para ela. Na verdade, ele estava ganhando velocidade enquanto subia.

Ao mesmo tempo, o Havaiano Voador estava bem atrás e se aproximando deles. O carona deu mais um tiro de escopeta. Esse acertou uma rocha grande à frente do Mustang e o cobriu com uma chuva de fragmentos de rocha.

O carona do Havaiano estava pulando de um lado para outro enquanto tentava recarregar. Por isso, a maioria de seus cartuchos tinham caído no chão do Baja.

Mesmo assim, o Havaiano Voador estava a pouco mais de um metro da traseira do Shelby.

A perseguição louca não parava, o Mustang seguindo extremamente rápido, levantando terra e cascalho, e o Baja se aproximando a cada segundo. De repente, a estrada em que estavam se transformou de uma via de duas pistas numa trilha que quase não era uma estrada. De repente, o Mustang estava andando sobre solo muito irregular, não o mais apropriado para ele.

Tobey procurou um mapa em seu iPad.

— Temos de encontrar outra estrada — gritou para Julia.

— Aqui em cima? — gritou ela de volta. — Só tem uma estrada... ou tinha...

Tobey agarrou o rádio e começou a gritar outra vez nele.

— Mentiroso Um... Mentiroso Um! Precisamos de você.

O Havaiano Voador agora estava bem no rabo do Mustang, a apenas alguns centímetros. Era para aquele tipo de direção que ele tinha construído aquele 4x4: terra fofa e pedras, com todos os quatro cilindros bem abertos. Enquanto corriam encosta acima numa velocidade alucinante, o 4x4 se aproximava do Mustang a cada segundo.

O maior problema era que o Mustang não tinha sido construído para correr *off-road*, e seu chassi estava batendo com muita força no chão. Julia estava dirigindo o mais rápido que podia sem arrancar as rodas do carro, mas não adiantava. Eles estavam quase no topo da montanha, e seus perseguidores iam alcançá-los em segundos.

E, então, aconteceu... uma espécie de milagre.

E tudo se deveu a um anjo chamado Benny.

De repente, o para-brisa do Mustang se encheu com a imagem de um helicóptero Super Stallion ch-53. A aeronave gigantesca ergueu-se acima do Mustang e pairou numa posição acima dele.

Tobey imediatamente pegou o rádio.

— Mentiroso Um? — berrou. — É você?

De repente, cabos de aço caíram do helicóptero no chão e foram se arrastando dos dois lados do supercarro.

Aí Tobey e Julia ouviram a voz de Benny encher o carro.

— Prendam os ganchos! — gritava ele. — Rápido!

Benny estava no assento do copiloto de um enorme helicóptero do exército americano. Ao lado dele estava um piloto do exército.

— Sargento! — o homem agora estava gritando com Benny. — Isso *não* foi o que conversamos.

— Vai ficar tudo bem, senhor — Benny disse a ele. — Não se preocupe.

Ainda dirigindo o mais depressa possível, Tobey e Julia passaram os ganchos

de elevação do helicóptero pelas janelas abertas do Mustang. Aí, Tobey os conectou no interior do carro.

A voz de Benny veio de novo pelo rádio.

— Agora me diz que acredita que posso voar em um helicóptero Apache — berrou ele para Tobey.

Tobey não podia acreditar no que estava ouvindo.

— *O quê?* — foi tudo o que conseguiu responder.

O Mustang e o helicóptero Super Stallion agora estavam presos juntos, enganchados pelos cabos de carga. De repente adiante, Tobey e Julia viram o Bronco vindo bem na direção deles. A colisão era iminente.

Benny, porém, ainda não os estava levantando.

— Estou falando sério — disse Benny. — Diga!

Julia gritou com Tobey.

— Diga qualquer coisa que ele queira!

Tobey concordou rápido e gritou no microfone.

— Está bem, você sabe voar em um helicóptero Apache.

— E me chame de Maverick — respondeu Benny. — Maverick.

— Está bem — berrou de volta Tobey. — Você é o Maverick, você é o Maverick.

Os dois ouviram Benny rindo pelo rádio.

— Viram, foi difícil? — perguntou ele.

O Bronco estava a segundos de colidir com eles com o Havaiano ainda grudado em sua traseira. E a beira do penhasco estava se aproximando depressa.

Julia não tinha outra opção. Ela pulou com o Mustang pela beira do precipício...

Nesse mesmo instante, os cabos do Super Stallion se esticaram, e seguraram o supercarro suspenso no ar.

Tobey e Julia não conseguiam acreditar no que estava acontecendo.

— Puta merda! — ela gritou. — Isso é muito doido!

O Havaiano Voador e seu carona assistiram sem acreditar enquanto o helicóptero tirava o Mustang do chão e o levava para longe de seu alcance.

No entanto, havia um problema. O Mustang estava pendurado praticamente de cara para a garganta abaixo. O fundo do vale estreito de repente enchia o para-brisa deles. Julia e Tobey estavam apontando direto para baixo, mesmo conforme o helicóptero começava a ganhar altitude.

E como Julia tinha pavor de altura, aquilo era seu pior pesadelo.

— Ah, meu Deus! — gritou ela de novo. — *Ah, meu Deus!*

Estava tão apavorada que prendia a respiração, o que deixava seu rosto vermelho. Ela estava surtando e tentando gritar, mas não conseguia por falta de

ar.

Tobey a agarrou pelos ombros.

— Julia... olhe para mim! — berrou ele.

Ela fez o que ele pediu, mas ainda estava com o rosto vermelho e sem respirar.

— Olhe nos meus olhos — disse a ela. — Agora... respire, Julia. *Respire!*

Julia expirou e começou a arfar, mas era um começo.

Tobey continuou a acalmá-la.

— Bom — disse ele. — Agora respire... relaxe... e se concentre nos meus olhos. De que cor eles são?

— Azuis — Julia conseguiu responder. — Eles são *muito* azuis...

— Um pouco mais azuis que os seus — disse Tobey a ela.

— Não, não são — disse ela. E por um momento breve mas louco, eles se perderam nos olhos um do outro.

Então Julia finalmente deu um grande sorriso. Estava respirando de novo. Tobey tinha conseguido acalmá-la.

Nesse instante, o helicóptero enorme deu uma guinada para a esquerda e seguiu seu rumo, com o Mustang pendurado em segurança embaixo.

TODO FÃ de carros de corrida conhecia Bonneville Flats.

A enorme área plana de deserto localizada no Noroeste de Utah era, na verdade, o fundo de um gigantesco lago seco cercado por todos os lados por montanhas de beleza fotográfica.

Foi nesse lugar que muitos carros bateram recordes de velocidade ao longo dos anos, e que muitos carros e motocicletas experimentais foram testados.

Agora, A Fera estava parada ali, com Joe Peck e Finn descansando na traseira, esperando pelo encontro marcado com o Mustang.

De repente, perceberam algo voando acima das montanhas e seguindo direto na direção deles. Ficaram olhando fixamente para aquilo por um bom tempo.

— É o nosso carro? — perguntou surpreso Finn.

— Embaixo de um helicóptero? — completou Joe.

Era o Mustang. E ele *estava* sendo carregado por um helicóptero enorme.

Eles não podiam acreditar no que estavam vendo.

— Será que eles botam alguma coisa na água por aqui? — perguntou Finn.
— Ácido mórmon ou algo assim?

O helicóptero parou no ar bem acima deles. O vento provocado pelas suas hélices levantou uma nuvem de poeira branca e sal. Mesmo assim, Joe e Finn podiam ver que, se ainda era o Mustang, seu chassi estava muito danificado.

O carro foi baixado lentamente até o chão. A parte da frente tocou primeiro, com bastante delicadeza. Depois, porém, a parte de trás bateu com força, caindo no chão como uma pilha de sucata.

O carro foi imediatamente solto dos cabos do helicóptero. De repente, as portas abriram e Tobey e Julia surgiram da máquina amassada. Joe Peck e Finn correram até eles, anda lutando contra o forte vento provocado pelo helicóptero.

— Meu Deus! — exclamou Joe Peck. — Que merda aconteceu? Vocês dois estão bem?

Eles responderam ao mesmo tempo. Tobey disse:

— Estamos.

Enquanto Julia respondeu com um sonoro:

— *Não!*

Enquanto isso, o helicóptero enorme ganhou altura, com seus cabos pendurados. Depois, de outra direção, chegou outro barulho trovejante. Ele abafava qualquer coisa jamais feita por Shelby.

De repente, dois aviões, dois caças F-16, passaram rugindo no céu. Os quatro observaram pasmos os dois jatos passarem zunindo.

— Algo me diz que eles querem o helicóptero de volta — disse Julia, olhando para os poderosos aviões de combate.

O rádio da Fera falou. Uma voz muito autoritária trovejou:

— Um Alfa Bravo Victor Charlie... aqui é o Exército dos Estados Unidos.

Depois eles ouviram a voz de Benny.

— Espero que todo mundo esteja bem aí embaixo — disse ele. — Talvez eu suma por um tempo.

Todos viram o helicóptero virar para o Leste e sumir atrás de algumas montanhas.

— Boa viagem, rapazes — ouviram Benny dizer antes que o helicóptero desaparecesse de vez.

De repente, estavam completamente sozinhos na extensa planície salgada. O vento soprava, mas todo o resto estava imóvel. Ninguém disse nada por alguns momentos. Tinha sido uma série de acontecimentos estranha, para dizer o mínimo.

Por fim, Tobey contou a eles uma versão rápida da história e depois acenou com a cabeça na direção do Mustang detonado. Ele olhou para Joe, como se quisesse dizer: “O que acha?”.

Joe riu.

— É, nós podemos botá-lo para correr de novo — disse ele. — Mas...

— Faça apenas o melhor que puder — Tobey disse a ele.

Contudo, Joe e Finn não se mexeram. — Eles precisavam ter uma conversa séria com Tobey.

— Soubemos de seu amigo cana que foi acorrentado em Nebraska — contou a ele Joe.

— E Benny vai estar numa prisão militar dentro de uns dez minutos — disse Finn.

— Além disso, agora tem mandados de prisão para você em pelo menos dez estados — completou Joe.

Tobey apenas deu de ombros.

— E o que você quer dizer com isso? — perguntou a eles?

— Talvez a gente devesse repensar o plano — sugeriu por fim Joe.

Tobey só ficou olhando para os dois amigos.

— Dino tirou tudo de mim — disse para eles. — De nós. Incluindo Pete. Pete foi enterrado, e Dino foi para a ensolarada Califórnia como se nada tivesse acontecido.

Seguiu-se um longo silêncio. O vento soprava forte na planície. Ninguém disse uma palavra.

— Vocês, caras, podem fazer o que acharem certo — Tobey disse finalmente. — Mas eu não vou parar nunca.

NO MEIO da tarde, o Mustang passou por uma placa que dizia “Bem-vindo a Nevada”.

O carro estava um caco. O chassi estava no bagaço. A carroceria tinha montes de amassados. Estava todo sujo e empoeirado, especialmente as janelas, cobertas por algum tipo de musgo gorduroso.

No entanto, ele ainda podia correr muito rápido, e naquele momento Tobey estava com o acelerador colado no chão.

Julia estava de volta ao banco do carona. Estava pensativa desde que eles haviam saído do deserto salgado.

— Em que está pensando? — perguntou ela por fim a Tobey.

— Que eu nunca devia ter feito aquele acordo com Dino — respondeu ele.

A expressão no rosto dele dizia tudo. Lidar com Dino tinha sido como fazer um trato com o diabo.

— Mas você precisava do dinheiro — disse-lhe Julia. — Não há nada de errado nisso.

— Meu pai nunca teria feito isso — respondeu sério Tobey.

Julia deixou que o comentário assentasse.

— Sua mãe ainda é viva? — ela perguntou baixinho.

— Não — respondeu ele.

— Isso é muito chato — disse ela. — Como ela era?

— Era bonita — respondeu ele saudosos. — Na verdade, antes de conhecer meu pai, ela era modelo e posava para calendários... de bom gosto. Do tipo que penduravam em oficinas e postos de gasolina antigamente. Ela podia ter ido para Nova York e trabalhar como modelo de verdade, mas em vez disso preferiu se casar e criar uma família.

— Deve ter sido uma decisão difícil para ela — disse Julia. — Acha que as coisas funcionaram como ela queria?

— Acho que sim — respondeu ele. — Quero dizer, quando eu era um garotinho mesmo, me lembro que ela estava sempre sorrindo, sempre com um grande sorriso no rosto quando eu olhava para ela. Conforme eu crescia,

continuou assim. Eu adorava dirigir na pista de kart do parque e, depois, mais tarde, nos karts de competição. Ela sempre ia lá me ver, ela e meu pai. E eu fazia o circuito dezenas de vezes, e ela estava sempre lá, nem tanto torcendo por mim, mas sorrindo sempre que eu passava.

— Ela deve ter morrido quando você era muito novo, não? — disse Julia.

— É, quando eu tinha 11 anos — respondeu baixo Tobey. — Eu era bobo demais para perceber o que estava acontecendo até ser tarde demais. Só muitas visitas médicas em horas estranhas do dia... às vezes de manhã cedo. Às vezes no meio da noite. Mas ela sempre estava lá quando eu acordava, com meu café da manhã pronto. Tudo pareceu muito estranho na época.

“Aí começaram as visitas ao hospital, de novo em horários estranhos, e depois disso ela não estava mais sempre lá para fazer meu café de manhã.

“Então, um dia, eu estava voltando para casa da escola e eu vi quando a puseram numa ambulância. E vi meu pai chorar, a primeira e única vez que vi isso. Ela segurou minha mão por um momento e nunca deixou de sorrir. Aí a ambulância partiu, com sirene, luzes piscando, a coisa toda. E eu nunca mais a vi com vida.”

Julia sentiu um nó na garganta.

— Isso é muito triste, Tobey — disse ela.

Ele só deu de ombros.

— Todo mundo tem de passar por isso um dia, não é? — disse ele. — Mas eu ainda era uma criança, e meu pai nunca mais foi o mesmo depois disso. Sinto como se nós dois tivéssemos envelhecido juntos, só nós dois, numa casa grande e vazia. Aí um dia no trabalho, ele estava embaixo de um carro, trocando uma mangueira de óleo, e teve um ataque cardíaco. Ele morreu antes da chegada da ambulância, antes mesmo que eu pudesse telefonar para a emergência. Peck estava lá quando aconteceu. Eu também nunca tinha visto Peck chorar antes daquele dia.

Julia estava quase chorando também. Ela tocou o braço dele, de leve e só por um instante.

— Eles pareciam ser pessoas boas — disse a ele. — Seu pai. Íntegro, trabalhador... Sua mãe, bonita... você a fazia feliz. Por isso ela sempre estava sorrindo.

— Ela *era* bonita — disse de novo Tobey, depois de respirar fundo. Aí olhou bem para Julia e completou: — E posso não ser o cara mais inteligente do mundo, mas reconheço uma mulher bonita quando vejo uma.

Centenas de quilômetros a Oeste, Dino e Anita estavam na Ferrari

Berlinetta 2012 dele rodando pelas ruas de São Francisco.

Dino estava ao volante e ao telefone. Ele estava ignorando Anita quase completamente.

Eles chegaram a um restaurante muito exclusivo e pararam na porta com uma freada que fez os pneus cantarem. Só então Dino desligou o celular.

— Droga! — reclamou.

— Quanto você deve a ele? — perguntou Anita. — Ou eu devo perguntar em que momento eles vão quebrar suas pernas?

Dino não deu a mínima atenção a ela, no entanto, ela resolveu pressioná-lo.

— Aqueles dois marginais que foram à oficina ontem — ela disse. — Trabalham para ele, não trabalham?

Dino só olhou para ela com olhos muito duros, mas ainda em silêncio.

— Como aconteceu? — ela perguntou. — Como você se envolveu tanto com esses mafiosos?

— Isso não é da sua conta — disse Dino. Ele estava ficando com raiva. — Só fique fora disso.

— Não vou, não — rebateu ela. — Não posso.

— Olhe, estou cuidando disso — disse ele seriamente.

Contudo, ela não desistiu.

— Por que Tobey está arriscando tudo para correr contra você? — ela perguntou. — Ele tem tanto a perder se for apanhado. Tanto a perder, mesmo se não for. Não faz sentido... a menos...

— Cuidado com o que diz — alertou-a Dino de modo sombrio.

Nesse instante, Juan, o manobrista do restaurante, tentou abrir a porta da Ferrari, mas Dino a havia trancado. Ele deu uma batidinha na janela quando outro carro parou atrás do carro esporte megacarro.

Dino abriu um pouco a janela e disse:

— Ei, Paco... se tocar nesse carro de novo, você está ferrado. Entendeu?

Depois disso, subiu outra vez a janela.

No instante seguinte, Juan, outros manobristas e alguns clientes que passavam testemunharam uma visão chocante. Havia começado uma discussão acalorada dentro da Ferrari entre Dino e Anita. De repente, Dino deu um tapa com brutalidade no rosto de Anita.

Ela ficou surpresa por um instante, como se não pudesse acreditar no que tinha acabado de acontecer. E, então, imediatamente saiu do carro, bateu a porta com força e foi andando depressa pela calçada. Dino também saiu do carro em um instante e começou a correr atrás dela.

Ele a alcançou em alguns segundos e a agarrou com força pelo braço. Tentou arrastá-la de volta para o carro, mas parou quando percebeu que uma

pequena multidão o estava observando.

— Desculpe — Dino disse da boca para fora, alto o suficiente para as pessoas ao redor ouvirem. — Não foi minha intenção.

Anita, porém, não estava caindo nessa. Ela puxou o braço para se soltar e foi embora apressada.

Naquele instante, a Ferrari de Dino arrancou cantando pneus de onde estava parada junto ao meio-fio. Juan, o manobrista, estava ao volante enquanto ela descia voando pela rua.

Dino começou a berrar com os outros manobristas.

— Ei! Digam ao Paco para trazer a porra daquele carro de volta!

No entanto, tudo o que os outros manobristas podiam fazer era dar de ombros e ver Juan fazer um drift ao virar a primeira esquina e sumir de vista, não deixando nada além da fumaça dos pneus da Ferrari cantando para trás.

□ **SOL** estava quase se pondo quando o Mustang roncava pela Bay Bridge em São Francisco.

Quando o supercarro chegou às ruas cheias de ladeiras da cidade, ele começou a ultrapassar carros de passeio e a fazer curvas fechadas com velocidade e facilidade.

A noite tinha caído quando Tobey parou em frente ao Intercontinental Hotel. Ele estacionou em uma área reservada para carga e descarga.

— Você está 23 minutos atrasado. Corra! — lembrou-o Julia.

Tobey pulou do carro e se dirigiu para a entrada.

O saguão estava bem iluminado, reluzente e lotado. Tobey caminhou por todo ele, ansioso por encontrar o quarto onde Monarch disse que ele poderia obter os detalhes da De Leon. A corrida seria realizada na manhã seguinte. Se Tobey fosse participar, apesar das condições lamentáveis do Mustang, tinha de encontrar rapidamente o quarto certo.

Com a cabeça totalmente concentrada nos números dos quartos do hotel, ele virou uma curva e esbarrou direto com Dino.

Os dois rivais pararam exatamente onde estavam, surpresos por se encontrarem daquela forma. Eles se encararam com puro ódio e desconfiança.

Naquele instante, o que Tobey mais gostaria de fazer era matar Dino de porrada.

— Estou surpreso que tenha conseguido, Marshall — Dino disse por fim, valorizando seu lado vaselina. — Na verdade, impressionado...

A situação era muito tensa. Dino podia dizer pela expressão nos olhos de Tobey que um ataque físico estava provavelmente por apenas alguns segundos.

— Então — tornou a falar. — O que está passando por essa sua cabeça, Tobey?

— Que você nunca voltou para saber o que tinha acontecido com ele — respondeu Tobey. — Que você deixou Pete lá para morrer.

Dino apenas sorriu.

— Mas eu não estava lá — disse Dino para provocá-lo. — Lembra? Mas eu

estava lá para confortar Anita no enterro do pobre do Pete e dar a ela um ombro para chorar, e muito mais depois disso. Ela é uma garota tão doce e simples. Mas você já sabe disso.

Tobey perdeu o controle. Segurou Dino e o jogou com força contra a parede.

Apesar do susto inicial, Dino logo se recuperou e sorriu para Tobey. Ele tinha os olhos de um psicopata.

— Você quer mesmo fazer isso aqui, Marshall? — perguntou ao enfurecido Tobey, olhando ao redor do hotel lotado. — Lembre-se que um de nós dois está em condicional. Mas a decisão é sua.

Tobey pensou por um longo instante. Uma briga ali ia atrair a polícia e a polícia ia levá-lo em cana. Se isso acontecesse, tudo pelo que ele havia passado nos últimos dois dias, e tudo o que ele havia planejado pelos últimos dois anos, teria sido por nada.

Então deixou que seu lado tranquilo prevalecesse e se afastou de Dino.

— Vamos resolver isso atrás do volante — disse a ele.

Dino só escarneceu dele.

— Acredite em mim. Não estou nem um pouco preocupado com você ao volante — disse.

— É mesmo? — perguntou Tobey. — Então por que botou aquela recompensa por mim?

A expressão de Dino mudou. Ele tinha sido desmascarado e sabia disso, mas continuou a provocar Tobey.

— Amanhã vai ser divertido — disse ele. — Ainda bem que vou correr. Estou muito ansioso por isso.

— Você gosta de perder, Dino? — rebateu Tobey. — Bem, vou lhe contar uma coisa. Quando você estiver capotado amanhã, não vou voltar para ver como você está.

Dino ficou muito sério.

— Cuidado, Tobey — disse ele. — Não estou de brincadeira.

— Até amanhã, seu covarde de merda — disse Tobey.

Dino deu um sorriso arrogante.

— Eu não estaria tão convencido disso — disse ele.

Com isso, Dino recuou lentamente pelo corredor, com Tobey observando todos os seus movimentos, até finalmente sumir de vista.

Alguns minutos depois, Tobey entrou de volta no Mustang.

Ele estava furioso. Saiu do hotel cantando pneus e levantando uma nuvem

de poeira.

Julia acertou exatamente o que havia acontecido.

— Encontrou com ele, não foi? — ela perguntou. — Aquele monstro, o Dino.

Tobey não respondeu. Não era preciso.

— Escute — ela continuou. — Esquece o cara. Deixe pra lá.

— Isso não vai ser fácil — respondeu Tobey.

— Conseguiu a informação de que precisava sobre a corrida? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Consegui... apesar de estar atrasado.

— Então você só precisa sair deste carro — ela disse. — Tomar um banho quente, fazer uma boa refeição e descansar um pouco. — Ela pegou o iPad. — Vou reservar um bom quarto de hotel e...

Tobey, de repente, a interrompeu.

— Você devia ficar comigo — disse ele.

Houve uma pausa longa. Pela primeira vez na viagem Julia ficou realmente sem palavras.

— Vai ser mais seguro assim — completou ele.

Ela olhou para ele e sorriu.

E Tobey sorriu de volta.

Então, de repente... *Bam!*

No instante seguinte, tudo no interior do Mustang estava de cabeça para baixo, girando em uma torturante câmera lenta. Os *airbags* do carro inflaram e Julia recebeu uma pancada forte do localizado na porta do carona. Tobey foi jogado violentamente de lado e bateu a cabeça com força na janela do motorista. O Mustang não só tinha saído do chão, estava girando em pleno ar. Aquilo parecia estar durando uma eternidade, mas por fim ele caiu com força no chão com as rodas para cima.

Eles tinham sido abalroados por um caminhão grande. O caminhão, agora, tinha parado. Dentro dele estava Big Al, o principal capanga de Dino. Ele admirou seu trabalho e depois partiu depressa por uma rua lateral.

Tobey recuperou a consciência e se viu de cabeça para baixo. Olhou para Julia e sentiu um aperto no peito. Ela estava seriamente ferida.

Ele estendeu a mão e conseguiu pegar o iPad. Ele chamou a Fera.

— Bateram na gente — mal conseguiu dizer. — Venham para cá, agora.

— Já estamos indo — respondeu com urgência Joe Peck.

Tobey soltou o cinto de segurança e caiu no teto. Nesse momento Julia abriu os olhos.

— Você está bem? — perguntou Tobey.

— Saia — disse ela sem forças para ele. — Saia antes que a polícia chegue.

Tobey chutou e abriu sua porta, saiu do carro e desapareceu. Julia gemia baixinho, vacilante à beira da inconsciência.

De repente, sua porta se abriu. Uma mão apareceu, soltou seu cinto de segurança e a tirou do carro.

Era Tobey.

Ele a levou para o meio da rua, deixando a carnificina da batida para trás.

A Fera apareceu correndo segundos depois e parou junto deles. Finn saltou imediatamente e, com a ajuda de Tobey, botou Julia com cuidado no banco traseiro da caminhonete.

Tiveram sorte de encontrar rapidamente um hospital.

A Fera freou bruscamente na entrada da emergência, e Finn saltou. Ele agarrou uma pessoa da equipe da enfermagem que estava voltando de um descanso. Finn encontrou uma maca e Tobey carregou Julia e a botou deitada sobre ela, com a ajuda de uma enfermeira.

— Finn, por favor, fique com ela — disse Tobey.

— Qual o nome dela? — perguntou a enfermeira. — Ela chegou a perder a consciência?

— Ela se cama Julia — respondeu Tobey — E ela nunca perde a consciência. — Nunca. Pode acreditar em mim. Cuide bem dela.

Julia deu um sorriso fraco e segurou as lágrimas. Tobey observou Finn e a enfermeira a empurrarem para o interior do hospital.

Então ele voltou para a noite.

Agora era para valer.

A BAY Bridge estava toda iluminada como sempre, e seu reflexo reluzia nas águas da baía de São Francisco.

Tobey estava apoiado na mureta da ponte, olhando para as águas turbulentas abaixo. A Fera estava estacionada ali perto, com o motor ligado em ponto morto. Joe Peck estava lá dentro, esperando pacientemente.

Um táxi parou ao lado dele. Anita saltou.

Joe observou em silêncio enquanto ela andava em sua direção. Ele apenas sacudiu a cabeça e murmurou:

— Tobey, parceiro, às vezes eu acho que você quer morrer, meu.

Anita e Tobey se cumprimentaram quase em silêncio. Ela se debruçou sobre a mureta como ele. A maquiagem pesada cobria o olho roxo recém-adquirido.

— Você deve estar exausto depois de tudo pelo que passou — disse ela.

— Eu estou bem — respondeu ele.

— Sei que provavelmente também pareço cansada — ela disse.

Tobey deu um sorriso sem jeito, e ela também. Ele ia dizer uma coisa sobre seu olho roxo, mas ela o interrompeu.

— Como está a galera? — perguntou ela em vez disso. — Ainda sinto saudade deles.

— Bem, Benny está em cana — Tobey contou a ela. E Julia está no hospital.

— Sinto muito mesmo, Tobey.

Eles se olharam nos olhos.

— Por que você simplesmente não o largou? — Tobey perguntou a ela. — Ele é um cara muito do mal.

— Eu sei — ela disse. — Então ergueu o anel de noivado. — E acabei de fazer isso — acrescentou.

Anita viu a tatuagem de Tobey. Ela pegou a mão dele e a virou para poder ver com clareza.

Pete...

— Eu agora sei que Dino estava lá na noite em que meu irmão morreu — disse Anita após uma pausa.

— É, estava mesmo — respondeu Tobey balançando a cabeça.

— Eu queria poder lhe devolver esses anos, Tobey — disse Anita. — O tempo que você passou na prisão.

Ela se aproximou dele, mas ele deu um passo para trás.

— Não quero os anos de volta — disse a ela. — Só quero um momento de volta. Só a porra de um momento...

— Não é sua culpa — disse a ele Anita. — Nada teria impedido Pete de entrar naquele carro. Nada...

Tobey só sacudiu a cabeça.

— Dino... — disse ele com amargura. — Dino podia ter mantido a disputa só entre nós dois.

— Ele é o rei das armações — disse Anita. — Tudo foi um grande golpe, que começou com o Mustang, depois ele foi armando cada vez mais, mexendo um carro para cá, outro para lá. Mas o esquema deu errado, e agora ele está quebrado. Está devendo muita grana para muita gente. Gente perigosa. Está desesperado. Ele precisa vencer a De Leon ou vai perder tudo.

— Eu perdi você, minha mãe, meu pai, Pete, a oficina... — disse Tobey. — Eu perdi tudo.

— Mas Dino está disposto a morrer — disse Anita seriamente.

— E eu também — disse Tobey.

Anita o estudou de perto. Ela não tinha dúvida de que ele estava falando sério.

— Preciso de um carro — disse ele abertamente a ela. — O Mustang está arruinado.

Anita pensou por um instante. Então começou a mexer na bolsa. Finalmente encontrou um cartão de visitas e o entregou a Tobey.

— É um depósito — disse a ele. — Essa é a combinação da fechadura. Nunca entrei lá, mas sei que Dino guarda alguns carros lá dentro.

Tobey estudou os números da combinação no cartão.

— Mas, por favor, Tobey — ela o alertou. — Não se aproxime demais dele. Ele é capaz de qualquer coisa.

Tobey deu um sorriso sombrio.

— Eu também — disse ele.

ERA TARDE da noite.

O ferro-velho estava escuro, cheio de sombras e, com sorte, deserto.

Tobey e Joe Peck seguiram pelo lugar na Fera. Os dois estavam extremamente alertas.

— Nossa, como isso parece uma armação — disse Joe agourento.

Tobey não respondeu.

À frente viram um barracão sujo com uma pilha de carros amassados protegendo sua porta de ferro de enrolar. Eles pararam a Fera e desceram.

A lanterna de Joe encontrou o cadeado do depósito. Tobey imediatamente marcou os números da combinação que havia no cartão de visita. A tranca se abriu na primeira tentativa.

Ele subiu a porta, e a luz da lanterna revelou o que havia no interior: três carros ocultos por mantas. Tobey e Joe moveram algumas peças velhas e caixas da frente do primeiro. Subiu muita poeira quando tiraram sua cobertura. Embaixo dela havia uma Ferrari Dino 1975.

Os dois ficaram chapados. Era um carro fantástico e extremamente caro.

Joe Peck exclamou:

— Uau! Dino tem uma Dino...

Mas Tobey já tinha seguido para o segundo carro. Ele puxou sua cobertura. Embaixo havia um Porsche novinho.

— É um gt-911 — exclamou Tobey. — Também vale muita grana.

Eles chegaram aonde estava o terceiro carro. Os dois puxaram a cobertura juntos.

Embaixo havia um Koenigsegg.

Tobey e Joe congelaram onde estavam. Para eles, foi como ver um fantasma.

— Droga — Joe disse entre dentes. — Será que esse pode ser o carro?

Tobey se ajoelhou e passou as mãos sobre alguns arranhões no para-choque dianteiro. Eles se encaixavam perfeitamente com arranhões que haveria se aquele carro tivesse empurrado outro para fora da estrada. Naquele instante,

Tobey se convenceu. Aquele era o carro que provocara a morte de seu amigo.

Vê-lo e saber disso foi uma sensação maravilhosa para Tobey e Joe.

— Por que ele simplesmente não o destruiu? — perguntou Joe Peck? — Não o cortou em pedaços? Fez qualquer coisa com ele. A prova toda está bem aqui.

Tobey sacudiu a cabeça. Ele não tinha ideia.

— Talvez porque seja difícil queimar 2 milhões de dólares? — perguntou. — Ou talvez ele tenha achado que nunca seria pego.

Joe deu um sorriso sombrio.

— Bem — disse ele. — Ele se enganou desta vez.

Alguns minutos depois, o silêncio do ferro-velho foi rompido pelo ronco de um carro capaz de correr a mais de 350 km/h sendo ligado. Parecia um leão, alertando a todos que o ouvissem para que não se aproximassem.

A Fera começou a arrastar a pilha de carros amassados que estava bloqueando a porta do barracão. Eles se moveram como se fossem brinquedos ao abrirem caminho entre as carcaças.

De repente, o Koenigsegg saiu para a noite com Tobey ao volante.

Pisou no acelerador de leve algumas vezes, e então sumiu roncando noite adentro.

Alguns minutos depois, Tobey estava correndo pelas ruas de São Francisco dentro de um carro esporte Koenigsegg potente e caríssimo.

Roletou zunindo por um sinal vermelho sem nem perceber. Seus pensamentos estavam a milhões de quilômetros de distância. Apenas três dias antes, ele estava na prisão, cumprindo as últimas horas da pena por matar um de seus melhores amigos, um crime que ele não havia cometido. Agora ele estava ao volante do mesmo carro que o verdadeiro assassino tinha usado para acabar com a vida de Little Pete. E, com ele, pretendia dar uma lição no verdadeiro assassino, ou morrer tentando fazer isso.

E então, viu a luz vermelha ainda brilhando no seu retrovisor e imediatamente reduziu a velocidade. Não era boa ideia ser parado pelos tiras àquela altura da situação. Isso ia jogar direto no lixo todos os seus planos.

Ele ficou mentalmente alerta e começou a se concentrar no que estava fazendo, e no que tinha de ser feito.

Alguns minutos depois, parou no estacionamento do hospital. Ao descer do

Koenigsegg, cobriu a cabeça com o capuz de seu agasalho e entrou por uma porta lateral.

Logo achou o corredor certo e viu Finn parado ao lado da porta de um dos quartos. Finn levou o dedo aos lábios, dizendo em silêncio a Tobey para ficar quieto. Os dois amigos trocaram um grande abraço, e então Tobey entrou no quarto de Julia.

Ela estava deitada na cama, conectada a um monte de tubos, fios e monitores.

Estava dormindo, mas assim que Tobey se aproximou de sua cama, ela abriu os olhos.

— Como está se sentindo? — perguntou a ela baixinho.

— Arrasada — respondeu. — Mas estou bem.

— Você não é a garota que eu achei que fosse — disse com sinceridade Tobey.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Você descobre muito sobre uma pessoa depois que um caminhão passa por cima dela — disse Julia.

Tobey sorriu, e ela fechou os olhos.

— O que você vai fazer amanhã? — ela perguntou, sonolenta.

— Vou aparecer na hora — respondeu ele. — Pronto para a largada.

— Mas você não tem como participar da De Leon — ela disse. — Com que carro?

— Arranjei um carro — disse Tobey, de modo misterioso.

— E eu não quero saber onde você o conseguiu, certo? — ela perguntou.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não quer, não.

— Ele pelo menos é rápido? — ela perguntou.

— Rápido o bastante — respondeu ele.

Julia sorriu, mas estava mesmo quase apagando.

— Vou deixar você dormir — disse Tobey.

— Não quero dormir — ela respondeu. — Não enquanto você estiver aqui. Eu acabei de passar 48 horas direto tentando fazer você falar por que você é... você é...

Contudo, ela estava perdendo a consciência rapidamente e não conseguia dizer as palavras.

— Sou o quê? — de repente, Tobey ficou curioso.

Entretanto, ela pareceu ter pegado no sono de novo. Tobey se afastou em silêncio da cama.

— Você é todo durão e não fala nada... — ela disse por fim, apesar de mais

dormindo que desperta.

Ela sorriu, com os olhos ainda fechados. Tobey se aproximou de novo da cama e se debruçou sobre ela. Julia abriu os olhos.

— Que tal você ficar um tempo sendo a durona e não falar nada para variar? — disse ele.

E então a beijou.

— Descanse, está bem? — disse a ela.

— Está bem — respondeu.

Tobey seguiu para a porta, mas então a ouviu sussurrar.

— Tobey? — ela disse.

Ele virou-se para ela mais uma vez.

— O quê? — disse ele.

Ela pensou por um instante e disse:

— Faça pelo Pete.

ERA DE manhã cedo, e em algum ponto das montanhas de Mendocino havia sido montada uma linha de largada.

Umas trinta e poucas pessoas estavam reunidas ali, um clube exclusivo, cada uma delas convidada pessoalmente por Monarch. Todos tinham jurado segredo, era assim que a De Leon funcionava. O evento mais excitante de corrida de rua do mundo tinha mais medidas de segurança do que uma operação secreta da cia.

Além da pequena multidão, havia cerca de uns doze membros de equipe, entre eles a turma de apoio de Dino. Big Al também estava lá, com seu caminhão. Uma grande proteção de couro cobria a enorme grade dianteira cromada, que havia passado por algum pequeno acidente frontal recente, mas era importante que a marca desse fato ficasse escondida.

O próprio Monarch estava observando toda essa movimentação. O mestre misterioso ainda estava abrigado em seu estúdio, cuja locação era tão secreta quanto a da própria De Leon. Ele tinha uma grande parede de monitores de vídeos a sua frente. Eles exibiam imagens de dúzias de câmeras que ele havia espalhado ao longo do percurso da prova.

Aquele era seu brinquedo favorito, e ele fazia questão que todos soubessem disso. Os que estavam na área mais próxima o escutavam através de um sistema de som instalado na largada. Havia mais milhares por todo o país e pelo mundo ligados também. A voz dele parecia maior, tanto pelo orgulho quanto pelo volume toda vez que ele falava.

— Esta é de longe a melhor De Leon que já organizei — ele se orgulhava no ar. — Esta é meu *David*, a minha *Pietà*, minha *Soup Can*, minha *Capela Sistina*.

Aí ouviu-se um ribombar súbito. Para os desinformados, foi um barulho assustador, muito parecido com o de um terremoto pouco antes de o chão se abrir. Afinal, Mendocino ficava bem em cima da falha de San Andreas. Aquele ronco, porém, tinha uma origem mais mecânica. Era o som de cinco supercarros chegando à linha de largada da De Leon.

Estavam seguindo em fila. O primeiro era um Saleen S7 Turbo pilotado por

um cara chamado Gooch. Construído à mão e feito principalmente de fibra de carbono, tinha um motor 7.0 que produzia 800 cavalos ou mais. Ele também vinha equipado com muitas entradas de ar, *spoilers* e outros truques de design, tudo para torná-lo o mais aerodinâmico possível.

Em seguida vinha o McLaren F-1. Pilotado por Texas Mike, cinza escuro e com aspecto sinistro, na verdade era um carro de linha, não um fora de série. No entanto, também era incrivelmente leve e rápido, o que não era surpresa, pois tinha um motor 6.1 de 12 cilindros turbinado. Como um caça a jato, tinha um *spoiler* traseiro como um *aileron* que se movia automaticamente de acordo com a velocidade.

Depois vinha o Bugatti Veyron pilotado pelo cavalheiro da prova, um cara chamado English Paul. O Veyron parecia o resultado de um Volkswagen que havia transado com alguma coisa saída do filme *Tron*. Tinha curvas onde outros modelos eram quadrados. Com suas rodas de bronze extremamente polido recortado, e a carroceria lapidada como um diamante, talvez fosse o carro mais glamoroso da corrida.

Atrás do Bugatti vinha o gta Spano. Pilotado por um cara chamado Johnny V, era o carro perfeito para a De Leon porque se sabia pouquíssimo sobre ele. Tinha sido construído na Espanha e seus criadores mantiveram sua existência em segredo absoluto de todo o mundo das corridas até 2008, e mesmo depois disso eles mostraram pouca coisa. Tinha um motor V- 10 de 820 cavalos e uma carroceria de fibra de carbono, titânio... e Kevlar, o mesmo material usado em coletes à prova de balas. Além disso, era um mistério.

Aí vinha o Lamborghini Elemento de Dino.

Era um carro muito especial... motor V- 10, formas italianas sensuais, com menos de 1.000 quilos, era especial entre os poucos construídos. No entanto, um carro especial não significava necessariamente um piloto especial. No caso, era exatamente o contrário. Dino podia ser um astro no *drive-in* de Mount Kisco, mas ali, no coração do universo das corridas de rua, era considerado um babaca por boa parte do público. Sua reputação por bater em concorrentes sob bandeira amarela na Indy o precedia. O automobilismo era um esporte brutal e às vezes impiedoso, mas tirar um adversário da pista sob bandeira amarela era algo muito malvisto. Nem o fato de ter vencido a De Leon no ano anterior contava muito entre o público. Como prova, quando chegou, algumas vaias foram ouvidas acima do barulho do motor de seu Elemento.

Os supercarros começaram a manobrar para suas posições designadas na linha de largada. À frente deles se estendia um percurso cheio de curvas pela montanha que ia exigir uma combinação de várias habilidades para ser vencido. Velocidade, é claro, seria o principal fator. Contudo, técnica, paciência e,

principalmente, coragem, também eram necessárias. Aquele não era um circuito fechado... como em todas as corridas de rua, provavelmente iam encontrar veículos civis pelo caminho. Muito provavelmente, um ou outro carro de polícia também ia aparecer.

— Nosso grid está formado! — berrou Monarch. — Na primeira fila, temos English Paul, no Bugatti Veyron, e Dino Brewster, no seu Lamborghini Elemento. Na fila dois, Gooch, no seu Saleen S7, e Texas Mike, no seu McLaren F1. Na fila 3, e sozinho, Johnny V e seu gta Spano. Estamos vendo carros e potência no valor de 7 milhões de dólares aqui, pessoal! O vencedor leva tudo... e os perdedores voltam para casa a pé.

O sol continuava a se erguer. O ar esquentava. A corrida estava prestes a começar... mas Tobey não estava lá.

Monarch tinha percebido.

— Não há sinal de Tobey Marshall — disse ele a seus ouvintes um minuto antes. — Talvez esta corrida não seja o dramalhão que esperávamos.

Sentado em seu Lamborghini, Dino deu um sorriso maldoso ao ouvir isso.

— Otário — pensou em voz alta.

Contudo, Tobey estava a caminho.

Nesse instante, estava voando montanha acima no Koenigsegg, queimando o asfalto daquelas estradas que se elevavam rapidamente. Quando pôde ser ouvido, sua presença foi logo identificada.

— Esperem aí — disse Monarch a seus ouvintes. — Será que estou ouvindo um sexto carro se aproximando? Não consigo bem ver quem é, mas... esperem aí...

Quando Monarch percebeu quem era, sua voz subiu um tom em volume e excitação.

— Minha gente! — anunciou. — Tobey Marshall acabou de chegar. E está pilotando um Koenigsegg Agera! Mas esperem aí, minhas crianças... raciocinem comigo... onde está o Mustang Shelby? Ou será que isso faz alguma diferença?

Tobey seguiu para a linha de largada e deixou que a multidão se fascinasse com ele. Sabia que não importava nem para Monarch nem para ninguém que ele estivesse ali num Koenigsegg e não no Shelby. Muito pelo contrário. Isso só melhorava a trama, o dramalhão, que era o que empolgava Monarch e seus fãs.

Entretanto, quando Dino viu o Koenigsegg, um dramalhão foi a última coisa que passou por sua cabeça. Ele quase se borrou todo no seu assento macio de couro Gallardo feito à mão. Tobey estava dirigindo o carro que ele devia ter queimado muito tempo atrás. Dino sabia que agora tinha sido mesmo pego, e

que só havia uma pessoa que podia havê-lo traído: Anita.

Ele, na verdade, pensou em voz alta.

— Na verdade mandei Big Al bater na pessoa errada.

Tobey levou o Koenigsegg para sua posição no grid, na última fila, ao lado do gta Spano. Ele olhou para a tatuagem “Pete 392” no braço e se sentiu tomado por uma espécie de tranquilidade. Por fim, toda a mentira havia acabado. Tudo o que ele fizera nos dois últimos anos, e nos dois últimos dias, tinha levado àquele momento. Apesar de todas as dificuldades, da polícia, de Dino, apesar de tudo, ali estava ele, pronto para correr.

Aquele momento era tudo o que importava. Por sua mãe. Por seu pai. Por Julia. E principalmente por Pete. Ele deu dois tapinhas na tatuagem para dar sorte e sussurrou:

— É hoje ou nunca, até a morte, irmãozinho... Esta é por você...

Aí soaram as palavras pelas quais todos estavam esperando.

— Chegou a hora, senhoras e senhores... — berrou Monarch.

Um grid de largada portátil de *dragsters* tinha sido levado até a linha de largada. Havia três luzes amarelas e uma verde. Os pilotos agora aceleravam os motores até o máximo giro... foi o barulho mais alto até então.

De repente, as luzes caíram do suporte e a luz verde explodiu numa nuvem de fumaça.

Os seis carros partiram roncando da linha de largada.

Por um instante, o Bugatti ocupou o primeiro lugar, com os outros cinco carros atrás. Contudo, a corrida quase terminou antes de começar. Os seis supercarros chegaram muito perto de um grande engavetamento na entrada da primeira curva, que era uma forte descida para a direita. Amontoados juntos, porta a porta, para-choques nas traseiras, todos entraram na curva como se estivessem correndo sobre trilhos.

Monarch assistia a tudo atentamente em seus monitores de vídeo e começou a gritar como se fosse o locutor oficial das 500 milhas de Indianápolis.

— English Paul em seu Bugatti assumiu a ponta! — gritou no microfone. — Com Dino Brewster colado atrás em segundo. Em seguida vêm o Saleen de Gooch, o McLaren de Texas Mike e Johnny V no Spano. Fechando o grupo está o velho Tobey Marshall. Se o garoto de Mount Kisco tem planos de vencer essa corrida, é melhor ele começar logo a botar esse rabo dele pra correr!

Já a mais de 190 km/h, os carros estavam tão próximos que alguns retrovisores se tocavam. O barulho, as chamas, a fumaça, era tudo de alucinar. Zunindo pela estrada, Tobey trocava de marcha como um louco, e seu velocímetro subia a cada segundo... 200... 250... 280... Por mais que gostasse do Mustang Shelby, o Koenigsegg era assustadoramente potente. A onda de

adrenalina era incrível.

Conforme a estrada à sua frente subia, Tobey se concentrou e começou a pensar em sua estratégia. Estudou o competidor mais próximo: o gta Spano, que estava à direita e apenas poucos centímetros à frente. A corrida ainda estava só começando, mas ele resolveu agir. Acelerou e jogou para a direita do Spano. A manobra repentina assustou Johnny V. Ele reagiu exageradamente e abriu demais para a direita, saindo com duas rodas da pista.

Monarch viu a manobra e ficou muito empolgado.

— Tobey Marshall e Johnny V já estão lutando pela quinta posição! — gritou ele. — Tobey está tirando tinta do Spano, e espere, Johnny V saiu da estrada!

Tobey viu o gta derrapar de lado atrás dele. Ele não teve tempo para pensar nisso. Ele só acelerou de novo.

— Tudo bem, Johnny V está de volta! — narrou Monarch. — Mas Tobey já subiu uma posição e está em quinto lugar.

Os pilotos agora estavam subindo uma colina, cada um deles com o pedal colado no fundo, todos à espera e sem saber como era a estrada à frente.

Contudo, de repente, apareceu um helicóptero da polícia acima do percurso da corrida. Ele saiu das árvores e estava acima dos supercarros que se aproximavam do alto da colina.

Monarch ficou empolgadíssimo.

— Policiais voadores! — gritou ele. — Como moscas na minha armadilha, minhas crianças. — A Polícia Rodoviária da Califórnia está no ar sobre o circuito!

O helicóptero da polícia era um Bell 412, uma máquina ágil e potente. De bico para baixo, estava voando a toda velocidade a menos de 10 metros do solo. Era quase como se estivesse sinalizando para os pilotos que eles tinham sido descobertos.

Monarch pegou um peso de papel e o jogou com força contra a parede de seu estúdio.

— Alguém caguetou! — gritou ele. — Alguém abriu o bico pros canas! Deviam achar que estavam fazendo algum bem, mas ouçam o que eu digo, se a polícia se misturar nessa corrida, as pessoas vão *acabar se machucando*!

Não havia nada que os pilotos pudessem fazer em relação ao helicóptero além de seguir em frente. Eles continuaram correndo abaixo do helicóptero numa fila sinuosa, e atravessaram a crista da montanha a uma velocidade absurda.

Contudo, o helicóptero imediatamente subiu, fez uma curva suave de 180 graus e partiu atrás dos carros.

Monarch ainda estava extremamente puto.

— Pilotos deviam correr — berrava ao microfone. — E canas deviam comer rosquinhas. Isso acabou de virar uma corrida mortal!

Sem o gta Spano ao seu lado, Tobey conseguiu pegar o meio da estrada. Ele agora estava bem atrás do McLaren e do Saleen S7.

Entretanto, assim que se posicionou atrás deles, duas viaturas policiais apareceram à frente. Viajavam lado a lado, com as luzes acesas e as sirenes uivando, vindo no sentido oposto, bem na direção dos pilotos.

Tobey sabia que aquela era mais que uma corrida normal para ele. Dentre todos, era quem tinha mais a perder se os tiras parassem a De Leon e prendessem os pilotos.

Com isso em mente, ele ficou concentrado como nunca antes. Era quase como se tivesse começado a ver as coisas alguns segundos adiante do tempo. O McLaren e o Saleen estavam à sua frente. Quando sentiu que o McLaren podia abrir para preparar a entrada da curva seguinte, Tobey viu outra oportunidade para fazer mais uma ultrapassagem. Ele pisou no freio na entrada da curva e começou a fazer um drift violento entre o McLaren e o Saleen S7. O objeto de seu desejo era um espaço bem entre eles.

Monarch viu a manobra corajosa e aprovou.

— Tobey Marshall está tentando uma ultrapassagem arriscada! — gritou. — Quer entrar entre o McLaren e o Saleen... Uau... Corajoso!

Tobey conseguiu com sucesso se espremer entre o McLaren e o Saleen. Contudo, não queria ficar ali muito tempo. Chegaram a uma curva ainda ensanduichados, mas na hora de virar, Tobey pisou no acelerador um segundo antes de Texas Mike, e de repente o McLaren tinha ficado para trás. Tobey agora era o quarto colocado. Simples assim.

— Encontraram as bolas do Marshall! — gritou Monarch. — E que colhões!

Tobey também gostou de sua manobra. O Saleen estava bem à sua frente, com o McLaren logo atrás. No entanto, as duas viaturas policiais ainda estavam seguindo bem na direção dos pilotos, com uma velocidade convergente de mais de 400 km/h. E ninguém ia abrir mão de sua posição.

De repente, a corrida se transformou num enorme jogo de coragem, com os seis supercarros vindo de uma direção, e as duas rápidas viaturas vindo da outra, vendo quem seria o primeiro a desistir e desviar.

Por sorte, os canas arregaram primeiro.

No último instante, as duas viaturas pisaram nos freios e jogaram os carros para fora da pista. Nuvens de fumaça de borracha queimada encheram o ar conforme eles rabeavam pelo acostamento de terra.

Os supercarros passaram por eles como seis tiros, mas os policiais não estavam fora do jogo. Os dois fizeram a volta com seus carros, retornaram para a estrada e, com as sirenes ainda gritando, deram início a uma perseguição.

Pouco à frente na estrada, um carro de passeio viajava sem desconfiar de nada na direção contrária à da corrida. Seguiam em sua direção na velocidade da luz o Bugatti e o Lamborghini de Dino. Dino estava fazendo um draft para cima de English Paul tentando encontrar o momento exato para os dois ultrapassarem o carro de passeio. Essa indecisão, porém, lhe custou caro. Quando abriu para passar o Bugatti, já era tarde demais. English Paul emparelhou, passou por ele e fechou a porta para Dino. Ele socou o volante e foi forçado a voltar para o segundo lugar.

Então, entrou em jogo mais interferência da polícia. O helicóptero reapareceu, dessa vez fazendo rasantes bem perto dos tetos dos carros antes de seguir bem à frente no percurso. Quando estava cerca de um quilômetro à frente deles, de repente parou e ficou planando no ar. Aí o piloto baixou bastante a aeronave e fez uma espécie de manobra de caranguejo, voando de lado a pouco mais de um metro do chão, basicamente bloqueando a estrada.

Os tiras estão fazendo de tudo para acabar com minha corrida! — berrou Monarch no microfone. — Tirem esse helicóptero daí! Vai morrer gente. Tomara que English Paul não recue.

O Bugatti foi o primeiro piloto a se deparar como helicóptero, mas ele não demonstrou sinais de reduzir. Se fez alguma coisa, foi ir ainda mais rápido. O piloto do helicóptero viu isso e entrou em pânico. Ele puxou seus controles e subiu pouco mais de um metro segundos antes de provocar uma colisão devastadora.

O Bugatti passou pelo espaço mínimo que havia sob os trenós de aterrissagem do helicóptero. Em ordem e rapidamente, os outros pilotos também passaram zunindo e em segurança sob o helicóptero.

Contudo, a manobra de caranguejo da aeronave tinha sido apenas uma tática para retardá-los, um truque para enganar os pilotos, pois adiante havia outra viatura à espera. O policial que a comandava estava se preparando para colocar uma tira perfuradora de pneus bloqueadora de fugas na estrada. Qualquer pneu que a atingisse explodiria no ato. Como os pilotos estavam andando praticamente colados e naquele ponto a mais de 240 km/h, um estouro desses provocaria um engavetamento catastrófico.

O policial estendeu o bloqueador de fugas sobre o asfalto mesmo assim, bem quando o Bugatti estava se aproximando. Outra vez, porém, English Paul

mostrou ser um verdadeiro profissional. Percebeu uma passagem estreita entre os perfuradores de pneu e o policial que os instalara e, com habilidade, seguiu para aquele ponto e passou pela abertura minúscula e quase matou o policial de susto.

O resto dos carros seguiu o Bugatti em fila e também evitou o bloqueador de fugas. Outra tática policial tinha sido evitada.

Durante o tempo todo, Tobey conseguiu se manter firme e segurou o quarto lugar. A área rural de Mendocino agora passava por ele como um borrão enquanto ele corria a quase 260 km/h, sem tirar o pé. Ele torcia para que os tiras vissem a inutilidade de seus esforços e simplesmente desistissem.

Entretanto, eles não estavam com tanta sorte.

Primeiro uma, depois duas viaturas policiais seguindo lentamente surgiram naquele momento na estrada, de novo seguindo na direção deles. Vinham ziguezagueando para a frente e para trás, numa manobra de bloqueio que a polícia chamava de *rolling road block*. Todos os pilotos os viram e souberam que calcular o momento de passar por eles seria crucial para evitar outro desastre em potencial.

O Bugatti chegou a eles em segundos. Em outra demonstração de habilidade fantástica ao volante, English Paul passou perfeitamente entre os dois carros de polícia que seguiam em ziguezague. Dino passou bem atrás dele, imitando a manobra do Bugatti, mas, ao fazer isso, passou muito perto de tocar as duas viaturas.

O Saleen S7 passou em seguida como um foguete. Gooch fez com habilidade a volta no segundo carro da polícia num drift sensacional que fez os pneus cantarem alto. No entanto, a manobra pôs o Saleen bem na rota da segunda viatura, que agora estava bloqueando seu caminho.

Sem saída, Gooch não teve outra opção. Botou o bico por baixo do para-lama do segundo carro policial e levantou a viatura como se ela estivesse decolando de uma pista de salto de esqui. O carro policial voou, girou no ar e bateu com força no chão. Ele deslizou de lado por uma boa distância até parar em meio a muita poeira e fumaça, com os policiais em seu interior completamente atônitos.

O Saleen, porém, tinha recebido um golpe fatal. Ele capotou e foi se arrastando em meio a fagulhas e fumaça até parar.

Monarch se levantou de sua poltrona.

— O Gooch foi eliminado! — gritou. — Ele está completamente acabado! O Saleen está fora graças à interferência da polícia!

Por sorte, Tobey viu tudo, mais uma vez como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Observou English Paul começar sua manobra e como Dino o

seguiu. E depois sobrou para Gooch. Ele foi atingido, fez o possível com coragem, mas encerrou bruscamente sua corrida. Tobey passou pelo Saleen acidentado segundos depois de o acidente ter acontecido, mas conseguiu passar voando pelo caos, atravessando a nuvem de fumaça deixada pela morte de Gooch.

Quando conseguiu tornar a enxergar a luz do dia, Tobey estava no terceiro lugar.

— English Paul ainda está em primeiro — anunciou Monarch. — Dino ainda está em segundo, mas Tobey Marshall está na terceira posição. Estamos só com cinco carros, pessoal!

Monarch não estava seguindo a ação apenas em seus monitores de vídeo. Ele também estava hackeando a comunicação da polícia enquanto ela tentava acabar com a corrida. A maior parte do que ele ouvia era papo típico de canas, localizações e situações, com algumas reclamações por nenhuma de suas táticas ainda terem funcionado. Então ele ouviu algo que o congelou até os ossos. Em meio à estática e o falatório, alguém disse três palavras: “Uso de força letal autorizado”.

Monarch pensou consigo mesmo: *Será que vão começar a atirar em nós?*

Os pilotos deixaram as montanhas sinuosas da costa de Mendocino e entraram na famosa floresta de sequoias.

Estavam grudados de novo. Para-choque contra para-choque. Havia apenas um segundo entre o Bugatti na primeira posição e o gta em último.

O helicóptero da polícia ainda estava acima deles, mas seus pilotos não podiam mais ver os supercarros por causa da folhagem densa das árvores gigantescas, mas isso não significava que os corredores teriam um caminho tranquilo.

Muito pelo contrário.

Tobey corria como um foguete pela floresta, ainda em terceiro, grudado na traseira de Dino. De repente, ele viu um ônibus na pista bem à frente. No mesmo instante, uma carreta madeireira totalmente carregada apareceu, vindo na direção dos pilotos.

O motorista da carreta viu o pequeno grupo de carros se aproximando a 240 km/h e buzinou, mas era tarde demais. Ele abriu pouco mais de um metro na lateral da pista... e foi o suficiente para English Paul, Dino e Tobey passarem zunindo. Os caminhos da McLaren, do ônibus e da carreta se cruzaram.

Os retrovisores laterais da McLaren estilhaçaram em explosões gêmeas de vidro e fibra de carbono, de tão perto que Texas Mike escapou de atingir o

ônibus e a carreta. A manobra pareceu durar uma eternidade para ele, mas depois viu a luz do dia e uma longa reta a sua frente, soube que tinha escapado em segurança.

O motorista da carreta não teve a mesma sorte. Seu semirreboque atravessou na pista, tombou e derrubou a carga de árvores recém-cortadas. Troncos enormes quicaram e rolaram pela estrada. Um deles atingiu de lado o gta Spano de Johnny V e o fez perder a direção.

Então, no pior momento possível, outro carro da polícia surgiu no circuito da corrida. Ele vinha seguindo atrás do caminhão madeireiro, e logo depois de o motorista do caminhão derrapar, a viatura bateu de frente com o gta Spano.

Monarch ficou lívido.

— O Spano acabou de bater de frente num carro da polícia! — berrou ele no microfone. — Nossos pensamentos e nossas orações estão com você, Johnny V! O prêmio do vencedor está ficando menor, porque sobraram apenas quatro carros!

Os supercarros restantes corriam sob a estroboscópica floresta de sequoias. Eram como foguetes, voando em fila a 300 km/h por uma estrada asfaltada de pista dupla.

Mais adiante, porém, as forças da lei tinham outro obstáculo esperando por eles. O primeiro depois que Monarch interceptara a mensagem “força letal autorizada”.

Uma viatura policial vazia tinha sido escondida atrás de uma grande sequoia. Estava com o motor ligado e muito acelerado. O grupo de pilotos, ainda voando com apenas milímetros de diferença entre eles, seguia sem saber na direção desse carro escondido e vazio, com o Bugatti de English Paul mantendo a liderança.

Um instante antes da chegada do grupo, um tira que esperava ali perto foi até o carro. Era seu cassetete que prendia o pedal do acelerador. Ele, então, engrenou a transmissão na posição *drive* e lançou de modo assassino a viatura na direção do grupo de carros que se aproximava.

English Paul quase passou pelo carro sem motorista; a velocidade absurda de seu carro quase o venceu, mas sua traseira foi tocada pela parte da frente da viatura policial, e o Bugatti simplesmente explodiu. A energia da explosão lançou o carro girando para fora da estrada e o interior da floresta, onde ele bateu em várias das árvores antigas antes de finalmente parar em meio a chamas fumegantes.

Monarch estava furioso. Agora ele sabia o que “força letal” significava.

Ele contou a seu público.

— O Bugatti acabou de ser eliminado por um carro de polícia vazio. Os tiras estão jogando sujo, e estão jogando para matar. E, minhas crianças, isso não está certo.

No entanto, como costuma acontecer nas corridas, a tragédia de um piloto é a oportunidade de outro. E foi assim para Tobey.

Um momento antes do acidente com o Bugatti, Dino pisou no freio e fez um desvio alucinado para não se envolver na carnificina. Foi uma demonstração de habilidade impressionante por parte de Dino, mas era exatamente o que Tobey estava esperando.

Em vez de pisar no freio e fazer o mesmo que Dino, Tobey continuou a acelerar e reduziu a distância para o Elemento e os restos do acidente do Bugatti.

Tudo aconteceu numa fração de segundo. Foi tão rápido que Tobey na verdade fechou os olhos no último instante de sua manobra... de tão perigosa e no limite que foi.

Contudo, quando abriu os olhos de novo, estava em primeiro lugar.

E Monarch estava empolgado de novo.

— Tobey Marshall está na ponta! — berrou ele. — O garoto pobre de Mount Kisco está bem perto de calçar o sapatinho de Cinderela!

No instante seguinte, Tobey saiu da floresta de sequoias. Estava a mais de 280 km/h e seguindo para a Pacific Coast Highway. Atrás dele estava o McLaren, e atrás do McLaren, um Dino muito puto.

A estrada se bifurcava ali, podia seguir reta ou virar à esquerda. Tobey entrou à esquerda a 260 km/h, sabendo que era ali que ficava a linha de chegada. Texas Mike e Dino fizeram a mesma coisa. Também viram, porém, quatro viaturas da polícia vindo direto em cima deles antes mesmo que virassem.

Esses carros policiais se juntaram aos outros, e agora havia uma grande perseguição no circuito da corrida. Uma meia dúzia de viaturas perseguiam os últimos competidores.

Contudo, Monarch estava ligado na situação.

— A maioria dos carros policiais chega, no máximo, a 210 km/h — disse ele a seu público. — Meus pilotos chegam quase ao dobro disso. Então, boa sorte, tiras. Nós contamos a vocês quem ganhou.

Milhares de pessoas por todo o mundo estavam acompanhando a corrida pelo programa de Monarch.

Benny era uma delas. Ele estava na cela de uma prisão militar em Nevada,

com o resto da tripulação do helicóptero Super Stallion furtado. Todos foram acusados de mau uso de propriedade do governo. Contudo, àquela altura, eles haviam se tornado grandes amigos, e Benny fizera de todos fãs de automobilismo. Seus guardas deixaram que eles acompanhassem a corrida pelo iPad de Benny, e a tripulação gritava tão alto quanto Benny sempre que Tobey fazia uma ultrapassagem.

Joe Peck e Finn também escutavam. Estavam na Fera, no estacionamento do hospital bem perto do quarto de Julia, torcendo pelo amigo sem sair de perto dela, porque era isso o que sabiam que Tobey gostaria que eles fizessem.

O grande público também incluía a própria Julia que, apesar de ainda presa a uma cama no hospital, estava se recuperando. Ela ouvia o programa de Monarch em seu notebook e gritava como uma louca a cada curva da corrida, ainda mais do que a equipe da Marshall Motors.

— Vamos, Tobey! — gritava ela repetidas vezes. — Vamos lá! Mais rápido! *Vamos!*

Ela começou a “guiar” o notebook como se ele fosse o volante do carro de Tobey. Estava até se inclinando para a direita e para a esquerda nas curvas, como se estivesse no carro com ele.

Seus gritos ficaram tão altos que eles acabaram atraindo a enfermeira do andar a seu quarto, preocupada que algo errado estivesse acontecendo.

— Me desculpe por isso — disse Julia. — É só que um amigo meu, ou melhor, um *grande* amigo meu, está disputando uma corrida de carros agora e está ganhando. É muito emocionante.

A enfermeira olhou para ela sem acreditar muito.

— É seu namorado? — perguntou ela.

Julia ia responder, mas parou antes de dizer qualquer coisa.

— Bem... — respondeu por fim. — No momento acho que ele me considera pouco mais que um bom copiloto.

A enfermeira girou os olhos, conferiu os monitores de Julia e então virou-se para ir embora.

— Uma garota que grita desse jeito por um cara? — Disse ela sobre o ombro. — Querida, é melhor dar um jeito de fazer com que ele seja logo seu namorado.

Os três carros sobreviventes agora voavam pela Pacific Coast Highway.

Seus pilotos não estavam, porém, prestando nenhuma atenção à linda vista. Coisas como as ondas quebrando e o oceano cintilante costumam se perder a 275 km/h.

Tobey ainda estava na ponta, e Dino ainda era o terceiro, mas tinha conseguido se aproximar do McLaren que estava em segundo. De repente, ele estava colado no para-choque de Texas Mike. Eles fizeram uma curva à direita e chegaram a se tocar. Aí chegaram num *hairpin* perigoso. Tobey passou com tranquilidade, mas os dois entraram fazendo drifts lado a lado. Dino, então, jogou o carro brutalmente sobre o McLaren. Texas Mike perdeu o controle, abriu demais o traçado, saiu da pista e caiu pelo precipício. Sua McLaren começou a despencar a mais de 180 km/h. Houve outra explosão de fogo e centelhas enquanto o carro se destruía rapidamente.

Monarch estava ligado, em cima do acidente.

— Cacete, que corrida — exclamou! — Mas Texas Mike acabou de virar churrasco... Dino Brewster acabou de jogar Mike e seu carro fora da pista e destruí-los. Sabem o que isso significa, minhas crianças? Essa corrida agora é totalmente pessoal entre os dois homens que restaram.

Tobey viu o acidente do McLaren no retrovisor. Quando a fumaça baixou, o Lamborghini de Dino de repente estava dois carros de distância apenas atrás dele. Atrás de Dino havia pelo menos seis carros de polícia em uma perseguição animada.

Dino rapidamente reduziu a distância entre ele e Tobey. Em segundos, estava na mesma posição da noite em que matara Little Pete. Tobey não teve problema em ver Dino no espelho retrovisor. Quase podia estender a mão e tocá-lo. O rosto de seu rival era uma máscara de raiva pura.

Tobey conhecia Dino bem. Sabia que, naquele momento, o rival estava desesperado... por dinheiro, por vingança, até por destruir provas. Isso significava que ele era capaz de fazer qualquer coisa.

Como Tobey tinha previsto, no instante seguinte, Dino fez seu movimento. Tentou tirar o Koenigsegg da pista. Tobey, porém, estava esperando pela manobra e contra-atacou de imediato, mas de um jeito totalmente inesperado. Em vez de pisar no acelerador e tentar escapar, ele pisou no freio e deixou que Dino passasse voando por ele.

Monarch ficou confuso, assim como seus milhares de ouvintes em todo o mundo.

— Tobey Marshall acabou de deixar Dino ultrapassá-lo! — gritou como um louco Monarch. — Acorde, Tobey! Acorde e sinta o cheiro desse Lamborghini de 2 milhões de dólares no seu bolso! Minha gente! Minhas crianças! É um duelo entre dois homens até a linha de chegada...

Contudo, assim que Dino passou por ele, Tobey imediatamente grudou em sua traseira. Ele agora seguia colado no para-choque traseiro do Lamborghini.

Dino olhou no retrovisor e logo percebeu o que Tobey estava fazendo. O

jogo tinha virado. Agora ele havia ficado na mesma posição vulnerável em que Little Pete estava na noite de sua morte. O bico do Koenigsegg de Tobey estava a um centímetro da traseira de Dino, mesmo com os dois carros seguindo a mais de 300 km/h. À frente, erguia-se a torre de um farol. Era a linha de chegada. Ficava literalmente depois da esquina seguinte.

Tobey segurou o volante com toda a sua força e sorriu com malícia. Finalmente tinha alcançado um objetivo antigo e sombrio. Todos os dias na prisão, as semanas e os meses solitários repetindo sua oração, fazendo suas flexões, só torcendo pela chance de estar aonde estava naquele exato momento. Para fazer Dino sentir o mesmo que Pete sentiu segundos antes de morrer.

Mas, e depois? Ele estava ali. Tinha alcançado seu objetivo, mas o que aquilo significava? E o que devia fazer agora?

O giro de seu motor entrou no vermelho naquele instante. Ele estava como pé embaixo, a mais de 350 km/h.

De repente, Tobey jogou o carro para a outra pista. Isso lançou o Koenigsegg para o lado do Lamborghini.

Dino, ao ver isso, achou que tinha morrido e estava no paraíso. Imediatamente, ele girou o volante para a direita para bloquear a passagem de Tobey, numa tentativa de acabar com ele de uma vez por todas...

E então aconteceu. Todas aquelas horas e aqueles dias que Tobey tinha passado revivendo cada movimento de cada corrida que já havia disputado, tudo aquilo ressurgiu do nada. Pete estava falando com ele do além.

De repente. Tobey soube exatamente o que fazer.

Ele tornou a pisar nos freios. Isso fez Dino passar direto à sua frente e atravessar a pista. O Lamborghini atingiu o acostamento de cascalho a uma velocidade tremendamente alta, e a falta de tração o fez capotar sem controle até parar com as rodas para cima, deslizar até a beira do penhasco e cair, explodindo em chamas.

Monarch não conseguiu se conter.

— Dino tentou um golpe sujo! — berrou. — E se ferrou, porque Tobey estava pronto para ele! Dino capotou com seu Lamborghini! Ele está fora! Dino Despencou! Dino Despencou! Tobey Marshall é o último homem de pé. Ele vai vencer a De Leon.

Era tudo o que Tobey podia fazer para manter a calma. Ele tinha visto o acidente de Dino no retrovisor. Viu o Lamborghini pegar fogo, criando uma nuvem densa de fumaça negra quase instantaneamente. Viu as chamas começarem a devorar o carro de Dino.

— Monarch Mania! — Monarch não parava de berrar. — Esta é a De Leon mais louca de todos os tempos... Já tivemos acidentes no passado, mas esta? Só

um carro resistiu! Esse garoto, o Marshall, está com o caminho livre para a vitória...

De repente, porém, Tobey começou a se sentir muito estranho. É, ele tinha alcançado seu objetivo e mais, permitindo que Dino se matasse. Contudo, nada do que fizera na prisão o preparara para esse momento. O momento *depois* de seu suposto triunfo.

Dino estava morto e queimando, como Little Pete tinha queimado. E tinha sido culpa do próprio Dino. Seu ego desesperado provocara aquele acidente horrível. Mas o que Tobey devia fazer agora?

Ele de repente se xingou em voz alta.

— Você não pensou em *tudo*, seu merda!

Então, em menos de meio segundo, ele deu um cavalo de pau de 180° com o Koenigsegg e voltou até o acidente de Dino.

Monarch não podia crer no que estava vendo.

— Esperem um instante — disse ele a seus seguidores. — Que porra está acontecendo aqui? Será que estou vendo coisas?

Tobey freou, parou perto do Lamborghini acidentado e saltou. Tirou a jaqueta e correu até o lado do motorista do carro quase todo envolvido pelas chamas, ouvindo os gritos de socorro de Dino. Usando a jaqueta para se proteger, ele se meteu no meio das chamas, agarrou Dino pela jaqueta de couro e o arrastou com dificuldade para fora do carro.

Monarch ficou atônito.

— Tobey, o que está fazendo comigo? — berrou ele. — Você está a menos de um quilômetro da linha de chegada! Vá até o farol, filho! Vá até o farol!

Tobey arrastou o rival ainda zozado cerca de cinco metros do carro em chamas, o fez sentar e deixou que inalasse um pouco de ar puro.

— Você está bem? — perguntou Tobey. — Está machucado?

Dino apenas sacudiu a cabeça. — Estou bem — disse ele, mal conseguindo falar. — Estou bem...

— Isso é bom — disse Tobey. — Por que Pete mandou lembranças.

Tobey se inclinou para trás e deu um soco de direita com toda a força na cabeça de Dino. Nunca tinha batido em ninguém com tanta força na vida antes, dentro ou fora da cadeia. Foi tão forte que Dino caiu de cara no chão.

Aí Tobey ouviu algo a pouca distância. Eram sirenes, se aproximando depressa.

Ele voltou para o Koenigsegg assim que a polícia chegou à cena. Duas viaturas pararam onde Dino estava esparramado, quatro outras seguiram atrás de Tobey.

Ele entrou no Koenigsegg e pisou fundo. Quase voou de verdade até o

farol, com a polícia bem na sua cola.

Inspirou fundo. Sabia que era a hora de se concentrar no que fazia melhor, ou seja, dirigir sem falhas, na velocidade da luz.

Cruzou a linha de chegada segundos depois. Foi tudo de que precisou. Passou num piscar, mas ele sentiu que Pete estava com ele naquele instante. Sentado ao seu lado, rindo como sempre.

Ele completou a visão do amigo. Afinal, ela havia se realizado, e *isso* era o mais importante de tudo.

Tobey simplesmente estacionou o carro e esperou. Os carros da polícia frearam cantando pneus atrás dele e o cercaram com sirenes e luzes piscando. Ele botou as mãos para fora do carro depois abriu a porta e saiu.

Ele deitou no chão com braços e pernas afastados para facilitar o trabalho dos policiais de algemá-lo.

Estava dolorido, imundo, suado, com queimaduras nas mãos e exausto. E preso.

No entanto... havia um sorriso em seu rosto.

* * *

Pouco tempo depois, Monarch terminou seu programa sobre a De Leon. Sua voz estava tranquila, calma e reservada, não em seu estado habitual.

— Tobey Marshall ganhou a De Leon — começou ele. — E foi recompensado não com supercarros no valor de 7 milhões de dólares, mas com pulseiras da polícia. É. Eles o algemaram e o prenderam. E Dino Brewster também vai ficar em cana por muitos anos. Soubemos agora que Dino estava envolvido no acidente que matou Pete Coleman e que também estava aplicando um golpe financeiro do tipo pirâmide de investimentos. E agora, Dino? Cuidado para não deixar cair o sabonete, garoto bonito. Uau. Todos aqueles carros destruídos e apreendidos. A polícia destruiu minha *Mona Lisa*. Oh, Mona... mas posso fazer uma Mona Lisa nova, e eu vou. A De Leon não morreu! Então até a próxima, meus súditos leais. E mantenham a porra da *Need for Speed*.

Monarch desligou o microfone e bateu uma palma de satisfação.

Ele gostava de ser um homem misterioso. Ele tinha sido mesmo um piloto de Fórmula 1 alguns anos antes. Tinha pilotado em todas as principais pistas do mundo e com bastante sucesso. Na verdade, ele provavelmente era bom *demais* nisso, seu coração acabou com problemas pelo fato de assumir riscos demais e pelo excesso de adrenalina. Ou pelo menos foi o que seus médicos lhe disseram

Depois disso, ele patrocinou pelo menos uma equipe em toda corrida

importante do mundo, principalmente porque era o que sua família muito rica e tradicional queria que ele fizesse.

Contudo, em segredo, ele também apoiava sua verdadeira paixão: corridas de rua. E faria de tudo para vê-las se popularizarem.

Esse era o objetivo da De Leon e de seu programa.

Naquele instante, ele se levantou e saiu de trás do equipamento. Suas amigas, as gaivotas, piavam loucamente. Em geral, ele as enxotava... elas amavam o refúgio de seu farol, mas enquanto ele estava no ar, elas podiam distraí-lo. Entretanto, agora que o programa tinha terminado, elas podiam gritar quanto quisessem.

Ele saiu do estúdio e foi até a grade de proteção do farol. Olhou para o oceano cintilante. Estava azul-profundo, com ondas rolando, mas não muito altas. Com certeza não eram ondas para surfistas. Aquele não era o pacífico. Monarch estava observando o Atlântico.

Ele se debruçou na grade e inspirou o ar quente do sol do meio da tarde.

— Ah, não há nada como isso — disse ele. — Nada como o grande estado do Maine.

A SENTENÇA de Tobey foi leve.

Dessa vez ele concordou com o acordo proposto e aceitou cumprir seis meses por furto de automóvel.

Não foi tão mau. Ele foi mandado para a ala de segurança mínima de uma prisão na região de São Francisco. Dessa vez, sem solitária. Sem drama. Sem orações. Sem brigas de gangues. Só muito tempo sentado sem fazer nada conversando com outros presos ladrões de carro sobre tudo o que envolve automóveis, e tudo sobre corridas de rua.

Entretanto, ele jurou que, dessa vez, quando saísse, nunca mais seria preso de novo.

Estava sentado a uma mesa na sala de visitas como fazia toda quarta-feira exatamente às 13 horas.

As portas finalmente se abriram, e Julia entrou, como fazia em todo dia de visita, mais maravilhosa que nunca.

Como em todo dia que se encontravam, ele começava a conversa com palavras simples:

— Você está linda.

E como sempre, Julia derreteu, mas nesse dia, isso durou apenas um momento. Aí ela ficou toda séria.

— Falei com Ingram — ela disse. — Ele disse que você ainda deve a ele. Quer almoçar com você para combinar alguma coisa. Acho que pode ter algum emprego de pilotagem para você na jogada.

— Bem, estou livre para o almoço em, deixe-me ver, 178 dias — disse Tobey.

— Está marcado — ela respondeu sem perder a brincadeira.

— Mas lembre-se — disse a ela. — Primeiro, temos de tirar Benny na cadeia em Nevada. Eles levam roubo de helicóptero muito a sério por lá. Ele vai

sair mais ou menos ao mesmo tempo que eu. Vamos ter de marcar um encontro com a Fera.

— Você sabe que isso fica a mais de mil quilômetros daqui? — disse Julia.

— Parece que vamos precisar de um carro rápido — disse Tobey.

— Já tenho um — ela disse com um sorriso.

E 178 dias depois, Tobey saiu da prisão.

Ele foi saudado no portão pelo ronco de vários cavalos. Aí uma verdadeira obra de arte surgiu à sua frente. Era um Mustang gt 2015.

Julia baixou a janela.

— Entre — ela disse para ele.

Tobey, porém, sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum — disse ele. — Eu já vi você dirigir.

Um minuto depois, o Mustang estava vivo e roncando outra vez. Tobey estava ao volante, pisando o acelerador. Julia estava no banco do carona.

Ele saiu cantando pneus agressivamente, soltando a embreagem sem liberar os freios. Aquilo soava como uma sinfonia para ele.

Aí ele soltou o freio, as rodas finalmente pegaram tração e arrancaram pela estrada desolada que circundava o perímetro da prisão, a caminho da autoestrada que ficava adiante.